

20951

D

f folclore

Boletim da Comissão Catarinense de



- 06 -

Unitermo

Biblioteca Pública do Estado

ANO: 1981 - nº 34

Catarina

Pede-se permuta
pidesse canje
We ask exchange
Sirichiede lo scambio
On demande l'échange
Man bitet um Austausch
Oni petas intersangon

Comissão Catarinense de Folclore
Presidente: Doralécio Soares
Comissão de Revista: Diretor Doralécio Soares—
A. Seixas Netto, Nereu do Vale Pereira e
Theobaldo Costa Jamundá.

Endereço para correspondência: Rua Julio Moura, 28, 1o. andar
88.000 – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil

Edição patrocinada pela Fundação Catarinense de Cultura.

Clas.: —

Reg.: 073

Data: 11.06.96

SUMÁRIO DESTA EDIÇÃO

No presente volume, estamos apresentando importantes estudos, dentre os quais recomendamos, por sua momentaneidade:

- Editorial — Doralécio Soares
- Homenagem Especial a Renato Almeida
- Meteorologia Matuta — por A. Seixas Netto
- Do Fato Folclórico e o Fato Turfístico — por Nereu do Vale Pereira
- Culinária Típica da Cozinha Catarinense — por Doralécio Soares
- A Inspiração Musical e A Expressão Folclórica — por Carlos Alberto Angioletti Vieira
- Tradições Polonesas — por Maria Terezinha Sobierski Barreto
- Rita Maria — por A. Seixas Netto
- Página Campeira — por Tio Amadeus
- Tradicionalismo Mascarado — por Teófilo Matos
- A Serraria e O Empobrecimento da Cultura — por José Ari Celso Martendal
- Pontos nos is (Carta a Doralécio) — por Theobaldo Costa Jamundá
- Auto do Boi e Suas Mutações, por Myriam Conceição Dias Beltrão.

Homenagem póstuma a THEO BRANDÃO e DOMINGOS VIEIRA FILHO

Outros estudos em áreas especiais e farto noticiário completam esta edição do nosso Boletim.

O Secretário

NOSSA CAPA

O Folgado do Boi-de-Mamão é uma das brincadeiras do Folclore Catarinense de maior aceitação popular, encantando principalmente, as crianças. O Boi-de-Mamão saiu da zona litorânea e introduziu-se pelos municípios catarinenses. Em razão do que afirmamos, publicamos em nossa Capa um desenho do aluno Adilson Santos Quirinoto, da 4a. série da Escola Básica "Eliseu Guilherme" do município de Ibirama.

Entre as dezenas de desenhos e fotos que acompanharam os Relatórios das Unidades Escolares das UCRES, alusivos às comemorações do Dia do Folclore, enviados à Comissão Catarinense de Folclore, por determinação do Sr. Secretário Adjunto, Prof. Aderson Flores, foi escolhido o desenho de Adilson, pela maneira espontânea como ele viu a presença do boi, cavalinho e vaqueiro, numa brincadeira de Boi, sem faltar o aspecto ambiental com as casas enfeitadas para receber o Boi-de-Mamão.

Parabéns, Adilson Santos Quirinoto, pela sua contribuição à vivência do nosso folgado mais popular.

Sumário	1
Nossa Capa	2
Índice	3
Editorial	5
Homenagem Especial a Renato Almeida	7
Do Fato Folclórico e do Fato Turístico . Nereu do Vale Pereira	8
A Meteorologia Matuta da Ilha de Santa Catarina	A. Seixas Netto 12
Tradições Polonesas	Maria Therezinha Sobiersjski Barreto 16
Culinária Típica da Cozinha Catarinense . Doralécio Soares	19
A Inspiração Musical e a Expressão	
Folclórica	Carlos Alberto Angioltti Vieira 23
Rita Maria	A. Seixas Netto 29
Página Campeira	Tio Amadeu 31
Tradicionalismo Mascarado	Teófilo Mattos 35
A Serraria e o Empobrecimento da	
Cultura	José Ari Celso Martendal 38
Pontos nos is—(Carta a Doralécio)	Theobaldo Costa Jamundá 42
A Obra Monumental de ANA MARIA	
AMARO	A. Seixas Netto 65
Pesquisa e Registro Especial	
(Pão por Deus)	Doralécio Soares 67
Quadras Populares	Ayres Gevaerd 70
Festival de Pandorgas	A. Seixas Netto 71
NOTICIÁRIO DE SANTA CATARINA — Promoção do Folclore nas	
Escolas	73
Auto do Boi — Myriam Conceição Dias	
Beltrão, PARECER,	A. Seixas Netto 76
Zacarias e o Boi-de-Mamão	Doralécio Soares 77
Julgamento de Apresentações Folclóricas . Jornal Correio do Povo	79
Noticiário: São Francisco do Sul e	
Araquari — SC	Sônia Maria Copp da Costa 83—84
Noticiário: São Martinho — “Medicina Popular” Colégio Fridolino Hülse	86
Noticiário: Lages—SC	91

“São Gonçalo”, uma tradição ainda viva	
Jornal A Notícia	95
Concurso Marechal Rondon—SC	95
II Encontro Catarinense de Conselhos de Cultura Doralécio Soares	98
V Congresso Nacional de Escritores	102
Civilizações Primitivas do Contestado	103
Noticiários de Outros Estados	104
Aracaju—VI Encontro Cultural de Laranjeiras	104
Prof. Domingos Vieira Filho	106
Theo Brandão	107
Noticiário: Território do Amapá, Brasília, Recife, PE	108
Noticiário: Belém, PA. Napoleão Figueiredo	109
Olimpia, SP — Capital Brasileira do Folclore	110
Natal—RN. II Encontro de Folclore do Rio Grande do Norte	110
Rio de Janeiro—RJ. FUNARTE, comemorando o seu 50. aniversário	111
São Paulo: Comissão de Folclore e Artesanato do Conselho Estadual	111
São José do Rio Preto — SP. O MAP — Museu de Arte Primitiva	111
Minas Gerais—Belo Horizonte: XII Salão Nacional de Arte	112
Bahia — Salvador — BRASIL POÉTICO — Um lugar ao Sol para o Poeta Re- pentista	112
Poesia do poeta catarinense Juradyr Schmidt “Que Vontade”	113
Registro de “Livros e Periódicos”	113
Livros — Brasil FESTA POPULAR	115
Encontro de Educação Musical	116
FUNARTE, lança “Folclore Paranaense de Roselys Velozo Roderjan”	116
Vicente Juarimbu Salles: Prêmio Silvio Romero 1981	117
Festa da Criança a Entrega do Prêmio Marechal Rondon 81	118
POMERODE — Resumo Histórico	119
CTG. Porteira Aberta	121

EDITORIAL

CULTURA E EDUCAÇÃO

COMUNICAÇÃO DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, AO II ENCONTRO CATARINENSE DE CONSELHOS DE CULTURA.

A recém-criada Secretaria de Cultura no MEC, com suas duas Subsecretarias agilizará todo sistema cultural, patrimonial e artístico nacional, numa dinâmica que envolverá vários setores culturais existentes no país.

A evidência do que afirmamos, está consubstanciado, ter sido a sua direção entregue ao Professor Aloísio Magalhães, expressiva figura dos nossos meios culturais, com relevante prestação de serviço ao MEC.

A Revista Cultura No. 36 – abr/jun. 81, dimensionou a cultura em seus vários aspectos, em que diz no seu EDITORIAL – “Cultura em sua nova fase”, cujo tópico transcrevemos: – “daí igualmente, o intento de procurar-se integrar na vida nacional as expressões mais vivas e originais da criação coletiva, ao lado, evidentemente das criações individuais umas e outras manifestações da alma popular.

Nesta perspectiva, tanto vale o poema, o quadro, a sonata, o livro, quanto o monumento, a manifestação folclórica, criações individuais ou coletivas, expressões vivas do gênio nacional”. MPN.

É uma definição das mais expressivas, definindo realmente a distensão da cultura, ora compreendida num enfeixe de uma “pequena minoria ou elite privilegiada dos letrados e bem pensantes”, como acentua o articulista.

Já Aloísio Magalhães, no seu artigo “As Duas Vertentes do Bem Cultural”, justificando a não necessidade momentânea da criação do Ministério da Cultura, diz que “por enquanto em nosso país, não se pode divorciar cultura e educação, mas muito ao contrário, é necessário, incentivar o estreitamento das relações entre as duas áreas, em virtude do papel primordial que o processo cultural desempenha no educacional, à medida que uma educação desprovida de seu contexto sócio-cultural não passa de mera técnica sem grande utilidade ou serviço da progressiva perda de identidade nacional. Não há desenvolvimento harmonioso e nem se faz nação forte, se na elaboração das suas políticas econômicas do País, não são levadas em consideração as variáveis culturais e o papel que aí desempenha o sistema educacional”. Continuando diz Aloísio Magalhães, “Impõem-se portanto a necessidade de

atribuir-se a devida importância aos diferentes contextos culturais existentes no País e com os quais as ações educativas devem iniciar um processo de maior interação. O espaço educativo onde se processa a aprendizagem deve ser o espaço da interação das diferentes culturas que compõe o universo cultural brasileiro”.

Citando Mario de Andrade, quando dizia que, “O ensino primário — é imprescindível, mas são imprescindíveis também os instintos culturais em que a pesquisa vá de mãos dadas com a vulgarização, com a popularização da inteligência”.

Eis aí conceitos que vêm ao encontro do que questionamos: a não-padroneização sistemática do ensino do primeiro grau, pura e simples. Sendo Santa Catarina um Estado de “interação de diferentes culturas”, os currículos escolares, deveriam tender-se à adaptação de metodologias atinentes à absorção de culturas geradas pelos “valores próprios da comunidade”, sem distorções da dinâmica cultural e educacional, conforme acentua Aloísio Magalhães. A meu ver, uma programação de pesquisa contínua de todos os valores atribuídos às culturas geradas pela comunidade.

Com a criação da Secretaria de Cultura em nosso Estado, que “divorciou-se” da Educação, sofreu esta, um processo de estagnação cultural. É bem verdade que a maioria das Escolas Básicas, mantêm os seus Centros Cívicos, cuja finalidade é processar além das comemorações cívicas, o movimento cultural integrado aos alunos, professores e comunidade, cujo Centro é orientado por uma professora integrante do corpo docente.

Muito embora nas UCRES, sejam enquadrados especificamente professores de nível superior, da área de educação artística, as Unidades Escolares componentes, não recebem orientação dentro de uma sistemática cultural programada. Em razão do qual as professoras orientadoras dos Centros Cívicos, partem para a improvisação cultural e cívica. Creio entretanto que isso não ocorre somente em Santa Catarina, deve ser comum em quase todos os Estados da Federação Brasileira.

Mesmo que o MEC, sistematize com as Diretrizes de Planejamento, uma programação para 1982, tendo por base a “educação e o desenvolvimento cultural” somente serão alcançados seus objetivos se a abrangência dessa programação atingir todas as áreas atinentes aos Estados. No meu entender haverá uma revolução na sistemática educacional com a associação das nossas raízes culturais no contexto sociocultural da educação.

Oxalá seja cumprido tão brilhante plano.

Doralécio Soares

HOMENAGEM ESPECIAL

RENATO ALMEIDA

Ao fazermos o registro do passamento de Renato Almeida, estamos contristados por perder o folclore brasileiro uma das suas mais expressivas figuras, cuja obra deixada, pelo seu valor inestimável, representa um marco glorioso nos anais da história do Folclore Nacional.

Conhecemos Renato Almeida, já na década de 50, quando aprendemos a respeitá-lo pela sua apaixonante dedicação a tudo quanto se relacionava às manifestações da cultura popular brasileira.

Autor de várias obras com substancial valor, seria de grande importância para a cultura nacional, se as mesmas fossem reunidas numa edição em que se enfeixassem, em mais de um volume, possibilitando a todos os órgãos culturais, escolas e bibliotecas públicas ou particulares, mantê-los em suas prateleiras para diuturnas consultas, tal o valor que essas obras encerram.

Renato Almeida partiu para o Oriente Eterno, mas a sua imagem permanecerá para sempre em nossas memórias, lembrando os preciosos momentos que o tivemos em nosso meio.

Nós da Comissão Catarinense de Folclore, apresentamos nossos sentidos pêsames pelo seu infausto passamento, daquele que soube ser o mais autêntico dos folcloristas nacionais.



Renato Almeida, entre amigos folcloristas, por ocasião do IV Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em Brasília.

DO FATO FOLCLÓRICO E DO FATO TURÍSTICO

Prof. Nereu do Vale Pereira
L.D. Sociologia. UDESC/UFSC

A presença do turismo junto às sociedades humanas não é fenômeno recente. Esta constatação pode ser alicerçada quando se toma a concepção do que seja turismo, isto é, a movimentação de pessoas com objetivos lúdicos e culturais. Desde a mais remota antiguidade que os homens deslocam-se de sua habitual residência, com vistas a conhecer "coisas novas" e outras culturas, outras formas de fazer, sentir e simbolizar as coisas, e, principalmente, as formas ligadas às camadas populares.

O que realmente é certo, sem sombra de dúvidas, é que o grande desenvolvimento do turismo ocorre no século XX, como consequência do advento da máquina e dos transportes massivos. Com estes recursos e acréscimos da "renda pessoal disponível", popularizou-se o "The grand tour" (1)

É de todo oportuno que, ao se desejar abordar correlações entre turismo e folclore, deva-se também, e "a priori", registrar algumas definições de turismo, cotejá-las com as de folclore e extrair de entre ambas, algo de comum e reciprocamente interferente.

Tem a corrente turística por base, a figura do turista, do "homem turístico", tomando-o como aquele que viaja por curiosidade, distração, descanso, diversão. Move-se o turista, pelo desejo de romper a rotina onde está envolvido e principalmente, fugir da "pressão" da vida urbana moderna, que coloca o homem em "stress" e em palco diversificado de poluições. Deseja um quadro ecológico diferente. O fugir do cotidiano e o contato com o extraordinário deixa o homem psicossocialmente renovado.

Assim, o processo turístico é representado pelo constante deslocamento de pessoas que se afastam temporariamente do seu meio social, com o objetivo de conviver em ambientes culturais diferentes.

Convém recorrer, ainda, a definições elaboradas, do turismo, tais como:

"Turismo é o conjunto de relações e fenômenos que resultam das viagens e da estada dos não-residentes" (Hunziker e Krapf) (2)

"Turismo é o conjunto de deslocamentos voluntários e temporais determinados por causas alheias ao lucro; o conjunto de bens e serviços e organização que determinam e tornam possíveis estes deslocamentos e as relações e fatos que entre aqueles e os viajantes têm lugar" (3)

É justamente no final desta definição que aparece a razão deste artigo-relação entre os fatos turísticos e folclóricos”. Não se trata de esgotar o assunto e sim de exercício de abordagem de um tema de muita complexidade e muito pouco explorado.

“Entende-se por folclore um corpo orgânico de modos de sentir, pensar e agir peculiares às camadas populares das sociedades civilizadas” (4)

Concebemos o folclore como o conjunto dos fatos culturais produzidos pela criatividade popular. Como fruto da cultura espontânea, o folclore é de natureza dinâmica e, paradoxalmente, tradicional e de aceitação coletiva.

Para Rosini Tavares de Lima, o folclore é tomado como “Ciência que estuda os fatos da cultura material e espiritual, criados ou adaptados pelos meios populares dos países civilizados, que podendo ou não apresentar as características de anônimo e tradicional, são essencialmente de aceitação coletiva” (5)

Num confronto dessas definições de folclore e turismo, pode-se formular uma série de hipóteses de trabalho, dentre elas, destacando-se, de momento, e por interesse específico, as seguintes:

- a) O processo de interação social, dentro do mundo turístico, é desenvolvido principal e basicamente, entre o turista e a sociedade receptiva;
- b) A interação social conseqüente da penetração turística provoca sobre a sociedade receptiva, um processo conflituoso de mudanças;
- c) Na fricção cultural entre turismo e folclore, o fato folclórico entra em rápido processo de deteriorização e decomposição.

Dessas três hipóteses, a última é a que deve merecer maior atenção, quando se tem em vista a preservação do folclore.

Quando se vê a intensa publicidade turística dentro da sociedade urbana presente, e que essa publicidade dá ênfase ao folclore, com um atrativo estimulador da curiosidade turística (a curiosidade é a principal mola impulsora das correntes turísticas), pois o folclore sempre oferece a tipicidade e a originalidade de cada grupo humano, é de se constatar o quanto as manifestações folclóricas das sociedades receptivas ficam expostas à sofisticação e à comercialização quando a massa turística sobre elas se debruça.

Sendo assim, o fato folclórico, que tem por uma das características básicas, a espontaneidade e a criatividade popular, perde sua pureza e autenticidade, perdendo, ainda, a originalidade e a funcionalidade.

De fato, o folclore é funcional. Ele representa, para a sociedade geradora, funções sociais muito claras e significativas. Algumas manifestações revestem-se de uma expressiva pedagogia educativa, como, por exemplo, o “Pau de fitas”, na Ilha de Santa Catarina (6)

Também o “Boi-de-mamão”, da Ilha de Santa Catarina, tem uma função lúdica e ao mesmo tempo satírica, onde a sanção social se realiza sob original forma da ridicularização.

Poderemos alinhar outros fatos folclóricos insulares que têm funcionalidade claramente perceptível, a saber:

- 1) as rezas e benzeduras, com função terapêutica;
- 2) o “Pão por Deus”, com funções sentimentais;
- 3) a toponímia geográfica (com nomes populares), indicando, com segurança, lugares, vilarejos e acidentes geográficos;
- 4) a cerâmica, com funções utilitárias e decorativas, etc.

Tudo se realiza no anonimato da cultura popular espontânea, tem épocas próprias e se manifesta segundo as necessidades de cada grupo humano e não porque a sociedade vai receber a visita de turistas.

O fato social serve aos interesses sociais da própria sociedade e não como um palco, frente a espectadores turísticos curiosos.

Em sendo o turismo alimentado pelo folclore, este passa a ser representativo em “autos” sociais, forçados pelas circunstâncias do momento ou pela remuneração pecuniária correspondente.

Muito embora alguns fatos folclóricos tenham função de arrecadar dinheiro, na verdade, o móvel, quanto à finalidade, se adulteram quando conduzidos para o mundo do turismo.

Nas manifestações folclóricas naturais, as arrecadações, ou coletas, ou ofertas, ou oblação têm sempre finalidade social e coletiva. Quando elas são canalizadas para o turismo passam a ser renda pessoal para os atores folcloristas, soldo ou jornada ou, para ser mais moderno, renda, “cachê”.

Não há fato ou manifestação folclórica que resista, na sua estrutura social, ao impacto da interação social turística.

Cada manifestação tem época própria, reforçando a função pedagógica do folclore. Fora desta realidade, ele age sob encomenda, sob estímulos exibicionistas e se sofisticada.

Certo é, também, que em muitos momentos adequados, o turista pode assistir e até participar, de autênticas manifestações folclóricas, porém, nunca massiva ou grupalmente e sim, tendendo para o anonimato e a espontaneidade, pois, caso contrário, a interação social estaria atuando de modo a desfigurar a originalidade.

Por tudo o que foi dito, ainda que abordado superficialmente, em forma de artigo, ficam lançadas à reflexão, algumas considerações quanto às influências negativas que as correntes turísticas provocam sobre o folclore das sociedades receptoras.

Esta postura questiona a Resolução de Tlateloco, conclusão da Confe-

rência Regional das Comissões da UNESCO no hemisfério Ocidental, de 1967, que estabelece:

“cuidar da conservação e apresentação de bens culturais” e

“fomentar o artesanato, a arte popular e o folclore (grifo nosso), como complemento do turismo cultural”.

NOTAS

(¹) *Expressão geradora do termo “turismo”, segundo Avillaga, José Ignácio – In: Introdução ao Estudo do Turismo, citando Marc Boyer – Le Tourisme, Editora du Seuil, Paris, 1972.*

(²) *Citados por Avillaga, José Ignácio – Introdução ao Estudo do Turismo, Editora Rio, Rio de Janeiro, 1976.*

(³) *AVILLAGA, José Ignácio, idem p. 25.*

(⁴) *CARNEIRO, Edson. Dinâmica do Folclore. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 1965. p.1.*

(⁵) *Nesta definição há confusão entre Fato – realidade – vivência, folclore e folclorologia/ciência do folclore.*

(⁶) *A dança do pau-de-fitas busca mostrar o “trançado” da vida matrimonial desde o namoro até a procriação.*

A METEOROLOGIA MATUTA
DA ILHA DE SANTA CATARINA

A. Seixas Netto
(Da Academia Catarinense de Letras)
(Da Comissão Catarinense de Folclore)

Como a edição deste nosso estudo e coletânea de ditados será feita em Português usual e matutês, — (o falar do matuto ilhéu) —, estamos, a seguir, dando os primeiros 25 provérbios, — (publicados no Boletim anterior) —, em linguajar matuto, indicando a área sub ou co-dialetal de cada um, já que, na ilha, há, distintamente, como ficou dito, cinco co-dialetos com intrusões lingüísticas de diferentes línguas dos antigos colonizadores e ocupantes piratas. Deste modo, sigamos:

EM MATUTÊS

1

*Di manhã gatu lambenu
di noiti istará chüvenu*

(Da zona do antigo Saco Grande)

2

*Gatu nu chãu in rodia
É friu qui vem pela tria*

(Da zona de Santo Antônio de Lisboa)

3

*Gatu istiradu nu chãu
É bom tempu i calorãu*

(Saco Grande)

4

*Pass'ro avuanu renti u chãu
Munto calori i baxa pressãu*

(Da zona do Ratonés)

5

*Munto arto ávi avuãnu
arta pressãu vai cheganu*

(Ratonés)

6

*Aribú avuanu in circu
danu vorta pras dereita
é ventu sulí a ispreita*

(Zona de Canasvieiras)

7

*Aribú avuanu bem baxo
pras isquerda vorteanu
é ventu norti vortanu*

(Lagoa da Conceição)

8

*In manhã vermêia
nem campu nem rêia*

(Zona sul da Ilha)

9

*Núvi vermêia au soli nacenu
traz chuva forti au soli morrenu*

(Zona sul da Ilha)

10

*Artas nuvi rabu di galu
para u norti si disfianu
massa fria du sulí cheganu*

(Zona da Lagoa da Conceição)

11

*Lanosus cumilus brançu,
isparsus du norti vindu,
é calori qui istá surgínu*

(Rio Vermelho)

12

*Cumilu brançu di lã,
isparsu, nu céu passanu,
u bom tempu istá cheganu.*

(Saco Grande)

13

*As galinha si catanu,
Ceu nubradu i vento brandu*

(Saco Grande)

14

*U galu à tardi cantanu,
Nuvis iscuras cheganu
i temporali si formanu*

(Saco Grande-Santo Antônio)

15

*Galinha a sombra buscanu,
Soli quenti i calori vibranu*

(Saco Grande)

16

*Si u galu, di madrugada,
canta longu i sonorosu
vem munto clara a manhã
i dia di soli radiosu*

(Saco Grande)

17

*U cachorru inrudiadu
u tempu istará moiádu*

(Saco Grande e Sul da Ilha)

18

*U trevu todú fechadu
chão umidu i ceu moiádu.*

(Em toda a Ilha)

19

*Nuvi bem arta, mui grossa i vasta,
Ventu forti i tempestadi arrasta.*

*(Toda a orla praia. É só sistema de
previsão usado pelos pescadores)*

20

*Cum chero di marisia
Ventu suli nesti dia.*

*(Toda a orla praia. Serve aos
pescadores para comunicar mudança de tempo)*

21

*Chero di barru nu ar cheganu,
é u ventu terrali resfrianu.*

*(Toda a ilha, para sua previsão do
tempo, usa o ditado)*

22

*Rabu di galu artu torcenu
é ressaca qui vem batenu*

(Em toda a ilha, para os casos anteriores)

23

*Céu pru Uésti isgazianu,
muntu friu nas serrania,
munta taíinha cheganu.*

*(Em toda a orla praia, como
os casos anteriores)*

24

*Serenu di manhanzinha
Munto calor à tardinha*

(Santo Antônio/Saco Grande/Agrônomic)

25

*U dia carmu i mar crespu
sem grandi ondiação
é ventu di viração*

*(Toda a orla praia, para o mesmo caso
de previsão, como nos casos 19 a 23)*

Deste modo, vemos que, na meteorologia matuta, a observação vai desde o comportamento dos animais, — (gato, pássaros, urubu, galinha, galo, cachorro) —, às variações de formas das nuvens, aos odores de terra e do mar. É importante observar que muitos ditados têm variação mais antiga, sem a intromissão de palavras contemporâneas que chegam aos matutos pelo rádio e pela televisão. Desta maneira, por exemplo, o ditado primitivo para o número 10 era:

10

*Artas nuvi rabu di galu
para u norti si disfianu
pesadu friu di suli cheganu.*

Já a de número 5, tem a forma mais antiga que diz:

5

*Munto artu avi avuanu
Abafamentu vai cheganu*

E a número 4 apresentava esta forma mais antiga:

4

*Pass'ro avuanu renti u chão
munto calori i abafação*

O matuto distinguia perfeitamente as diferenças de pressão atmosférica, designando a Alta Pressão como **friu pesadu** e a Baixa Pressão como **abafação**. O Céu enevoadado, com o Sol coberto provocando calor, quando os raios ultravioletas chegam a queimar a epiderme, produzia a situação que denominavam de **mormaço** (ar mormo), que, atualmente, com o grande desconhecimento que há da própria língua luso-brasileira, se diz erradamente **mormaço**. Ora, no linguajar matuto **mormaço** era o estado de doença do **mormo**. Daí porque a incultura de hoje, o fracasso do ensino, e a estupidez dos donos do saber. Tudo é profissionalizado, impedindo o homem de criar segundo a natureza do lugar, da vida. Tem muito mais valor e precisão a meteorologia matuta dos provérbios, observados diretamente dos comportamentos e fenômenos, que toda a tal engrenagem dita científica.

(Na próxima edição do Boletim, o 2o. Capítulo, com a parte em português, contendo os ditados de 26 a 50)

TRADIÇÕES POLONESAS

Maria Therezinha Sobiersjski Barreto – (U.F.S.C.)

No Estado de Santa Catarina, na região do Alto Vale do Rio Tijucas, junto aos rios Bonito e Boa Esperança e Ribeirão Nova Galícia, localizaram-se em fins do século XIX famílias de origem polonesa. Estes imigrantes chegaram em duas ocasiões: a primeira, em 1890 e a segunda, em 1895.

Em dezembro de 1977 e maio de 1978 realizei entrevistas com descendentes dos imigrantes, residentes nas localidades de Pinheiral e Nova Galícia, atualmente pertencentes ao Município de Major Gercino e Paróquia de Boiteuxburgo. Tais entrevistas, depositadas no Laboratório de História Oral da U.F.S.C. – no Departamento de História, procuravam levantar dados sobre os eventos vitais: nascimentos (batizados), casamentos e óbitos (sepultamentos). E, em consequência, hábitos e costumes relacionados a estes acontecimentos.

É sabido que um dos traços característicos dos imigrantes poloneses é sua religiosidade, fato que pode mais uma vez ser confirmado com o estudo acima citado.

As datas festivas são quase sempre do calendário religioso cristão.

Conforme a entrevista feita com Anita Michalski Piazza (filha de imigrante), no período que se estende do Natal até o dia dos Reis, era época das “Kolendas”

“Chegava a época de Natal, eles faziam as Kolendas”.

“Eles iam anunciar o nascimento de Cristo. Então. . . iam de casa em casa até o dia dos Três Reis. E cada um dava um donativo, tanto que podia. E depois no dia dos Três Reis eles se vestiam de Judas, de Morte de Rei Herodes; isso tudo não sei quantos eram. Isso tudo era muito alegre, muito bonito. E as “Kolendas” à meia-noite do Natal.” (1)

As “Kolendas” conforme a mesma entrevistada, terminavam dia dos Reis com festa na Sociedade Polonesa. À tarde para as crianças e à noite para os adultos, encerrando com um baile.

1. Piazza, Anita Michalski. *Entrevista PE-06-1/0143*, p. 13. Laboratório de História Oral – U.F.S.C – Fpolis.

2. *Idem*, p. 14.

“Aí era baile; era casado, solteiro, todos. E. . . e sempre união; nunca dava briga, nada. Hoje em dia não dá mais pra fazer isso.” (2)

Segundo a entrevista de Valéria Voitena Rubick (neta de imigrante), na época do Ano Novo as crianças percorriam as casas da região cantando e chegando em cada casa, jogavam para dentro das mesmas, grãos de milho, desejando sorte e melhores colheitas no ano que se iniciava.

“Então eles se juntavam na Galícia. . . eles vinham cantavam na porta, e jogavam milho para dentro da casa”.

“. . . eles diziam, aquilo não era cantado, só falavam. Jogavam milho e diziam assim (em polonês). . .”

“eles diziam assim. . . pra dá. . . para Deus desse sorte, para esse ano, para o ano que vem produzir melhor do que no ano passado”. (3)

A entrevistada continuou informando que os grãos deviam ser de milho porque era a planta que melhor dava na região e que na Polônia era outro grão.

Entrevistadora – “E por que era só o milho que eles jogavam?”

Entrevistada – “Porque tinha um sistema que tinha que ser só milho. Porque se jogasse trigo ou formentão (4). . . diz que formentão dava muita pulga na casa. E o trigo acontecia muita doença na família”.

Perguntou-se a Valéria a razão de usar o milho que não era conhecido na Polônia e sua explicação foi a seguinte:

“Lá diz que era outro. . . outro negócio que eles tinham, sem ser o milho. Mas depois que eles mudaram para cá, diz que, porque aqui, a minha vó sempre dizia que melhor planta que dá é o milho. Então é por causa disso que eles tinham o sistema que aqui o melhor de tudo é o milho”. (5)

Em troca as crianças recebiam balas, bolachas e prosseguiam em visita a outras residências.

É possível observar através das duas narrativas a continuidade de festejar o período natalino, porém, parece ter havido modificações e adaptações. A 1a. entrevistada (filha de imigrantes) narrou sobre as “Kolendas” que envolviam adultos, que se trajavam de maneira especial, para a ocasião, que tinham como objetivo, além de festejar o período, arrecadar donativos para a festa de encerramento que acontecia no dia dos Reis, reunindo todos na casa onde funcionava a Sociedade Polonesa.

As canções das “Kolendas”, que D. Anita ainda recordava em parte, falavam da vinda do Cristo.

Já na entrevista com uma neta de imigrantes, verifica-se que eram gru-

pos de crianças, que não mais trajavam roupas especiais e que no dia 1o. de janeiro passavam por todas as casas almejando prosperidade de uma maneira bastante singular. A fórmula (palavras) era dita em polonês, porém, o grão atirado pela porta era de uma planta tropical: o milho.



Relatório

"O Folclore"

Escola Básica "Mário Nardelli"

Aproveitamento de ilustração. - RIO DO OESTE - SC.

3. Rubick, Valéria Voitena. Entrevista PE-06-1/0141, p. 10. Laboratório de História Qral. U.F.S.C. - Fpolis.
4. trata-se do nome utilizado para designar o trigo sarraceno (cultura de verão).
5. idem p. 10

CULINÁRIA TÍPICA DA COZINHA CATARINENSE

Doralécio Soares

Cozinha Alemã

Continuando as minhas pesquisas de "Comidas típicas" da Culinária Catarinense, damos a seguir a nossa entrevista com a Sra. Inês Petersen.

A senhora Inês Petersen, filha de imigrantes alemães, nasceu na cidade de Ibirama, transferindo-se posteriormente para Blumenau, onde reside há 38 anos. Grande conhecedora da comida alemã; em razão do qual nos concedeu esta entrevista.

Inicialmente disse que a Carne Verde, oferece poucos pratos típicos à cozinha alemã.

Vamos falar primeiramente de *Wienerro astbraten*, é um prato que muitos descendentes de alemães gostam. É filé mignon bem fino grelhado depressa. Serve-se com batata sotê e cebola-palha.

SAUER BRATEN — Carne chamada "tatu", preparada num espaço de oito dias, com cebola, pimenta, casca de toucinho, folha de louro e cobre-se com leite coalhado. Após oito dias se faz o assado de panela. Retira-se do molho, corta-se bem fino e coloca-se numa tigela para ser servida com molho engrossado com maisena e creme de leite. Despeje sobre a carne, e guarneça com nhoque de pão. Deve-se ter o cuidado de se coar o molho, para depois se engrossar com o creme de leite.

PÁPRIKA GAULACH MIT SPAZELE — Usa-se uma carne de porco dura, de preferência músculos de porco bem gordo. Corta-se em cubos, escalda-se em água fervente, lava-se bem e faz-se Gaulach com bastante cebola e pó páprika. Depois de pronto, coloque sobre a carne Chucrut bem lavado, duas colheres de Catchup e 2 de creme de leite. Serve-se com purê de batata. Pode ser servido também com SPAZELE, que é outro prato da cozinha alemã muito procurado. É uma massa feita com ovos, água e trigo. São feitos pequenos nhoques cozidos na água e sal e servidos com manteiga corada.

O pó páprika, é muito importante na preparação do Gaulach. O mesmo é importado, existindo muito pouco na praça. Existe o Doce e o Picante, misturam-se os dois para se fazer o Gaulach ensopado.

KÖNIGEBERGER KLOPE — É feito com carne de Vitela moída preparada para Bolinhos. Cozinham-se os Bolinhos num caldo bem temperado

com todos os temperos verdes. Para servir coa-se e coloca-se numa tigela que vai para a mesa. Sobre os Bolinhos bota-se molho Holandês. Aproveita-se o caldo coado, engrossa-se com maisena, uma gema de ovo, sumo de limão e serve-se com arroz.

FRICASSÉ DE GALINHA OU VITELA — Fricassé de Vitela é um prato muito procurado pelos descendentes de alemães. É Vitela cozida. Primeiro a quantidade de Vitela que se deseja fazer é bem lavada e levantada uma fervura. Após é escorrida e lavada novamente; corta-se em cubos e cozinha-se com bastante caldo bem temperado em fogo brando num cozimento demorado. Depois escorre-se o caldo e serve-se com o molho Fricassé. A Galinha é a mesma coisa, de preferência uma galinha velha. Pica-se em pequenos pedaços com os ossos e cozinha-se com bastante tempero. Escorre-se e serve-se com o mesmo molho. O Molho Fricassé é feito da própria água do caldo dos Bolinhos Konigeberger Klope, engrossado com maisena e creme de leite. Após se retirar do fogo misturam-se 3 a 4 gemas de ovos com sumo de limão. Bate-se e serve-se com a Vitela ou Galinha, e arroz.

GAULACH — É muito importante que ao se fazer o ensopado de carne de porco, se passe toda a carne numa fervura para tirar aquele cheiro desagradável da carne, espumas e outras coisas, mudando-se a água para o ensopado definitivo e depois se faz o Gaulach. Lava-se um ou dois pacotes de chucrut, conforme a quantidade desejada. Deixa-se de molho uma meia hora para sair bem o azedo, lava-se, espreme-se bem e coloca-se por cima um pouco de Catchup. É servido também com batatas cozidas. É um prato para ser servido no inverno.

VIENER NEUREST — “Salsichas com Salada” de batatas com tomates etc., e servido com salada fria.

EISBEIN — São joelhos de porco que ficam numa salmora três a quatro dias, depois são cozidos com temperos normais; pimenta jamaica, pimenta, cebola, louro, etc. . . É servido com chucrut, batata cozida, purê de batata, purê de ervilha. O chucrut é de fabricação da Cia. HEMMER de Blumenau, ou seja o SAUERKRAUT. O KASSELER são bistecas de porco defumado, fabricados pelas Cias. Jensen, Weege de Pomerode e Sadiq. São churrasquinhos inteiros fumados, depois de separados são fritos na manteiga com vinho branco. É servido com chucrut, purê de ervilha e purê de batata.

CASSELER — Casseler é o CARÊ de porco sem osso. Carê são as costas do porco. É a tal de bisteca. — Lava-se o carê inteiro, depois é preparado com o “pó brage”. Fica de molho e depois é defumado. Tudo que é de porco que se defuma é preparado com o “pó brage”, inclusive a lingüiça de porco. Esse pó dá uma cor rósea, bonita na carne que se põe a defumar. Sem o qual fica uma carne branca, sem aquele gostinho especial. O “pó brage” é importa-

do, não é encontrado à venda no comércio.

SCHLACHTPLAT – Chama-se “Prato de matança”. É cabeça de porco, fígado, língua, tudo que é miúdo de porco, cozido em bastante tempero. Quando está quase pronto, cozinha-se repolho junto e serve-se com pirão branco.

PANQUECA DE BATATA – É servida com purê de maçã. A Panqueca de batata é feita em camadas tamanho de panquecas, bem fritas e servidas quentes com purê de maçã frio. É um prato muito bom no calor.

PÁPRIKA SCHITZEL – É bife de Vitela bem fino à milanesa, feita na manteiga. Serve-se com batata soubé.

COSTELETA ERNEST KREUTZ – Bisteca grelhada, servida com abacaxi caramelado, chucrut e purê de batata.

SOPA DE ERVILHA – Ervilha seca feita purê. Cenoura, toucinho, cebola, batata. Tudo cortado em cubos pequenos, cozidos juntos. No fim põe o purê de ervilha. Serve-se com pão torrado.

BEBIDAS – O que é de porco é tudo servido com vinho Branco e Rosé. SAUER BUATEN – GAULACH – FRICASSÉ de galinha, WIENER NEUREST – WIENER ROASTBRATEN – PÁPRIKA SCHITZEL, tudo isso pode ser servido com cerveja.

Os SCHLACHTPLATTE – EISBAIN, GAULACH A LA ZDEGDINE – PORC ANBEANS, é muito importante, tomar-se uma boa cachaça antes, ou seja um aperitivo bem forte.

Nota: Para esses tipos de comida, recomendamos o Restaurante “Moinho do Vale”, um dos afamados restaurantes de Blumenau, cujo aspecto típico dá destaque à bela cidade do Vale do Itajaí. Poderão ainda ser encontradas entre os restaurantes de várias Sociedades Desportivas e de Caça e Tiro, que também franqueiam seus restaurantes ao público, principalmente turistas.

Continuaremos no próximo número com as nossas entrevistas sobre a Culinária Típica da Cozinha Alemã.

NOTA: O presente artigo, irá constar de uma obra sobre “Culinária Catarinense”, em elaboração. A mesma focalizará a culinária catarinense relacionada as nossas comidas típicas.

Dada a formação étnica do catarinense, a sua culinária é das mais variadas, sofrendo os costumes alimentares influências regionais. Enquanto que na zona do litoral predomina a alimentação à base de produtos do mar, nas regiões de colonização italiana e alemã a alimentação é de origem dessas colonizações, com muito vinho, cerveja, chope, polenta, massas, doces, patos, galinadas, ovelhas, coelhos,

rãs, chucrut, marreco com repolho roxo, e tantos outros.

Já na região serrana predomina a carne bovina e de ovelha, dado o ciclo da pecuária. Os costumes campeiros como o churrasco e o chimarrão são a constante dos habitantes dessas zonas, não dispensado o Arroz de Tropeiro, e o queijo serrano de costume habitual.

Colaboração: Aceitaremos colaborações de pessoas que se dispuserem a nos enviar. Além de comidas típicas, poderão relacionar, Comotas, Frutas Cristalizadas, Mussis, Condimentos, etc.

Superstições e Crendices da Culinária: Existem e de muitas formas; se forem recolhidas aceitaremos de bom grado, bem como, tudo que se relacionar à alimentação do catarinense. Essas colaborações poderão ser enviadas, a Doralécio Soares, Rua Julio Moura, 28, 1o. and. – 88.000 – Florianópolis – SC.



"Esprededor de Torresmo'. Peça com mais de cem anos. Açougue Jense – Massaranduba, SC

A INSPIRAÇÃO MUSICAL E A EXPRESSÃO FOLCLÓRICA

Carlos Alberto Angioletti Vieira

- Todos os seres possuem formas próprias para expressar os seus sentimentos. Os seres ditos irracionais comunicam agressividade com rugidos sonoros para amedrontar e afastar os adversários, bem como gemem delicadamente quando querem demonstrar amizade ou solicitar carinho.
- Isso tudo é conhecido e sabido, mas sempre é interessante lembrar que toda a Natureza vibra e exprime sensações, e o homem, como uma das criaturas mais evoluídas, eleva ao máximo a linguagem simbólica dos sentimentos.
- As Artes, como linguagem-expressão, surgiram provavelmente com o nascimento da fala. Desde que viu e ouviu a Natureza nos clarões dos relâmpagos, nos movimentos e luminosidade dos astros, no estrondo das ondas do mar e das cachoeiras, no tropel dos grandes animais, no vôo e no colorido das aves, no canto dos pássaros, o homem sentiu-se inspirado nos movimentos e nos sons que percebia em sua volta. E para representar o medo, a alegria, o amor ou a ira, ele encontrava na Natureza algo que o impressionava, levando-o à imitação e daí ao desenvolvimento da fala e da linguagem-expressão. Seus ouvidos se acostumaram ao silêncio noturno e, observando e sentindo os menores ruídos desenvolveu um delicado sentido auditivo.
- Poder-se-ia dizer que as Artes nasceram antes do homem na Terra. Seria mesmo válido afirmar que as Artes fazem parte da Natureza, pois, como as cores são expressões de diferentes vibrações da luz, os sons são, igualmente, vibrações que nossos sentidos percebem e determinam. Ousaria dizer que o homem não apenas faz Arte mas que a integra com os seus sentimentos.
- A evolução é constante e hoje temos um conjunto muito complexo de expressões artísticas. Desenvolveram-se técnicas de comunicação que sofisticaram a linguagem dos sentimentos, no entanto o homem traz sempre "a tiracolo" aquele modo antigo de dizer as coisas, pois mesmo que novas técnicas surjam, elas se juntam ao que já existia e o homem continua com os mesmos sentimentos, apenas — e às vezes — mais desenvolvidos.
- À individualidade de um juntam-se outras muitas individualidades, nascen-

do assim uma individualidade coletiva. Aí aparece o sentimento regional, e no sentimento regional (coletivo) é que vive o folclore.

- A música folclórica sempre – ou quase sempre – está aliada à literatura. Na poesia, por exemplo, existe ritmo e ritmo é um dos elementos da música. A palavra, por sua vez, é elemento básico da literatura, e na fala é som, e som é música.
- Era comum entre povos dos séculos passados a poesia cantada com base instrumental. Os cancioneiros, ou trovadores, acompanhados de suas rabeças, alaúdes ou outros instrumentos, contavam histórias nas canções já existentes ou por eles inventadas. Muitas dessas melodias chegaram até nossos dias, evidentemente, com modificações que ocorreram no tempo e no espaço.
- Os temas folclóricos têm sido explorados e desenvolvidos na pintura, literatura, dança e música. É necessário dizer que também o inverso pode acontecer: existiram compositores que criaram temas musicais que, pela popularidade, transformaram-se, naturalmente, em folclore.
- Nas canções folclóricas brasileiras, nos idos da época colonial e imperial, nota-se claramente a influência européia e africana, e mesmo não poderia deixar de ser assim, tendo em vista a nossa formação étnica e cultural. Porém, com o surgimento da modinha no Brasil, começam a se fixar na música o caráter rítmico e dolente do brasileiro.
- Vale mencionar alguns belos exemplos folclóricos ainda cantados em nosso interior:
 - 1 – “À luz dos teus olhos” – é uma modinha que surgiu há mais de um século e foi registrada por Oswaldo de Souza em Natal – RN. A canção, cheia de ternura, diz nos seus versos:

Lento

À luz dos teus olhos, o ar que res-pi-ro, tradu-zo em suspi-ro o meu triste a-

mor! Mas tu bem po-dias, meu anjo a-do-ra-do, trocar este fa-do de tanto ri-

gor! Ingrá-ta, tem pena do teu tro-va-dor!

<i>“À luz dos teus olhos,</i>	<i>meu anjo adorado,</i>
<i>o ar que respiro</i>	<i>trocar este fado</i>
<i>traduzo em suspiro</i>	<i>de tanto rigor!</i>
<i>o meu triste amor.</i>	<i>Ingrata, tem pena</i>
<i>Mas tu bem podias,</i>	<i>do teu trovador!”</i>

2 — “Juliana e D. Jorge” — é uma forma de romance do século XVII, de origem européia. No Brasil, foi colhido pela primeira vez por Celso de Magalhães que o publicou em 1873, segundo conta Rossini Tavares de Lima, em seu livro “Romanceiro Folclórico do Brasil”. Os versos contam a história de uma jovem que envenena o homem que a iludiu, quando este lhe anuncia o casamento com outra moça. Existem vinte e cinco versões melódicas com tonalidades e ritmos distintos e algumas variantes do texto original. Registro a que considero mais interessante pelo texto e desenho melódico:

1

- O que tu tens, oh Juli- a - na, que estás tão triste a cho- rar?

- Mãe, eu soube no- tí- cias que Dom Jer- ge vai se ca- sar.

M. Silva

- | | |
|--|---|
| 1 — O que tu tens, oh Juliana,
que estás tão triste a chorar?
— Mãe, eu soube notícias
que D. Jorge vai se casar. bis | 6 — Se é verdade, D. Jorge,
que você vai se casar?
— É verdade, sim, Juliana,
eu vim pra te convidar. |
| 2 — Eu bem te disse, oh Juliana,
não quiseste acreditar,
que D. Jorge amava outra
e vinha só pra te enganar. | 7 — Com licença, D. Jorge,
até subir no sobrado,
buscar um cálice de vinho,
saúde do teu noivado. |
| 3 — Juro por Deus, minha mãe,
de D. Jorge hei de me vingar,
ele não casa comigo
nem com outra há de se casar. | 8 — Ó Juliana, oh Juliana,
o que puseste no vinho?
Desde a hora que eu tomei,
não enxerguei o caminho. |
| 4 — Mãe, lá vem D. Jorge,
montado no seu cavalo,
com seu cinto de prata
apertando seu corpinho. | 9 — O vinho que tu me deste,
o que foi que pôs de mistura
que quero ir-me embora,
que está me dando tontura. |
| 5 — Boa tarde, oh Juliana!
— Boa tarde, ô D. Jorge!
— O que você tem, oh Juliana,
que está tão triste a chorar? | 10 — O gosto que eu tenho
daqui você vai sair
direto pra sepultura
direto pra sepultura. |

- 11 - *A minha mãe pensava
de ter seu filho vivo!
- A minha também pensava
que você casava comigo!*

- 12 - *O sino da matriz bateu,
quem será que morreu?
- O meu querido D. Jorge
que a morte ele mereceu.*

Baseado na forma original elaborei o seguinte arranjo para duas vozes, com modificações em partes do texto para melhorar a pronúncia no ritmo e na melodia.

- 1 - *O que tu tens, oh Juliana,
que estás tão triste a chorar?
Mãe eu soube notícias
que D. Jorge vai se casar.*

- 4 - *Juliana, oh Juliana, vai-te
à porta sentar que leva
meia hora que D. Jorge vai passar.*

- 2 - *Eu bem te disse, oh Juliana,
não quisesses acreditar,
que D. Jorge amava outra
e vinha só pra te enganar.*

- 5 - *Boa tarde, oh Juliana!
Boa tarde, oh D. Jorge!
Que você tem, oh Juliana,
que está tão triste a chorar?*

- 3 - *Juro por Deus, minha mãe,
dele hei de me vingar,
ele não casa comigo e nem
com outra há de se casar.*

- 6 - *Se é verdade, oh D. Jorge,
que você vai se casar?
- É verdade, oh Juliana,
eu vim pra te convidar.*

- 7 - *D. Jorge, aguarda um pouquinho,
que vou subir no sobrado,
buscar um copo de vinho, que
pra ti eu tenho guardado.*
- 8 - *Oh, Juliana, oh, Juliana,
o que puseste no vinho?
desde a hora que o tomei,
que não enxergo mais o caminho.*
- 9 - *Não enxergas o caminho,
nunca mais enxergarás,
não me deste o teu carinho
e nem pra outra tu o darás.*
- 10 - *Morre o amor de Juliana,
D. Jorge o galanteador.
Vai-se ele, e Juliana
Ficou chorando de dor.*
- 11 - *A Juliana chora tanto
e a saudade é muita dor
A Juliana sofre tanto
e o seu pranto é mal de amor.*

O último verso No. 11 pode ser cantado depois do No. 4 e do No. 6

A Juli- a - na chora tanto, e a sau- da- de é muita dor. A Juli- a - na sofre
tanto, e o seu pranto é mal de amor

Este último exemplo é um arranjo que fiz sobre uma bela canção do grande músico e cantor brasileiro Dorival Caym. Chama-se "Prece ao Vento". Nela o poeta fala com o Vento, comenta a Lua, o Mar, e o Coqueiro, sentindo-se parte integrante de uma Natureza harmoniosa, invocando das forças dessa Natureza a ajuda para amenizar o seu sofrer.

Lento PRECE AO VENTO - DORIVAL CAYM - ARR. CARLOS ALBERTO S. VIEIRA

(INTRODUÇÃO: VOZES OU FLAUTA SOZ)

Vento que balança as palhas do co- quei ro. Vento que encres- pa as

8 - 8 - 8 (Seque)

on-das do mar Vento que assanha o co- belo da more- na me
 on-das do mar e que assanha o ca- be-lo do more- na me
 traz noti- cias da la. Vento que assobia no te- lha- do, cha
 Ven- to na beira da brai- a
 mando para a lua espí- ar Vento que na beira da praia escu-
 Ven- to a lua espí- ar Vento que na beira da praia escu-
 tava o meu amor a- cantar. Hoje estou sozinho e to tam- bém
 ta ve amor a cantar o meu amor a cantar. Es- tou sozinho e to tam-
 triste me lembra- do de meu bém Ven- to
 bém Lem- bran- do triste o meu bém. Oh! ven- to
 di ga por fa vor, A on- de se escondeu o meu a- mor
 di ga por fa- vor A onde se escondeu o meu a- mor

RITA-MARIA

A. Seixas Netto
(Da Comissão Catarinense de Folclore
Da Academia Catarinense de Letras)

Nos primeiros anos do século vinte, por formação popular, mais um bairro se constituiu, na recém-denominada Florianópolis, até então Nossa Senhora do Desterro, nome de fundação da Cidade: A RITA-MARIA. Era uma pequeníssima comunidade, com, mais ou menos, trinta casas de madeira bruta e teto coberto por telhas nativas, de meia-cana; a chamada **telha de canudo**. Construções tipicamente ilhoa-açorita, em que a casa, em duas águas, era de sala e quartos; a cozinha, um adendo em “meia-água”, era aos fundos, distintamente separada da própria casa e só lhe dava passagem de ligação uma porta. (Ainda existem nos sítios da ilha algumas casas deste modelo, raridade já, que deveriam ser preservadas do desaparecimento). Ali, pois, entre o Morro do Cemitério, — (hoje desmontado e onde, parece, será construído o Paço Municipal, no centro da área contornada pela Alameda Adolpho Konder, Rua Duarte Schutel, Rua Felipe Schmidt e Rua Assis Chateaubriand, bem fronteiro a Ponte Hercílio Luz) —, a Fortaleza, na antiga ponta que fica debaixo da Ponte Hercílio Luz, a Praia da Feira e o depois surgido Bairro da Figueira, que se formou a partir de 1914, surgiu, como pequeno Bairro, a RITA-MARIA. Mas a quem se deve o nome? É de tradição ilhoa que, ali, no casario formante, residia uma senhora de cor preta, numa das casas rente à praia, que, filha de escravos, dava-se à prática de curas por rezas, chás e benzeduras, tornando-se famosa pelos muitos benefícios e curas que fez. Rendia a manutenção da sua vida não as atividades de curas e rezas mas o trabalho diuturno de **fazer comida**, fornecida como pratos feitos aos marítimos que, vindos das vilas mais distantes na ilha, traziam em botes, lanchões, baleeiras e canoas, mercadorias diversas e pescados vários a vender na cidade, aportavam àquela praia, no tempo uma espécie de mercado ou feira livre; daí o seu nome Praia da Feira. Devido à fama da curandeira RITA-MARIA, e com o passar do tempo, o lugar, tendo-a por referência, foi tomando o seu nome. E o nome ficou, até hoje, na área, mesmo que já tenham sumido, a partir de 1950, as últimas casinhas do reduto. Da figura, — que não há fotografia, evidentemente, — muitos recordavam, já na sua velhice, para mais de 80 anos, uma senhora preta, gorda, bonachona, de meiana altura, sempre risonha d’uma constante alegria, e que, todos os domingos, descia até a Igreja de Nossa Senhora do Parto, a ouvir sua missa, ali na Rua Conselheiro Mafra que era, ainda, na ocasião,

uma rua à beira-mar. Do seu passamento, os mais antigos lembravam que deixou muita tristeza e foi sepultada no Cemitério do Morro, ali mesmo, perto da sua casa. E da fama, ficou o nome do Bairro, hoje inexistente. Mesmo em 1908, começou o primeiro aterro do mar, cá na ilha. O aterro se iniciou desde a Fortaleza, e fez-se até a Ponta do Vinagre, onde foi construída a Capitania dos Portos; pelo caes do aterro, em seqüência, surgiram o Trapiche do Hoepcke, e as suas construções de Armazéns e Depósitos, Fábrica de Pregos e, mais tarde, numa rua entre as construções mesmas, a Fábrica de Gelo; mais adiante, o caes ficou para atracação das embarcações de comércio, e sobre as margens eram depositadas, para vendas, as louças de barro vindas do interior da ilha e da Ponta de Baixo, no município fronteiro de São José. Adiante mais, fazendo ressalto ao caes, construiu-se o Mercado Público, que ainda existe. Mais para frente ainda, o Trapiche Municipal, — o Miramar —, já demolido. Com esse primeiro aterro definiu-se a Rua Conselheiro Mafra, surgindo as construções pelo lado do Caes Novo, onde margeava uma nova rua que, indo desde o Trapiche Hoepcke, terminava na Capitania, e ainda existente com o mesmo traçado até aqui. Hoje, novo e extenso aterro foi feito. E ali se constrói, à entrada da Ponte Colombo Machado Salles, um rodoporto, — que eu chamaria Jurerê; em carijó quer dizer passagem —, mas que, em decisão do Secretário dos Transportes, Esperidião Amin Helou Filho, deverá nomear-se **Rodoviária Rita-Maria**, ficando distante, em linha reta, cousa de 1.220 metros do antigo bairro, prestando, assim, uma homenagem valiosa à velha e estimada curandeira Rita-Maria, curandeira predileta do ilhéu desde o final do século passado até as duas décadas iniciais do século vinte. Esta a real tradição que permanece na documentação oral do povo, que é perene, e prescinde, certamente, de documentos escritos, pareceres e regras burocráticas complicativas. E como a tradição é forte, também há, ainda hoje, em Florianópolis, muitas ruas, mesmo no centro da cidade, cujos nomes foram impostos pelo povo e que não constam estabelecidos por leis municipais. O povo ilhéu, pela tradição impôs os nomes, a topografia mapeou e o uso e costume definitivamente consagrou. Assim foi o Bairro da Rita-Maria.

PÁGINA CAMPEIRA

Quem se criou no campo. Viu barras de madrugadas nascer. Sentiu o afago do vento fresco das manhãs brasileiras. Campeou por várzeas, canhadas e cochilhas. Foi madrinheiro de tropas, cozinheiro de tropeiros. Chimarreou com campeiros junto ao fogo de galpão. Ouviu causos de tropeadas, entreveros, brigas, revoluções, prendas levadas na garupa depois de um baile de campanha. Aguentou o animal para ser marcado ou curado. Ajudou a tirar o couro do boi para depois o churrasco de campanha. Tudo isso e mais um pouco, carrego nos meus arquivos, como recordações, e vamos trazer aos pouquitos nesta página campeira.

(1) Tio AMADEUS

TIRADAS GALPONEIRAS

O homem campeiro tem nos seus momentos de alegria, ou de tristeza, as suas comparações ou tiradas, relacionadas sempre com a situação, pessoas ou cousas que na hora se apresenta, e para os apreciadores dessas largadas, damos abaixo, umas recolhidas nos galpões, onde chimarreávamos com a gauchada:

- Virado como chimarrão de pobre
- Velho abandonado não foi moço ajuizado
- Surdo que nem tamanco
- Faceiro como ganso novo
- Mais conhecido que parteira de campanha
- Improvisado como roupa de defunto
- Sem jeito como moça fazendo renda em baile
- Esquecido como quem come morango com leite.

VOCABULÁRIO CAMPEIRO

Arreador: relho de soitera comprido para trabalho de campo.

Andareco: cavalo que no andar fica entre a marcha e trote, de vez em quando troca o passo.

Abichornado: introspectivo, quietarrão, doente, recolhido.

Alpedo: sem rumo, incerto, ao léu, a esmo.

Avius: isqueiro primitivo.

Ponchada: grande quantidade de dinheiro, ou de objetos ou de pessoas em reunião – designação de mais.

Acolherar: amarrar um animal no outro, para que não fuja.
Arriscou o pelego: arriscar a própria vaidade.

ADÂGIOS CAMPEIROS

Não há urubu sem carniça: Fala-se assim de pessoas que acompanham facilmente certos fatos de natureza má.

Entre bois não há cornada: Entre gente da mesma laia não há desconfiança: todos se entendem às mil maravilhas.

Comprida como explicação de gago: A comparação é bem clara e pode ser aplicada a tudo o que for ou se tornar comprido, demorado, longo, extenso.

VETERINÁRIA CAMPEIRA

Para “afinar” a cola:— O campeiro faceiro, quando comparece em festas, rodeios, e passeios na cidade, tem o gosto especial por “quebrar a cola do pingo lá onde a Maruca prende o grampo”, isto é, atar a cola do cavalo a preceito, pois não é só por “fanfarronada”, senão que o animal acostuma e pisa de modo diferente quando “sente” que tem gaúcho de gosto no seu lombo. Acontece, porém, que devido à grossura das crinas da cola — de certos animais cavalar — nem sempre o campeiro pode atar como quer. É costume, na campanha, onde existe gauchada faceira — isto é, que gostavam de pingos de cola atada —. Já em potrilho cortavam um pedaço do “sabugo”, pois mais tarde tendo menor superfície para crescimento da crina, a cola ficava mais desbastada, melhor para dar um “tope a canta galo” DPT.

Grupos Folclóricos e CTGs de Santa Catarina

(1) — CTG PORTEIRA ABERTA
São Miguel do Oeste — Santa Catarina
Fundado em 29 de dezembro de 1959

LEMA: “Embora longe dos Pagos o Gaúcho lembra a Querência cultuando sua Tradição”.

ESTATUTOS: Aprovados em 11 de março de 1961 — Registrado em 24 de março de 1962. Publicado no Diário Oficial em 13 de abril de 1962.

UTILIDADE PÚBLICA: Pelo Município pela Lei No. 89, de 26 de março de 1962;
Pelo Estado, pela Lei No. 3.145, de 11 de dezembro de 1962.

REGISTRADO NO MTG – RGSul – Movimento Tradicionalista Gaúcho em junho de 1962.

oOo

PATRÕES DO CTG “Porteira Aberta”, desde sua fundação até esta data:

- 1– Alexandre Tiezerini – De 29 de dezembro de 1959 a dezembro de 1969;
- 2– João Maria Brisola – De 1969 a 1970;
- 3– Marcial Trilha – De 1970 a 1971;
- 4– Arly Barrichello – De 1971 a 1973;
- 5– Sergio Volpi – De 1973 a 1974;
- 6– Alexandre Tiezerini – De 1974 a 1975;
- 7– Idilio Rampi – de 1975 a 1977;
- 8– Nilson de Conto – de 1977 a 1979;
- 9– José Minosso – De 1979 a 1980;
- 10– Sergio Volpi – De 1980 a 1981 – atual –.

oOo

DA SOCIEADE

O CTG “Porteira Aberta”, consta em seu quadro social com mais de 700 sócios. Uma sede de material, com 25 de frente por 60 de fundos. Pista para danças, recepção, churrasqueira, churrascaria para 1.000 pessoas, um bar e instalações sanitárias de acordo com a obra.

PARTE ARTÍSTICA E CULTURAL

Departamentos artísticos, como danças, músicas, trios, declamadores, trovadores, enfim tudo o que os CTGs se propõem a conservar de puro e são o que nossos antepassados nos legaram.

PROGRAMA RADIOFÔNICO “SAUDADES DA QUERÊNCIA”

Desde 1958, o CTG “Porteira Aberta” mantém pela Rádio Sociedade Peperi, o Programa “Saudades da Querência”, onde reúne gaiteiros, violeiros e declamadores da região, numa festa campeira.

ATIVIDADES DO CTG “PORTEIRA ABERTA”

Sendo de utilidade pública participa de todas as atividades e promoções oficiais, particulares e colegiais da região.

EXCURSÕES CULTURAIS, CÍVICAS E ARTÍSTICAS E EM RODEIOS.

Para o RGSul: Erechim, Carazinho, Três Passos, Frederico Westfalen, Tenente Portela, Palmeira das Missões e Tupaciretã.

Para o Paraná: Francisco Beltrão, Marmeleiro, Foz do Iguaçu, Santo Antônio do Sudoeste, Planchita, e outras cidades.

Em Santa Catarina: Chapecó, Dionísio Cerqueira, Anchieta, Maravilha, Cunha Porã, Descanso, Santa Helena, Pinhalzinho, Romelândia, Itapiranga. Participou no Festival de Folclore em 1979, em Joinville.

Para a República Argentina: Posadas, San Pedro, Eldorado e Yapoti.

Nestas Excursões, nas cidades de Santa Catarina e fora, quase todas colaborando na fundação de outros CTGs, núcleos de Civismo e Cultura no Extremo Oeste-Catarinense, conforme se vê na relação de Grupos do Oeste.

CTGs NO EXTREMO OESTE DE SANTA CATARINA

- 1 – CTG “PORTEIRA ABERTA” – São Miguel do Oeste
- 2 – SINUELO DA FRONTEIRA – Dionísio Cerqueira
- 3 – RODEIO DA TRADIÇÃO – Linha Índio – Guaraciaba
- 4 – JUCA RUIVO – Maravilha
- 5 – SEPÊ TIARAJU – Romelândia
- 6 – ESTÂNCIA VELHA – Cunha Porã
- 7 – CANDEEIRO DO OESTE – Descanso
- 8 – LAÇOS DA FRONTEIRA – Santa Helena – Descanso
- 9 – FLOR GAÚCHA (Mirins) – São José do Cedro
- 10 – FRONTEIRA DA QUERÊNCIA – Mondaí
- 11 – SENTINELA DA FRONTEIRA – Campo-Êre

(1) Nosso companheiro de Comissão: Alexandre Tiezerini

TRADICIONALISMO MASCARADO

Teófilo Mattos – São Joaquim

Comparo a tradição a um olho d'água de beira de capão, de onde bordejá por entre seixos, vindo da entranha da mãe-terra, água pura e cristalina, sem a contaminação do exterior.

Assim é o movimento tradicionalista gaúcho – buscando as fontes históricas mais puras da tradição campeira, lançada há mais de um quarto de século em Porto Alegre, com a fundação do CTG “35”. Penetrando, posteriormente, nos Campos de Lages, devendo manter-se fiel ao seu sentido nativista, sempre em busca da autenticidade folclórica.

Bento Gonçalves – o farroupilha, em manifesto às gentes dos Campos de Lages, disse, certa feita: – “A vossa posição geográfica, o vosso caráter, os vossos hábitos, os vossos costumes, vos unem a nós; que o mesmo anel nos estreite; sejamos um e o mesmo povo.” – Não devemos entretanto, nós os serranos catarinenses, nos desgarrar das nossas raízes históricas ao cultuar aqueles hábitos e costumes que nos identificam com o gaúcho riograndense, fugindo às peculiaridades da nossa tradição regional. Não devemos fazer, como vem acontecendo com certos tradicionalistas do planalto catarinense, que procuram imitar o falar gaúcho dos pampas ou adotar como nossos, costumes que não nos são peculiares. – Que fale o lageano no seu sotaque natural. Que fale o joaquinesense o seu falar característico, diferente de como se fala noutras regiões deste Estado. Façamos tradicionalismo sem descaracterizar a pureza da nossa cultura popular.

O movimento tradicionalista mesmo no Rio Grande do Sul, passa por deformações que ferem a fundo a tradição campeira do sul do Brasil, o que pode resultar ainda, num autêntico “estouro de boiada”. As indumentárias de inúmeros CTGs do Rio Grande do Sul, estão pendendo para a fantasia, e em alguns casos se pode até comparar com o carnavalesco. E a coisa vai aos poucos também se americanizando. – É de pasmar, que em recente visita do Presidente João Figueiredo ao Rio Grande, lhe foi ofertado um chapéu gaúcho autêntico, dizia a notícia, mas que na realidade era um típico chapéu de mocho de faroeste. De abas lateralmente abauladas e com enfeites na fita, como se viu na foto estampada no “Correio do Povo”.

E as chamadas Invernadas Artísticas? Muitos grupos usam e abusam de vestimentas coloridas. E as danças vão sendo adulteradas e mesmo inventadas por “criativos”. . . professores de danças gaúchas, (que se dizem professores). –

O autêntico gaúcho, sempre foi discreto no vestir e fiel às tradições de suas danças.

Os CTGs, em sua maior parte, diga-se de passagem, não são mais do que Centros de Diversões — com seus fandangos inautênticos, com rodeios competitivos, e periódicos tomeios de laço. Muito pouco de cultura e orientação nativista. — Bailes onde se misturam gaúchos, peões e prendas, com as mais incríveis indumentárias — muitos deles mais enfeitados que bandeira do Divino. Conjuntos musicais intitulados de crioulos, com instrumentos os mais variados, com trajes sem definição e sentido algum tradicional.

Os torneios de laço muito em voga, não são mais do que meras competições esportivas, com os componentes dos piquetes de laçadores vestindo uniformes tal e qual jogadores de futebol, com vistosas camisas coloridas. É um verdadeiro tradicionalismo de porteira fechada, sem a vivência de fatos folclóricos.

Muitos Prefeitos usam os CTGs, para homenagear políticos, governantes e turistas, com espetáculos, dando uma de tradicionalista.

Achamos válido usar as nossas manifestações nativistas, como apoio ao turismo cultural, e como oportunidade de apresentar aos visitantes a cultura popular autêntica de cada lugar, com finalidade puramente cultural, digo.

“Monti”, um experimentado e culto tradicionalista gaúcho de Santa Maria, assim definiu o tradicionalismo: — “um movimento que se vale da História, da Geografia, das Ciências Políticas e Sociais e do Folclore, lutando para manter vivas as tradições de um povo”. — Para reavivar essas tradições poderíamos escrever muito apontando o desvirtuamento que o tradicionalismo gauchesco vem sofrendo. Isto já alertado em vários encontros, simpósios e concursos realizados no Rio Grande do Sul, por figuras respeitáveis da cultura tradicionalista gaúcha.

Este artigo, entretanto, tem por finalidade alertar as entidades e autoridades do setor cultural, para os fatos que descrevemos.

Antes, porém, de apresilhar e pôr nos tentos este meu laço de considerações nativistas, quero falar ainda da epidemia de CTGs, na minha Santa Catarina. — Não é só na serra, mas no litoral, nas colônias e em outras regiões, sem nenhuma raiz campeira, no sentido cultural, que se dá agora para gauchar. É “rodeio crioulo” que não tem mais fim: — em Joinville, Blumenau, São José e outros lugares praticamente na Capital. Seguidamente há rodeios, entreverados com touradas e outros atrativos, mais próprios para festa de capela.

— Onde estão os atraentes conjuntos folclóricos do Vale do Itajaí?

— Onde estão as comunidades italianas, com suas danças típicas? E os conjuntos de danças folclóricas do nosso litoral, outrora tão ativos? Como foi bonito e grande expressão étnica, o festival de Criciúma?

— Por que não implantarmos o movimento tradicionalista catarinense, com as nossas várias origens étnicas, onde sempre predominou a cultura popular açoriana, formando assim um lindo mosaico nativista? — Santa Catarina é rica em tradições, vamos somá-las e destacar o nosso Estado através da sua cultura popular, a mais diversificada do Brasil, e num elo unindo catarinenses de todos os rincões.

DANÇA DO PAU-DE-FITA



Pau-de-Fita da Localidade de Saco Grande – Florianópolis, numa apresentação com os "Arcos Floridos", vendo-se no topo do mastro um buquê que se abre, e de dentro de suas partes floridas, surge uma boneca, em homenagem aos que assistem. Esse movimento é chamado de GRACHÊ. É um Pau-de-Fita de origem Açoriana.

Esta foto é de um Grupo que no passado era somente de homens idosos, que se transvestiam uma parte em "Damas", hoje está totalmente modificado, participando do mesmo várias senhoras, que formam o seu elenco.

A SERRARIA E O EMPOBRECIMENTO DA CULTURA

José Ari Celso Martendal – Lages – SC

Uma população de caboclos, localizada em uma região caracterizada como rural¹, no planalto serrano de Santa Catarina, vivendo em regime de subsistência, por força de um processo acelerado de industrialização verificado a partir de 1950 – vê a maior parte do seu contingente de trabalhadores absorvida como mão-de-obra assalariada nas unidades de produção industrial.

A abundância de araucária, a abertura de mercados e o favorecimento de outras condições para a exploração industrial fizeram com que pequenos empresários do Rio Grande do Sul adivessem e montassem inúmeras serrarias junto a florestas e campos de toda a região.

Porém, a rapidez e a intensidade com que ocorreu a implantação deste processo de industrialização regional e a forma predatória como foram tratadas as reservas de matéria-prima, conduzindo-as a um rápido extermínio, fizeram com que, a curto prazo, as unidades industriais (serrarias e serra-fitas) fossem encerrando suas atividades e com que, por força deste fato, fossem sendo liberados os contingentes de trabalhadores, absorvidos anteriormente. Esta liberação produziu uma migração para a cidade-pólo da região (Lages) e, por motivos óbvios, não reconduziu os trabalhadores para suas atividades tradicionais no campo.

Lages, por sua vez, despreparada para absorver estes contingentes liberados, migrantes por fatores de mudança, assistiu ao crescimento significativo de sua população marginal.

Além de se ter observado a passagem da maioria desta população de um regime de subsistência a um outro modo de produção, há ainda um segundo deslocamento – a passagem do campo à cidade. Paul Singer² observa com propriedade que o campo “é o lugar onde se dá a atividade primária, onde o homem entra em contato direto, primário, com a natureza, dela extraindo as substâncias que vão lhe satisfazer as necessidades”. Já a cidade, sede do poder e da classe dominante, “pressupõe uma participação diferenciada dos homens no processo de produção e de distribuição, ou seja, uma sociedade de classes”³. De uma situação de auto-suficiência que lhes era proporcionada pelo modo de produção anterior, os caboclos passam a ser dominados e veem seu trabalho se tornar uma mercadoria, cujo resultado de venda (o salário) cada vez mais se torna insuficiente para suprir suas necessidades individuais e sociais, alterando todo o seu estilo de vida.

Pode-se concluir, através deste raciocínio, que no regime de subsistência o trabalhador tomava as decisões relativas às formas e à organização de seu trabalho e que o executava como o artífice que transforma um objeto em um produto moldado pela sua pré-concepção e destinado a satisfazer suas necessidades. Este produto resultante era reconhecido por ele como um produto seu (produto crioulo), enquanto espelhava a sua vontade, habilidade e destinação. Enquanto isso, no outro regime de produção, o modo de produção industrial, o trabalhador foi obrigado a aceitar uma posição diferente: o gerente da serraria passou a controlar o processo produtivo, tomando todas as decisões e distribuindo os postos de trabalho, indicando os procedimentos adequados à tecnologia em uso, estabelecendo a quantidade a ser produzida e, finalmente, vigiando a execução de tarefas e operações. Ademais, por força da divisão tecnológica do trabalho, o processo produtivo passou a ter uma execução alienante, restando ao trabalhador individual o exercício de uma operação rigidamente definida ou ainda menos do que isto — apenas parte de uma operação. A velocidade da serra-maior passou a imprimir a intensidade de sua ação individual, que devia estar afinada com a ação coletiva. O produto resultante não podia mais ser considerado como sendo seu, pois apenas em determinado momento o objeto em transformação lhe passara pelas mãos. Sem o domínio e sem o controle do processo produtivo, de nada mais lhe valia o seu engenho e sua criatividade individual.

A paisagem anterior (vida do campo e da roça) era caracterizada pela posse de um legado de tradições e de um saber acumulado, transmitido pelas gerações e apreendido pelos indivíduos. Cada membro do grupo era um aprendiz e o processo de transmissão deste legado ocorria na vivência do dia-a-dia. Se isto revelava uma passividade receptiva, era inegável que a obra manifestava e desenvolvia as capacidades, fazendo com que cada um demonstrasse suas aptidões. De acordo com elas, cada qual conquistava seu posto na divisão social do trabalho. Assim, o trançador de laço, o fiador de lã, o curandeiro, o cesteiro, o caçador, etc., por seus saberes, asseguravam seus lugares no seio do grupo social. Atestam a caracterização desta paisagem os fenômenos distintos de moradia, culinária, medicina, vestuário, artesanato e instrumental — que testemunham o esforço criativo do grupo, pelo correr do tempo, na superação dos obstáculos propostos pela natureza.

A nova paisagem, determinada por um novo estilo de vida e pelas novas condições de trabalho, localizou o trabalhador num mundo diferente. O legado do saber tradicional foi substituído pelas indicações organizativas do processo de produção industrial, no contexto do trabalho, e por um novo formulário decorrente de uma economia de mercado, no contexto social. As variedades que antes eram produzidas foram substituídas por uma oferta de mer-

cado e adquiridas pelo dinheiro do salário. A exigüidade deste dinheiro, porém, fez com que sua preocupação se restringisse à satisfação das necessidades mais elementares⁴. Sua moradia, culinária, medicina, vestuário, etc. foram substituídos através de reformulações adequadas à nova paisagem. De uma condição anterior de maior criatividade frente às necessidades e frente aos obstáculos da natureza, o caboclo se postou passivamente frente a outras necessidade e obstáculos do novo ambiente⁵.

A situação atual do caboclo — antigo trabalhador rural, depois operário de serraria e hoje, em grande parte, constituindo a população marginalizada da cidade de Lages — é de extrema pobreza. Se é bem verdade que sua situação anterior não fosse de abundância, era, no entanto, bem melhor do que a atual, que reflete um empobrecimento progressivo. Quijano⁶, fazendo uma análise da cultura da pobreza, diz que ela vai se tomando uma cultura pobre: "(. . .) pode-se considerar a pobreza como uma causa do empobrecimento da cultura. A obrigação, em que se acham, de procurar uma solução para as necessidades fundamentais elimina, ou pelo menos faz passar para um segundo plano e por muito tempo, os elementos culturais elaborados para satisfazer às necessidades de outro nível". E, referindo-se mais especificamente à população marginalizada, conclui: "Poderíamos, assim, sustentar que os marginais ocupam um espaço cultural desestruturado e dependente, e que encontram, por tal fato, dificuldades permanentes na elaboração de uma identidade sócio-cultural autônoma e autogerada"⁷.

Poderia parecer, à primeira vista, que se estivesse aqui fazendo considerações saudosistas ou se sugerindo, de algum forma, um retorno ao regime de subsistência. Em absoluto. Apenas se fazem duas constatações, ambas decorrentes de dois modelos de processo produtivo:

1. O controle e o domínio do processo produtivo por parte do trabalhador, em regime de subsistência, lhe garante condições de autonomia capazes de estimular seu potencial de criatividade e engenho, determinando um processo de autogeração de conhecimentos. A sua experiência pessoal de trabalho e mesmo sua convivência social ocasionam-lhe, também, o contato com todo um legado do senso comum, acumulado pelas gerações.

2. Já este mesmo trabalhador, que no contexto do trabalho de serraria — organizado segundo os ditames de uma economia de produção capitalista, perdeu o controle e o domínio do processo produtivo através do enquadramento numa divisão tecnológica do trabalho, foi levado a uma estagnação de sua criatividade e a uma detenção de seu potencial. Em vez de criar, de gerar, se amoldou e se adequou ao processo de produção: passou a ser um agente no processo, não do processo. Faltaram-lhe as aberturas de autonomia. Os seus companheiros de jornada não são parceiros de intercomunicação capaz de es-

tabelecer laços sociais, porque são igualmente controlados e dominados.

Não é objetivo deste breve comentário complementações corolárias sobre o problema da marginalidade social, que nem por isso deixa de ser, no caso de Lages, um resíduo do Ciclo da Madeira e um campo fecundo de estudo sobre problemas culturais.



Genial as "minaturas dos murais", composição em papel recortado, enviado no Relatório da Escola Básica "Prof. Eurico da Costa Carvalho", de Chapecó, SC.

¹ LODDER, Celsius. Planejamento regional: o ponto de vista rural. IN: Pesquisa e planejamento – IPEA, No. 4, dez. 1976, vol. 6, p. 808 – 809.

² SINGER, Paul. Economia política da urbanização. São Paulo, Editora Brasiliense, 1978, p. 38.

³ IBIDEM, p. 37.

⁴ QUIJANO, Aníbal. Estrutura urbana e marginalidade social. IN: Populações marginais. São Paulo, Duas Cidades, 1978, p. 193.

⁵ ILLICH, Ivan. O direito ao desemprego criador: a decadência da idade profissional. Rio de Janeiro, Alhambra, 1979, p. 68.

⁶ QUIJANO, op. cit., p. 193.

⁷ IBIDEM, p. 194.

PONTOS NOS IS (Carta a Doralécio)

O TEMPO, O GRUPO DE ELITE "ET CETERA,
ET CETERA" DA SUBCOMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE.

E pergunto, não por admirado, mas por estimulado. E no estímulo há um orgulho: entregando o número 33, do BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, Você cobra interesse para que a dita Comissão apareça pelo esforço dos seus membros. Resolvi então redigir esta carta-depoimento. É uma resolução contribuinte da História. Ofereço informações e com elas a situação em que qualifico o seu esforço ímpar. — Obrigado pela confiança numa capacidade da minha parte. Entretanto, tenho respeito ao seu honesto esforço e ao acervo folclórico para escrever QUALQUER COISA. Qualquer coisa não quer dizer que seja FOLCLORE. E folclore não é blá-blá-blá de asneiras. — Você pede uma colaboração para o Boletim No. 34. Mando-lhe esta carta-depoimento. E me parece, exatamente, que já é tempo de depor. Entretanto, tenho pressa em dizer que Você tem razão é autoridade para ter queixa e fazer censura aos membros da Comissão; estes, como eu, mais ausentes que presentes. Você é um folclorista ativo e interessado. Dir-se-ia ou direi que você é o folclorista membro da Comissão, que é a própria Comissão. Nós gostamos de poder dizer que fazemos parte dela. Isto. Fazemos parte da Comissão Catarinense de Folclore. Outras entidades culturais têm membros com este comportamento. Só são delas para dizer que o são. Você tem potencialidades para ser útil, está sendo, e a maioria que já alcançou no painel do Folclore Catarinense (UMA DAS MAIS PURAS FONTES DE CATARINENSISMOS), já reclassificado, é também reconhecida.

E esta carta-depoimento escrita assim à maneira de retrospectiva é uma obrigação pessoal (MINHA) e também pela condição de uma conterraneidade, graças a DEUS, nobre. Senti o tempo próprio em escrevê-la. Ainda o sol anima e brilha. Nem todos do grupo que viu a Subcomissão Catarinense de Folclore nascer em outubro de 1948 já fizeram a viagem sem regresso, mas. . .

Entendo, Doralécio, que não é fácil escrever ou descrever pesquisa folclórica. Por outro lado, estou interessado na problemática literária da IDENTIFICAÇÃO DOS CATARINENSISMOS. Sou muito orgulhoso em ser dos mais responsáveis pela densa circulação do vocábulo: CATARINENSISMO. Tempo houve em que algumas pessoas enrolavam a língua ao dizê-lo. Agora, até já é tomado como substantivo e dourado de algum valor em aligeiradas concepções de identificação cultural. Tenho pressentimento de que cedo vou ou-

vir, ou vou ler, que *catarinensismo* é um vocábulo usado pelos açorianos, no processo da aculturação operada nos limites do mapa da Província de Santa Catarina. Pressinto esta aberração por causa da existência de rol de outras. E como exemplo apresento esta, que é explicadora (sic) da presença do engenho de farinha de mandioca (EXATAMENTE O ENGENHO — FÁBRICA RUDIMENTAR — DE FARINHA DE MANDIOCA) como bem de uma herança da cultura material açoriana.

É claro que só aqueles desinformados sobre as datas das chegadas dos açorianos ao litoral brasileiro chamado catarinense ou, definidamente, Ilha de Santa Catarina. Os desinformados e que também não pesam no saber a significação e a importância das influências irradiadas de São Vicente Ilha do Sol.

Quem usar capacidade de observação racional, entenderá que a Ilha de Santa Catarina fica encostada no litoral banhado pelo Atlântico e o amanhecer português verificado nele é muito aquém de 1748. E só a partir deste ano, os açorianos começaram a chegar e a comer a FARINHA DE MANDIOCA, que existiu como suprimento para um ano, conforme mandou prever o Edital de D. João V.

É certo que, se não foi feita em SC, a FARINHA DE MANDIOCA que o açoriano comeu na primeira refeição em terra brasileira, também não foi importada, na quantidade de existir para um ano inteiro. Em 1748, já se fazia FARINHA DE MANDIOCA, no Brasil. Logo, já existia a "CASA DE FARINHA". Esta foi muito conhecida do BRASIL COLONIAL, latifundiário e escravocrata.

Mas, Doralécio, você sabe e eu sei que a desinformação não evita a falsificação do folclore. O resíduo que existe é cada vez mais poluído. Reconheço, sem estar contaminado pelo vírus do desânimo, que mudanças de uma compreensão cultural não são operadas facilmente. Quando decidi entender bem as raízes da cultura regional — detalhe do Painele Catarinense — era todo um interessado. Via a paisagem humana catarinense como se ela estivesse dentro de um desafio que me era dirigido. Sentia-me sem poder decodificá-la e não aceitei o estado de ignorante. E como ignorante sentia-me inferior. Comecei por conflitos e fui-me acomodando. Permaneço no aprofundamento desta acomodação, sendo um permanente motivado. Por isso, aceitei participar da Subcomissão Catarinense de Folclore, já naquela relação dos pioneiros, na qual Você em 1949 já estava, por ordem alfabética, no décimo terceiro lugar. O meu nome vem aparecer entre os representantes municipais, no município de Indaial. Você, como eu, sabemos da importância daquela Comissão (evidentemente, uma Comissão maiúscula), que teve por Secretário-Geral Oswaldo R. Cabral. Dentre as poucas afirmações que deixaram resíduos fertilizadores, uma é que, naquele período iniciado nos fins

de 1948, existiu um grupo adulto dinamizando um interesse bem definido para coleta e divulgação de BENS FOLCLÓRICOS; existiu quem fizesse pesquisa folclórica como atividade valorizadora; quem fizesse folclore ao modo de HOBBY; quem fizesse folclore experimentando a transmissão de conhecimentos pessoais. A verdade crua cedo também alguns entenderam: escrever sobre folclore não era fácil e o de Santa Catarina, mais que outros, exigia pesquisa.

Convém lembrar que, naqueles anos, o movimento ativador dos estudos e pesquisas folclóricas tinha um caráter nacional. E, em 1949, a Discoteca Pública Municipal (São Paulo, SP) institui o 4o. Concurso de Monografias Sobre o Folclore Nacional. Os trabalhos premiados foram publicados na Revista do Arquivo Municipal, CLV – 1953 – Ano XIX. Esta revista foi editada pela Divisão do Arquivo Histórico, do Departamento de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura, da Prefeitura Municipal de São Paulo. Os trabalhos selecionados para prêmios foram: o de Théo Brandão, O REISADO ALAGANO; o de Veríssimo de Melo, RONDAS INFANTIS BRASILEIRAS; o de Luíz Carlos Lessa, CHIMARRÃO. Um catarinense residente no Rio de Janeiro concorreu com ACHEGAS À PORANDUBA CATARINENSE, Lucas Alexandre Boiteux. Da Comissão Julgadora, participou outro catarinense, que foi o cientista social, Egon Schaden.

É oportuno saber que os trabalhos ocuparam quase 500 páginas do número daquela revista; também, que os classificados sempre estiveram no grupo dos maiores em saber sobre o folclore nacional.

(E, meu caro Doralécio Soares, até os estímulos aos folcloristas, então, eram diferentes para mais e no aplauso.)

Dá se dizer que, sem dúvida, a fase da existência da Subcomissão Catarinense de Folclore foi a mais alta. E que tudo foi creditado a um grupo de participantes autênticos no interesse sustentado. Quem folhear o BOLETIM TRIMESTRAL No. 2, dezembro de 1949 (o número 1 apareceu em setembro de 1949) sentirá a substância do Movimento Folclórico.

UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS FOI AFIRMAÇÃO SÉRIA DENTRO DE PROPÓSITOS CULTURAIS.

Veja hoje, para avaliação daquele trabalho de ontem, que no Boletim era citado o grande Arthur Ramos (1903 – 1949).

Grande porque era tão conhecido, sendo maior no Folclore Brasileiro do que farinha de mandioca na refeição de praiano. E citado, com sinal de atenção. E eis o que se colhe no Boletim Trimestral No. 2, pág. 18: “SEM A PESQUISA DEMOPSIOLÓGICA INICIAL, DOS ELEMENTOS ÉTNICOS ORIGINÁRIOS, QUALQUER MÉTODO DE ESTUDO DO FOLK-LORE BRASILEIRO TROPEÇARÁ EM DIFICULDADES INTRANSPONÍVEIS” (Cf. O Folk-Lore Negro no Brasil).

É ainda no mesmo Boletim que se lê sobre a visita de Renato Almeida, então secretário-geral da Comissão Nacional de Folclore. O visitante veio patrocinado pela Academia Catarinense de Letras e colaboração do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. A Comissão Nacional era vinculada ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura – I.B.E.C.C. O propósito da presença do visitante em Florianópolis, SC, se deveu a um programa de contactos com as Subcomissões de Folclore dos estados: Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Acolhido com a propriedade devida, pelo saber, pelo conceito que desfrutava e pelo prestígio em que situou a Subcomissão Catarinense de Folclore, o Dr. Renato Almeida cumpriu programa e foi prestigiado pelo Governador do Estado, professor e bacharel em direito, José Boabaid. Naqueles fins de 1949, existiu uma opinião de grupo, que pareceu ser forte e, efetivamente, nutriu o movimento folclórico, do qual o Boletim Trimestral da Subcomissão de Folclore é uma prova. Diga-se, como informação, que o Departamento Estadual de Estatística deu contribuição fundamental para a sua existência: a edição e a circulação daquele boletim. Aliás, o Departamento mencionado, que deu contribuição tão efetiva e eficiente, não a deu por ser um departamento de estatística e sim por ser ativado por equipe de intelectuais capacitadíssima.

Doralécio, privei muito de perto, com o grupo de elite do Departamento Estadual de Estatística. Não sei onde hoje existe equipe rivalizante com aquela daquele Departamento no detalhe de responder sobre gente, coisas e terra do Paineal Catarinense, com a suficiência mais satisfatória. O trabalho dos diretores Virgílio Gualberto e Lourival Câmara, cada um ao seu tempo, foi assim como um eito preparado e cultivado com talento, indeligência e vontade construtiva. Quando deu colaboração maior à Subcomissão Catarinense de Folclore, o diretor era Roberto Lacerda, pessoa da confiança de Lourival Câmara, e tinha, como chefe da Secção de Publicidade, Osvaldo Ferreira de Melo (um encantado cultivador da pesquisa folclórica principalmente musical, e na época esteve metido até o pescoço em saber, saber, saber sobre o folclore ilhéu. Foi intolerante à crítica mais fraca ou mais forte ao Departamento Estadual de Estatística ou ao que escrevia. Sempre declarou oficialmente ou não que FOLCLORE era assunto sério)

Pois, Doralécio, quem examinar qual outro Departamento se igualava àquele, achará bem ajustadamente que eram assemelhados nas finalidades comuns através meios em levantar aspectos catarinenses: o Departamento Estadual de Geografia e Cartografia.

Quem conheceu o trabalho dos dois, sabe o quanto ambos estimularam pesquisas, estudos, inquéritos, visando conhecer o conteúdo, a face, a intimidade, as formas das marcas identificadoras do que é catarinense.

Aí, por que se entende (DIGO MELHOR) por que se pode entender o Departamento Estadual de Estatística funcionando no apoio, mais substancial, à Subcomissão Catarinense de Folclore. Não foi por acaso nem por uma decisão que se pode identificar como: AJUDAZINHA. . . — Exatamente, foi uma participação consciente, foi atitude coincidente com a filosofia tomada pela equipe de elite do DEE. À época, ela preservava o conceito em que o Departamento era conhecido dentro e fora das fronteiras de SC. Foi uma atitude, prosseguindo e ampliando o espírito e a maneira de operar, na realidade catarinense, herdada do diretor Lourival Câmara. E Lourival foi ímpar, como cultivador e cultuador de catarinensismos. E fez do Departamento Estadual de Estatística uma agência de pesquisas e inquéritos, informação e documentação, sendo a meta principal, aquela merecedora do aplauso forte e estimulador do Interventor Federal Nereu Ramos: conhecer gente e terra, catarinenses, para que os de casa mais as amassem e os de fora ficassem orgulhosos na satisfação em conhecê-las. Além de o ter sido, aquela agência foi, ao mesmo tempo, uma sementeira de recursos humanos ativadores do valor de ser catarinense.

Forçoso, então, é se concluir que os trabalhos editados pelo conceituadíssimo DEE, sobre folclore, foram entendidos como dentro dos seus mais autênticos interesses. E não se pode omitir, na informação, que o autor Osvaldo Ferreira de Melo era membro da Subcomissão Catarinense de Folclore. E, sem dúvida, os trabalhos: “O BOI-DE-MAMÃO NO FOLCLORE CATARINENSE”, como “O TERNO DE REIS NO FOLCLORE CATARINENSE”, são peças para o acervo bibliográfico, valiosas e raras. O primeiro tem capa e ilustração de Orlando Ferreira de Melo; o segundo tem a capa com desenho de Orlando Ferreira de Melo. Este artista plástico de profissão professor universitário de Direito foi outra revelação daquela época. Época de garimpagem folclórica sem antecedentes. Nunca se cultuou e cultivou tanto a brotação das raízes de catarinensismo mais puro.

Dentro e fora das fronteiras catarinenses se falou sobre a monografia de Osvaldo Ferreira de Melo, BOI-DE-MAMÃO no Folclore Catarinense. Não sei se Você sabe que discordei de conceito feito ali, naquela monografia, envolvendo uma explicação sobre o BUMBA-MEU-BOI do nordeste. A discordância foi publicada no jornal “A NOTÍCIA” (1949), Joinville, SC. Osvaldo Ferreira de Melo respondeu também pelo mesmo jornal, dizendo que a crítica continha um atrevimento. Mas, aquele trabalho recebeu aplausos de autoridades nacionais relacionadas na elite dos folcloristas brasileiros. E seleciono entre tantos o gaúcho Walter Spalding, figura de amigos e amigos na intelectualidade do Brasil — Sul, autor de livros de História do Rio Grande do Sul e considero entre os aprofundados no saber sobre açorianidades. Disse ele:

“TRABALHO DE MÉRITO EXTRAORDINÁRIO, DIGNO DOS MAIORES ENCÔMIOS, É ESSE QUE O DEE, SEU DIGNO DIRETOR-GERAL E O ILUSTRADO GOVERNO DE SANTA CATARINA EM BENEMÉRITA COLABORAÇÃO COM A SUBCOMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE DIVULGAM PARA O BRASIL INTEIRO. COM ESTAS PUBLICAÇÕES, SANTA CATARINA FORMA NA VANGUARDA DOS ESTADOS BRASILEIROS, DANDO EXEMPLO DE NOTÁVEL COMPREENSÃO DOS VALORES DOS ESTUDOS FOLCLÓRICOS.”

E você, Doralécio, tem conhecimento. Sei que tem, que tudo aconteceu num tempo de uma garimpagem folclórica sem antecedentes. O assessoramento profissional com os serviços gráficos do Boletim você o deu com tal eficiência, que o secretário-geral da Subcomissão Catarinense de Folclore, Oswaldo Rodrigues Cabral, incluiu o seu nome na citação de agradecimentos. Quem quiser conferir, procure o Boletim Trimestral No. 3, março de 1950. E quem conheceu o referido secretário-geral sabe que ele não distribuía elogios com facilidade. Aquele número três do Boletim Trimestral já foi impresso na Imprensa Oficial do Estado, aquela dos tempos do diretor Batista Pereira, a dos apoios e apoios a escritores e escritores para impressos vários, que fossem folhetos, que fossem livrecos, que fossem livros, que fossem jornalzinho ou jornal de verdade, que fossem revistinha ou revista de verdade.

Doralécio, deixo com você o meu “pontos nos is”, com referência àquela fase da IOE dos tempos do diretor Batista Pereira, quando Waldyr Grisard era subdiretor. À maneira bem ilhoa de qualificar, sem ofender nem elogiar, funcionava regida por “escolhambação-organizada”. Entretanto, nunca se poderá omitir que contribuiu, significativamente, para a produção editorial de então. — E como contribuiu! — e em muita publicação você entrou como colaborador no processo editorial. E até era obrigatório que desse cooperação, dada a sua especialização no campo das artes gráficas. Por isso, é fácil entender os agradecimentos de Oswaldo R. Cabral. Entretanto Você, por causa da pernambucanidade, era sensível tanto à prática como à pesquisa no universo do folclore catarinense. E esta sensibilidade foi fertilizada espontaneamente. E nem poderia deixar de acontecer esta fertilização. Externamente, algumas transparências do Folclore Catarinense têm similitudes com o Folclore Pernambucano. E não há nenhuma descoberta novidadeira. A faixa litorânea catarinense é a do mesmo Brasil — Português — Litorâneo, estendido na dimensão continental, na qual também fica a faixa litorânea pernambucana. A diferença mais notada entre elas é que, na pernambucana, a cultura africana tem maior participação que na catarinense; como ainda, que a catarinense

teve a dominação cultural dos vicentistas e recebeu a partir de 1748 a injeção de açoritas. Uma e outra receberam a contribuição dos nativos que as povoavam. Lucas Boiteux no seu livro: PORANDUBA CATARINENSE (Edição da Comissão Catarinense de Folclore, Florianópolis, 1957) oferece sugestões que podem ser relacionadas num roteiro para levantamento das constantes folclóricas da Região Sul e do Nordeste oriental.

Doralécio, este Brasil da beira mar é, nas raízes, luso-brasileiro. As similitudes existentes aqui, alí, acolá, são tantas, que anotar as diferenças é vestir “camisa de onze varas” para mexer “num saco de gatos”.

Deixo aqui uma opinião colhida na longa e vagarosa procura ainda inconclusa. Nela faz tempo permaneço empenhado. — Quem não for, de todo, cru, no entendimento do Brasil — Português — Litorâneo (estiradão umedecido pelo Atlântico), terá boa ajuda lendo (sabendo ler) o livro de GILBERTO FREYRE, Aventura e Rotina — Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação — 2a. edição, 1980.

É possível que alguém ache esta retrospectiva de memória uma arenga; entretanto, neste propositado interesse em situar Você e a situação do movimento cultuador do folclore, deixo bem claro o que é claríssimo: quem acionou a sensibilidade adormecida que Você portava, há 32 ou 33 anos passados, não foi a sua condição de profissional de Artes Gráficas, trabalhando na Imprensa Oficial do Estado. Bem exatamente, foi a divulgação do convite de Oswaldo R. Cabral, que foi o dinamizador da Subcomissão Catarinense de Folclore. Você sentiu a oportunidade, como um sinal verde, para manifestação pessoal. Você começou, indo como colaborador e voltando valorizado com a qualidade de membro do grupo atuante no garimpo (GARIMPO NÃO BEM DESCOBERTO E NÃO BEM EXPLORADO) do Folclore Catarinense! Você foi impelido e sustentado por uma sensibilidade fertilizada. Tanto assim que, no momento do esmaecimento da vida daquela Subcomissão (que se diga agora, foi oferecente de esperanças entre os folcloristas mais destacados), quando o seu Secretário-geral retirou a energia vitalizadora, e Walter F. Piazza, folclorista também, como continuador, permitiu que as aranhas tecessem teias na sua funcionabilidade, Você apareceu, no primeiro plano, como um interessado, oferecendo vontade de continuação, opinião preservadora do conceito adquirido, energia pessoal objetiva.

Faz tempo, Doralécio, e Você vem de lá daquele momento quando a solução de continuidade instalou-se na Subcomissão Catarinense de Folclore e quem lhe concedeu o AGRÉMENT foi o próprio Oswaldo R. Cabral. O clima da funcionabilidade então era encostado no zero negativo. Os interessados garimpeiros do Folclore Catarinense, alguns, ainda cedo, enfadonharam-se do garimpo — de certo não por desvalor do Folclore, mas por desaque-

cimento de interesse; alguns outros ficaram porém picados da interrogação: Folclore para que? — Afinal é lazer exigente de seriedade intelectual. A esta altura, existiu o processo de lenta desativação da vontade de “FOLCLO-REAR” e quem foi envolvido por ele ficou como quem fica num beco do qual a única saída é a desistência os que estavam na Subcomissão, ao modo de acompanhante de procissão, sem nem saber o sexo do santo, aceitaram com naturalidade a poluição antifolclore.

E Você ficou com o bastão simbólico da responsabilidade, a provar que existia um acervo fruto de trabalho realizado em cooperação. Continuou como foi possível e vem prosseguindo. As águas passam sob a ponte e você vem prosseguindo. Hoje, alguém deve, pelo menos, saber, quando falar sobre o movimento Folclore em SC., que o seu nome e este Movimento são inseparáveis. E já há anos. Se assim ou assado, não tem importância. Você teve o AGRÉMENT do secretário-geral da Subcomissão Catarinense de Folclore, Oswaldo R. Cabral, que não foi homem de FACILITAÇÕES, fechando olhos ou fazendo ouvidos moucos.

UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS FOI A TENTATIVA

E por que testemunhei e testemunho fidelidade ímpar (se assim ou se assado não tem importância) à preservação e divulgação do Folclore Catarinense, trago meu aplauso à nesga de sol que já é sua, por alimentar e realimentar o interesse e os interessados nesta área tão carente de sinceridade cultural. E vejo brilho de galardão no que Você faz, fazendo porque ninguém quis fazer.

A pesquisa folclórica precisa ser tratada cientificamente. Foi uma afirmação de Renato Almeida, em Florianópolis, SC. Todavia depois o Congresso Internacional de Folclore, reunido em São Paulo de 16 a 22 de agosto de 1954, discutiu, exaustivamente, o significado do nome FOLCLORE. Não vai aqui alusão conotativa visante de demeritação ao consagrado valor nacional de Renato Almeida (autor de A INTELIGÊNCIA DO FOLCLORE, 1a. edição, 1957). Vem o argumento para dizer que você, Doralécio, não ficou imobilizado ante a barreira da ausência de um preparo científico específico. Vocacionado para agir como folclorista, Você não procurou, ou melhor, não perdeu tempo com a definição da palavra FOLCLORE; não procurou valorização dizendo que fazia: DEMOPSIKOLOGIA; não exibiu conhecimento, dizendo que algures alguém dizia com referência a FOLCLORE:

VOLKESGEMEINSCHAFT. — Você, Doralécio, não se alterou nem se modificou; não se vestiu de novo nem encarnou papel intelectualizado; não perdeu tempo, procurando o divisor do que era etnográfico e do que era folclórico; nem tomou conhecimento se existia e onde ficava a autoridade, que ins-

truiria ESTA OU AQUELA preparação adequada como fabricação de um FOLCLORISTA. — Você ficou no seu: EU SOU ASSIM, sem pretensão de erudito, sem pose de teórico, nem fumaças de pernosticismo. E até hoje (mais de 30 anos no Movimento Folclore Catarinense), Você não tem a máscara de sumidade e nem o balançar acadêmico de cabeça. Entretanto, sei com os meus botões e muitas pessoas sabem o quanto tem dedicado tempo e vida, vida e tempo, ao Folclore Catarinense, principalmente, depois que Walter F. Piazza deixou a secretaria-geral da Subcomissão Catarinense de Folclore. Daquele instante para cá, colocou aos ombros a continuação da existência daquela entidade nascida no aplauso aquecido do grupo seleta, em que Oswaldo R. Cabral foi o líder. E aquela Subcomissão, como já disse, esteve vinculada a um órgão da UNESCO.

Sei que não é importante detalhar sobre os passos dados para tudo chegar aos seus cuidados. Acho, mesmo, que tal detalhamento cabe bem nas suas memórias (com OS ENTRETANTOS E OS FINALMENTE) de FOLCLORISTA SINGULAR, com muita ação e nenhuma inventiva.

E por causa dessa singularidade do seu caráter e força de vontade — não inventar, não sofisticar e agir-é que deu, acertadamente, uma certa preservação às raízes residuais do Folclore Catarinense. Pelo menos, assegurou a presença de estímulo aos grupos folclóricos praticantes. Quem como eu e outros seguiram o sociólogo Florestan Fernandes, bem exatamente, nada teriam feito. Avaliaríamos que uma “andorinha só não faz verão”. Isto por que tomei no ponto de partida ou melhor cheguei a ele com opinião formada em leituras e leituras e ainda seguindo aquele sociólogo, que no livro: A ETNOLOGIA E A SOCIOLOGIA NO BRASIL, que na página 266 (da edição de 1958), diz: AS TRANSFORMAÇÕES POR QUE PASSARAM OS ESTUDOS FOLCLÓRICOS EM SÃO PAULO SÃO FACILMENTE COMPREENSÍVEIS. A IDÉIA DE CONVERTER O FOLCLORE EM CIÊNCIA POSITIVA AUTÔNOMA TRAZIA, CONSIGO, LIMITAÇÕES E DIFICULDADES INSUPERÁVEIS. ESTÁ FORA DE QUALQUER DÚVIDA QUE O FOLCLORE PODE SER OBJETO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA. MAS, CONFORME O ASPECTO DO FOLCLORE QUE SE CONSIDERE CIENTIFICAMENTE, A INVESTIGAÇÃO DEVERÁ DESENVOLVER-SE NO CAMPO DA HISTÓRIA, DA LINGÜÍSTICA, DA PSICOLOGIA, DA ETNOLOGIA OU DA SOCIOLOGIA. O FOLCLORE, COMO PONTO DE VISTA ESPECIAL, SÓ SE JUSTIFICA COMO DISCIPLINA HUMANÍSTICA, NA QUAL SE PODERÃO APROVEITAR OS RESULTADOS DAS INVESTIGAÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE O FOLCLORE OU TÉCNICAS E MÉTODOS CIENTÍFICOS DE LEVANTAMENTOS E ORDENAÇÃO DE MATERIAIS FOLCLÓRICOS”.

“NEM POR ISSO, A SUA COMPLEXIDADE E IMPORTÂNCIA SÃO MENORES.” “O CAMPO DE TRABALHO DO FOLCLORISTA É SIMÉTRICO AO DOS ESPECIALISTAS NO ESTUDO DAS ARTES, DA LITERATURA E DA FILOSOFIA.” “APENAS DUAS DIFERENÇAS PARECEM RELEVANTES:

a) O FOLCLORISTA PRECISA FUNDIR COM FREQUÊNCIA, INDAGAÇÕES QUE PODEM SER FEITAS SEPARADAMENTE POR AQUELES ESPECIALISTAS:

b) QUANDO O FOLCLORISTA TRATA DE EXPRESSÕES ORAIS OU DRAMÁTICAS DO FOLCLORE, MUITAS VEZES SE VÊ OBRIGADO a documentar, ELE PRÓPRIO, OS EXEMPLARES QUE PRETENDE INVESTIGAR.”

E na procura de discernimento e orientação metodológica nas leituras produzidas por cientistas sociais, sempre achei estímulo para ler mais, era assim como se, cavando poço à procura de água, começasse a sentir a umidade porém fui adquirindo cautela severíssima para decidir sobre uma imaginada atividade de escrever sobre Folclore. E de repente percebi, como resultante das leituras que o meu encantamento sobre nomes de folcloristas famosos estava ensombrado. Isto por que eles como celebridades no Folclore jamais foram entendidos, por mim, como sujeitados a pautas científicas. Na minha domesticidade intelectual entendia que os folcloristas (OS DE GRANDE CONCEITO EM NÍVEL NACIONAL) eram uns e os cientistas sociais eram outros. Existiu momento em que foi difícil entender a separação do trabalho do etnólogo do trabalho do folclorista. E naquele momento de indagação, como se fosse de fome de esclarecimento, esbarrei numa pergunta reflexiva. Quero dizer, fiz pergunta aos botões da minha camisa de interessado em Folclore: pode existir um Folclorista sem ser cientista social, assim como existe poeta e ficcionista sem ser licenciado em Letras? — Levei tempo para ter resposta porém fiquei estacionado numa cautela entendendo o Folclore e o Folclórico dentro de complexidade especial. E dentro do Painele Catarinense, ao entendê-lo cada vez mais, o Folclore e o Folclórico passaram a não ser objetos de que fazer como lazer.

Por isso, entendi e aplaudi Oswaldo R. Cabral, interessado e entusiasmado na pretensão de “PREPARAR UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS; por isso, levei a sério o que escreveu Oswaldo Ferreira de Melo, na introdução do seu trabalho, “O TERNO DE REIS NO FOLCLORE CATARINENSE”. Disse, então, no ano de 1950: PARAMOS O OLHAR EM MEIO A ESSE ACERVO DE TRADIÇÕES, QUE VAI LENTAMENTE DESAPARECENDO POR INFLUÊNCIA DA VIDA E DOS COSTUMES DESTE FIM DE SÉCULO. A FIM DE ABSTRAIRMOS, PARA UM BREVE

ESTUDO, UM DOS FESTEJOS QUE MAIS DE PERTO TOCARAM A SENSIBILIDADE DO NOSSO POVO.”

Entendi que o DASAPARECENDO dito ali tinha significado de: os tempos vão mudando e jamais o FOLCLORE VAI DESAPARECENDO. Então, tomei um ponto de vista, exatante, pela minha maneira de pensar: de certo muitos da Subcomissão Catarinense de Folclore perderam o “élan” de escrever ou melhor pesquisar sobre FOLCLORE E COLETAR O QUE ERA FOLCLÓRICO, por que a tarefa mostrou a verdadeira cara como não sendo de passa-tempo e, ainda por cima, exigia dedicação especial e mais esforço intelectual com talento.



UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS FOI META DE ENTUSIASMO

E tudo aconteceu em menos de meio século. Apenas, ou aproximadamente, entre 30 e 31 anos de nobre propósito de Oswaldo R. Cabral e a afirmação emocional, como portador de herança social, de Osvaldo Ferreira de Melo. — Doralécio, você sabe como sei, que um e outro, tiveram participação significativa no Movimento do Folclore Catarinense. É claro que não são eles dois os únicos, pois, recorro de outros nomes de interessados, mais de perto, naquela Subcomissão como, por exemplo, Giovanni Faraco. Apele para a memória, Você se lembra do gordo humanista Giovanni Faraco? Aquele que também trabalhava no Departamento Estadual de Estatística? E que morreu no início da década de 60, logo no início? Por ele, Doralécio, se mede como tinha gente de inteligência e talento na seleta equipe do lembrado D. E.E. Outros nomes da Subcomissão Catarinense de Folclore eram: Almiro Caldeira (romancista de ROCAMARANHA) e além de tudo um ANDRADA, família das raízes catarinenses, gente de civismo para dar e inteligência para engrandecer. E do Custódio Campos, você está lembrado? — Que sabia latim para ensinar e alemão para traduzir o livro de Carlos H. Oberacker Jr., A CONTRIBUIÇÃO TEUTA À FORMAÇÃO DA NAÇÃO BRASILEIRA. Editora Presença, RJ. 1968. E que Victor A. Peluso Junior, exatamente aquele que foi o criador do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia, também deu colaboração de boa qualidade, naquela Subcomissão e no seu boletim trimestral? Não sei se Você privou do talento e da inteligência de Ruben Ulisséa, gente da Laguna, uma vida dedicada à História regional e ao Folclore conotado com ela, foi outro no esforço grupal, que marcou a época. E nem faltou a presença e o prestigiamento de Henrique Fontes, inteira atividade honesta dedicada à pesquisa do passado catarinense, como se pode comprovar na sua bibliografia, principalmente, demensionando o valor, se possível, do livro: A IRMANDADE DO SENHOR DOS PASSOS E O SEU HOSPITAL, E AQUELES QUE OS FUNDARAM. E não foram só os mencionados. Existiram outros, que deles sei quase nada por convivência quase nenhuma. Também estava na Subcomissão o perfeccionista Altino Flores, crítico literário sabedor que o redondo do ó não é toda sabedoria; proprietário de talento e bagagem literária conceituadíssimos; jamais um gastador de palavra com “vintém de mel coado”. E ainda mais, para glória de quem conhece, autor de uma conferência pronunciada como representante de Academia Catarinense de Letras no dia 11 de setembro de 1940, durante o IX Congresso Brasileiro

de Geografia (Florianópolis, SC). Disse ele que era esboço delineado no painel da evolução literária. — “Seu” Dolaralécio, que esboço!

Injustiça merecedora de punição seria não apresentar entre os seletos, o genealogista Antonio Taulois de Mesquita, que de Genealogia CATARINENSE tanto como ele não existiu outro que entendesse, pois, ele com Carlos da Costa Pereira, modelo ímpar de pesquisador disto, daquilo e de tudo formante ou derivado dos catarinensismos, compuseram a dupla, até agora sem substitutos. E os dois mereceram assentos cativos naquela Subcomissão. Também gente talentosa de inteligência privilegiada sustentou a tomada de posição quanto ao estudo, à pesquisa e à preservação do Folclore, emprestando prestígio e apoio. Alguns do nosso modesto convívio como: Plínio Franzoni Júnior, Henrique Stodieck (este que afinal mais conhecido é como humanista um tanto bem situado na faixa da Filosofia, sempre vivo na lembrança dos que foram encantados com sua bagagem cultural e inteligência d'escol), Pedro José Bosco, Elpidio Barbosa, Aroldo Caldeira, João dos Santos Areão, José Cordeiro. E nem faltou Othon D'Eça, ao meu ver, o mais completo retratista da paisagem humana ilhoa; o decodificador do poema mar e homem, homem e mar; vento-mar-homem-salitrado, Areia-salgado. História de foi um dia que da conoa e do seu dono só o poeta e o prosador acharam o rastro. Quem admitiria não ter sido, Othon D'Eça, o autor de HOMENS E ALGAS, um entalhador e ao mesmo tempo colecionador de criaturas salitradas como Anselmo, o Boca-Muda, Lourenço Carpes, o Pica-pau, o João Saibro, criaturas vivas ainda hoje no popularesco praieiro — poemático onde vicentistas e portugueses fraternizados plantaram a semente do catarinensismo. Othon D'Eça, ali viu como disse numa transparência colorida: “UM GRANDE MAR DE INVERNO, ESCURO E LAMACENTO, ESCUMAVA E FERVA COMO SE TIVESSE POR BAIXO TODO FOGO DO INFERNO.” Exatamente ele não tivesse o nome na relação dos membros de uma Comissão de Folclore, tendo ela a sede em Florianópolis? — E naquela, Doralécio, que você preserva como pode, porém com a fibra de zelador fiel, o Othon D'Eça estava. — E até seria uma ofensa ou um insulto à inteligência catarinense se não estivesse.

Convém entretanto apreciar que aquela Subcomissão foi envolvente até de políticos. De regra em SC aos políticos não sobram minutos para exame de meta cultural. E existem deles, que compreendem ser atividade dos políticos apenas os assuntos desenvolvimentistas e neste fazem concessão aos negócios da educação. É claro que não aprofundadamente. Ontem não era diferente. Pois o deputado federal Afonso Wanderley Júnior apresentou à Câmara Federal: “projeto de lei criando a cadeira de Folclore, nos cursos de História e Geografia e Ciências Sociais, das Faculdades de Filosofia, e que levou a assinatura de inúmeros deputados.”

Fica nesta retrospectiva avivada a memória do Dr. Afonso Wanderley Júnior. Foi advogado de escritório movimentado; político militante na União Democrática Nacional – UDN; acatado por seus correligionários e respeitadíssimo pelos nossos do Partido Social Democrático – PSD.

Como se leu, aquela Subcomissão viveu momento de entusiasmo e alimentou entusiasmo pela identificação do que era Folclore e enriquecia ela própria pelo que era achado como Folclórico. Um detalhe precisa ficar visível para ser muito bem compreendido: na Subcomissão Catarinense de Folclore militou, interessadamente, a nata da inteligência residente, ou domiciliada em Florianópolis.

Entretanto, diga-me Doralécio, QUEM É QUEM pertencente àquela NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTA falada na carta de Oswaldo R. Cabral para Renato Almeida. Verdade que não foi uma afirmação e sim um bem imaginado ideal, ao modo, é claro de contar com recursos humanos para realização ambiciosa na área do estudo, da pesquisa e da divulgação do Folclore. – E nem se duvida do honesto ideal. – Oswaldo R. Cabral pôs esforço, trabalho e decisão na vida da Subcomissão Catarinense de Folclore mas quem apareceu através dela como gente da nova geração de folcloristas? – Nós dois somos dois deles? – Da minha parte sei com certeza, que não sou. Já cheguei ao Boletim Trimestral, referido nesta tantas vezes, com capacidade de percepção. Já dominava sensibilidade e preparo para saber ver uma paisagem humana. Daí, por que o meu contacto com a paisagem humana da Bacia do Itajaí foi fertilizado. E também por que muito cedo compreendi a complexidade da composição do povoamento catarinense. E também por que tive condição de me debruçar para saber mais e mais sobre gente, Geografia e História, catarinenses.

Quando a História me deu as datas dos que chegaram, no século passado para fazer o povoamento das terras onde nasceriam os filhos como descendentes de açorianos; de germânicos; de italianos; de austríacos; de poloneses e doutros, procurei na Geografia, que ofereceu a estrutura física para o Painel da Comunhão, as identidades de cada grupo povoador, que somadas deram o catarinense. Entendi a singularidade regional: a soma das diferenciações davam como resultado a unidade. Naquele afã das buscas para assestar ponto de vista, levantei duas hipóteses para demonstrar: uma, exigia pesquisa rigorosa no conhecimento do Folclore; e o objetivo perseguido foi ver se a aparente evidência das misturas culturais entre os que já estavam com os chegados, e todos entre si, eram autênticas; outra, os qualificativos açoriano, alemão, italiano e outros doutros imigrantes como ganhavam nexos numa substantivação folclórica, no território catarinense; e o objetivo perseguido incluiu pesquisar onde estava o que de folclore já existia, quando o imigrante chegou.

E fui montando, para o meu uso, o Paine! Catarinense, com vagar quelônico porém continuado. E na tarefa da montagem vou gastando 40 anos. Hoje, entendo que isso de chamar Folclore açoriano, alemão, italiano e quejandos, é de uma necessidade turística ou comercial. E só isto.

UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS FICOU NO ERA O QUE SE QUERIA

Entendo o objetivo do secretário-geral da Subcomissão Catarinense de Folclore, Oswaldo R. Cabral, como merecedor de todo acatamento e muito digno de confiança, senti a oportunidade como sentiria o personagem daquele escritor inglês: dois fios de cabelos numa cabeça calva e deveriam ser puxados na rapidez que passassem. Forte na minha vaidade em querer aparecer intelectualmente, decidi escrever trabalho para o Boletim Trimestral órgão daquela Subcomissão.

Embora motivado, admitia precisar de preparo adequado para coletar e transmitir. A minha autocrítica sempre foi autoritária e policial. E a porta aberta era o próprio momento rico de estimulação. Existia um interesse nacional sobre estudo, pesquisa, divulgação e trocas de conhecimentos, na área do Folclore Brasileiro. Quem quiser saber, saberá: as décadas de quarenta e cinquenta deste século detiveram destaques ainda não conhecidos em outras para os folcloristas e os trabalhos folclóricos. Também, na época, cientistas sociais estrangeiros ativaram, nos centros universitários liderantes (São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente), o ensino, a pesquisa aplicada e o editoramento de livros. Vali-me o tanto quanto possível dos meios melhoradores dos meus conhecimentos, explorei as oportunidades, utilizei as ofertas produtivas, procurei contactos úteis, assinei revistas especializadas, colecionei recortes de jornais, mantive correspondência, dei encargos às minhas amizades, usei oferecimentos cordiais, sobrearreguei as minhas despesas financeiras com compra de livros. Li, li, li, sempre e muito interessadamente. Fiz questão de aceitar convites com a minha máscara de aprendiz de cultura catarinense; usando-a, sentia-me numa realização sem que fosse num HOBBY. Tomei como livro de cabeceira os livros de: LUNDBERG (George A.) Técnica de la Investigación Social. 1949, de FLORESTAN FERNANDES, Fundamentos empíricos de explicação Sociológica. 1959, de BAROJA (Julio Caro) Análisis de la cultura. 1949, de POVIÑA (Alfredo) Teoria del Folclore. 1953, de IMBELONI (J.) Concepto y Praxis del Folklore como Ciência. 1943, de SÁINZ (Luiz de Hoyos) y NIEVES (de Hoyos Sancho) Manual de Folklore. 1947, de RAMOS (Arthur) Estudos de Folk-Lore. 1951, CASCUDO (Luís da Câmara) Dicionário do Folclore Brasileiro. 1954. (Diz o autor deste dicionário que o escreveu aceitando convite de Augusto Meyer, quando era diretor

do Instituto Nacional do Livro – INL. Aqui ficam as homenagens ao poeta e ao folclorista Augusto Meyer. Só por ser editor deste dicionário, já seria imortalizado. Nem seria preciso se conhecer sua obra poética, sem dúvida, uma daquelas que engrandecem a poética brasileira)

E novamente puxando o fio da relação dos livros da minha cabeceira prossigo: de SUMNER (William Graham) Folkways – Estudos Sociológicos dos Costumes – Tomo I. 1950, SPRANGER (Eduard) Ensayos sobre la cultura. 1947, de F. COLUCCIO y G. SHIAFFINO, Folklore y Nativismo. 1948, MACHADO FILHO (Aires da Mata) Curso de Folclore. 1947, RIBEIRO (Joaquim) Folklore dos Bandeirantes. 1946, de PIERSON (Donald) Teoria e Pesquisa em Sociologia. 1945. E outros mais. De certo modo, tudo que era relacionado como bibliografia de apoio à minha ansiedade de leituras. Vivi uma preocupação permanente em ter capacidade para conhecer o complexo cultural de SC. É claro que a problemática do Folclore, não por que se escrevesse também: Folk-Lore ou ainda Folklore. Pois não faltou quem até escrevesse: Folquelore. Também e mesmo assim situei na conformidade do alerta constante no Boletim Trimestral da Subcomissão Catarinense de Folclore, No. 2/ Dezembro de 1949/ano I, pág. 18: SEM A PESQUISA DEMOPSIOLÓGICA INICIAL, DOS ELEMENTOS ÉTNICOS ORIGINÁRIOS, QUALQUER MÉTODO DE ESTUDO DO FOLK-LORE BRASILEIRO TROPEÇARÁ EM DIFICULDADES INTRANSPONÍVEIS.”

Não foi contudo aquele alerta o único impulso provocador. Quando cheguei a SC já sabia onde estava a ponta do meu nariz. Já tinha em conta bem definida, avaliadamente, que a pesquisa social era o fundamental para o conhecimento de um aspecto social. Era afeito à pesquisa em livros, para comparações com realidades. Preferenciava a história e o histórico da Inteligência e da Cultura, brasileiras. Destaco que me valiu muito, como ainda hoje me valho, dos volumes da BRASILIANA (coleção da Companhia Editora Nacional, iniciada por Fernando de Azevedo em 1931).

Em SC precisamente, em Blumenau, é que derivei para conhecer, pormenorizadamente, a contribuição dos germânicos, de modo global, no esforço do progresso e dos destaques, brasileiros.

E por causa desse: PRECISAMENTE, EM BLUMENAU, é que encontrei nos livros da Biblioteca de Ciências Sociais dirigida por Donald Pierson Ph. D, fundada e, 1943. Livraria Martins Editora. São Paulo, SP. (FOLKWAYS, de Sumer, já citado, foi um deles). Os livros foram MESTRES MUDOS como escreveu o padre Vieira. Porém, as revistas asseguram-me atualização. E entre elas foi minha preferida: SOCIOLOGIA (Revista Didática e Científica dirigida por Romano Barreto e Emílio Willems)

O Emílio Willems mencionado é o mesmo “Ph. D. professor de Antro-

pologia na Universidade de São Paulo e Escola Livre de Sociologia e Política (também de São Paulo, SP). O seu livro intitulado: ASSIMILAÇÃO e POPULAÇÕES MARGINAIS no BRASIL (Brasiliense v. 186) me foi recomendado pelo Interventor Federal Nereu Ramos, pessoalmente, no dia da inauguração da Biblioteca Pública Municipal "CRUZ e SOUSA", Indaial, SC no início da década de quarenta. E o seu livro: A ACULTURAÇÃO DOS ALEMÃES NO BRASIL (Brasiliense v. 250) é que mereceu aquele trabalho intitulado: E. Willems, "Alemães no Brasil". Consiste ser uma recensão crítica, publicada na Revista Portuguesa de Filosofia. Coimbra, Casa do Castelo, Editora. 1950. Devo o convite para escrever o trabalho ao professor Paiva Boléu (Universidade de Coimbra, Portugal).

Voltamos à revista SOCIOLOGIA, da qual tomamos desvio. Nela escreviam os cientistas sociais mais projetados nos conceitos universitários nacional e internacional. Fui seu assinante vários anos.

Outra revista da qual tirei apoio valioso foi: PROVÍNCIA de SÃO PEDRO (era editada pela Livraria do Globo. Porto Alegre, RS). Sem temer equívoco de citação, nela escreviam autoridades em saber escrever. E no detalhe do que divulgava sobre Folclore era assinado por quem sabia mais e até ensinava. De alguns, seguem os nomes para avaliação: Carlos Galvão Krebs, Edson Carneiro, Alceu Maynard Araujo, Darcy Azambuja, Dante Laytano, Walter Spalding, Luiz da Câmara Cascudo, J. Simões Lopes Neto e muitos outros. E nem posso excluir que também, na revista CULTURA POLÍTICA (Revista Mensal de Estudos Brasileiros, sob a direção de Almir de Andrade), colhi subsídios contribuintes para preparação ambicionada. Aliás, foi nela que li pela primeira vez trabalho sobre o BOI-DE-MAMÃO. É da autoria de JOSUÉ CLAUDIO DE SOUZA, com o título: UMA FESTA DO "BOI-DE-MAMÃO" em SANTA CATARINA. Está No. 9/10 de novembro de 1941/Ano I. O artigo tem intenções laudatórias à criatividade do ESTADO NOVO. É superficial e tem pouco mais de três páginas. Todavia, naquela revista, no No. 19/setembro/1942, Renato Almeida apresentou sua comunicação sobre uma pesquisa intitulada: O BUMBA-MEU-BOI DE CAMASSARI. (Doralécio, esse Camassari nada tem a ver com o Engenho Camaçari, aquele de Ioio Romão de Andrade Lima, meu tio, e o da minha infância com o primo Theódulo)

O Trabalho de Renato Almeida tem pouco mais de quatro páginas e uma ilustração. A comparação dos trabalhos de Renato Almeida com o de Osvaldo Ferreira de Melo: O BOI-DE-MAMÃO NO FOLCLORE CATARINENSE, ilustra conhecimentos sobre variações do Folclore Brasileiro. E vem para a conversa uma pesquisa de Alceu Maynard Araujo, DOIS DIVERTIMENTOS DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO: João Paulino e Maria Angu, um; A Miota e o Boi, outro.

(É boi barroso, pitanga ou arça, mas não é “Bumba-meu-boi” e nem “Boi-de-mamão”). Esta pesquisa foi publicada, in “TRÓPICO” revista de cultura e turismo No. 5/agosto e setembro de 1950/ano I. A área da pesquisa foi São Luís do Paraitinga (São Paulo). E alerta o folclorista de muito conceito: **DIGNO DE NOTA É A RESSURREIÇÃO DO BOI, TAMBÉM ENCONTRADA NO “BUMBA-MEU-BOI DO NORTE” E NO “BOI-DE-MAMÃO” DE SANTA CATARINA. ESTE BOI, PORÉM NÃO SE CONFUNDE COM AQUELES BAILADOS DOS REISADOS, DO CICLO DE NATAL.**

Como se há de entender, as citações vem em apoio da minha insatisfação (jamais para convencer e sim para explicar) em não admitir, pelo menos à primeira vista, a idéia de que o FOLCLORE EM SC seja um que aqui apareceu, decorrentemente daquele que os europeus trouxeram a partir dos açorianos (1748), germânicos (1829), italianos e tirolezes (1875) e outros mais, chegados depois. — Curiosamente, não recebeu o que já existia antes e nem se misturou entre si.

Tal concepção do que é FOLCLORE EM SC é tão asneirenta, que nem merece respeito pela monumentalidade.

Disse antes: “de certo modo tudo era relacionado como bibliografia de apoio a minha ansiedade de leituras.” Pois, naquela situação de ansioso por ler mais para compreender melhor, fui entrando numa insatisfação, que se transformou em dedicação ao catarinensismo (GARIMPO FRACAMENTE EXPLORADO), na qual permaneço. É permanência de 41 anos, com oito meses de vida no exterior. Hoje, a dedicação já tem a face sólida de responsabilidade. É na sua tela que levanto o perfil das raízes dos catarinensismos. A tarefa comparativa vem das duas décadas mencionadas (1940 e 1950) quando vi, tomei contacto, senti na pele: o ar, o cheiro, a cor, a vida na paisagem humana da Geografia dos Catarinensismos.

Nenhum arrependimento do tempo gasto, esmiuçando a complexidade do Painele Catarinense. É preciso entender que ser adulto em coisas de cultura é, pelo menos, ter responsabilidade. Aí, por que seguem com seus títulos e autores, os livros, que acusaram aquelas décadas, como salientadas na valorização dos assuntos folclóricos: AMADEU AMARAL, Tradições Populares. Com estudo de Paulo Duarte, 1948; AUGUSTO MEYER, Guia do Folclore Gaúcho, 1951; LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, Melagro, 1951; M. RODRIGUES DE MELO, Cavalo de Pau, 1953; F. COUTINHO FILHO, Violas e Repentes, 1953 (este livro quem mo deu foi Giovanni Faraco, aquele já citado como criatura dos grupos dos autênticos em catarinensismos); M. RODRIGUES DE MELO Patriarcas e CARREIROS. 2a. edição. 1954; LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, Contos Tradicionais do Brasil, 1955; WALTER SPALDING, Tradições e Superstições do Brasil Sul (ensaios de folclore), 1955; MARIA

ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ, Sociologia e Folclore (A Dança de S. Gonçalo num povoado bahiano), 1958; LUIS DA CÂMARA CASCUDO, Superstições e Costumes (pesquisas e notas de Etnografia brasileira), 1958; RENATO ALMEIDA, Inteligência do Folclore. 1a. edição. 1957.

Leituras e mais leituras como necessidade de conhecimentos, como necessidade de amadurecimento intelectual, como necessidade de familiarização com a matéria selecionada. E de repente, uma conscientização à leitura capacitava e fertilizava o acervo do conhecimento adquirido. Efetivamente, senti esse processo de melhorar a capacidade. Nas recordações indeléveis relacionadas com os assuntos sobre folclore, menciono que o livro de AIRES DA MATA MACHADO FILHO, O NEGRO e o GARIMPO em Minas Gerais, 1843; e o trabalho, que foi publicado em capítulos in CULTURA POLÍTICA com o título: O povo brasileiro através do folclore, de BASILIO DE MAGALHÃES, foram daqueles fertilizadores e sugerintes de produção com matéria existente no Painel Catarinense. A esta altura da minha vivência, já me sentia adiantado num entendimento de catarinensismos, entretanto como espectador mais previdente com a complexidade. Aliás, foi, incondicionalmente, uma tônica do meu comportamento de escritor: entender bem para dizer. Vestia esta disposição, quando relendo ROGER BASTIDE, Brasil Terra de Contrastes, demorei ou melhor fiquei como quem soletrava, mentalmente, a afirmação sobre o carnaval em Recife, PE: "O DO RECIFE É ENCRUZILHADA DE TRÊS FOLCLORES: O FOLCLORE NEGRO COM SEUS BLOCOS E MARACATUS, O FOLCLORE ÍNDIO QUE NELE FIGURA COM A DANÇA DOS CABOCLINHOS, E O FOLCLORE DOS BRANCOS COM O CAVALO-MARINHO, O BOI DE PAPELÃO PINTADO, OS LANÇA-PERFUMES QUE SÃO A FORMA MODERNA DOS BANHOS DE ÁGUA DOS VELHOS CARNAVAIS EUROPEUS." — E alimentando as minhas indagações assestadas como perguntas: e onde, como e quais as encruzilhadas dos folclores catarinenses, que os índios deixaram; que os negros deixaram; que os brancos com eles fizeram algures no planalto, algures nos vales, algures na faixa litorânea.

Quem ler um trabalho do folclorista DANTE DE LAYTANO, folclore do Rio Grande do Sul (publicado in Província de São Pedro, No. 19/1959), entenderá melhor as colocações das minhas interrogações. Para mostra, segue o trecho: "OSVALDO FERREIRA DE MELO DIZ QUE NO RIO GRANDE O FOLGUEDO É CHAMADO DE "Boi-bumba", como no Paraná e em algumas regiões do Norte do Brasil, MAS NÃO SE REFERE À INFLUÊNCIA CATARINENSE NA REGIÃO LÍMÍTROFE QUE É O CASO DE TORRES, PERMITINDO ASSIM ADMITIR, COMO DE FATO É CERTO, QUE O "auto" DO BOI, NO RIO GRANDE, CONSTITUI MANIFESTAÇÃO DE LIVRE INICIATIVA GAÚCHA."

E comenta sugerindo interpelação:

“CASO O “boi” QUE AINDA SE REPRESENTA EM TORRES FOSSE CATARINENSE, POR QUE NÃO INCLUIRIA A “Bernúncia”, QUE TEM PAPEL SALIENTE NO “auto” DO ESTADO VIZINHO?

“ASSISTIMOS EM 1949 UM “boi-de-mamão” EM FLORIANÓPOLIS MAS DIFERE DO NOSSO, QUE É MAIS POBRE, TEM MENOS BICHOS E O CANCIONEIRO ASSIM NÃO POSSUI MUITA RIQUEZA.”

Àquele tempo, como já defini antes limitado nas décadas de quarenta e cinquenta ao par do esforço reconhecidamente nobre e útil, tomei que havia uma certa anemia no interesse do divulgador do folclore de SC, embora no vário do Painei Catarinense existisse material abundante (E TANTO COMO INEXPLORADO), aguardando pesquisas e pesquisadores. O múltiplo e o vário, que seria dizer o complexo definidor do catarinense, têm aspectos folclóricos ainda não pesquisados. E uma tendência para valorizar a originalidade, parcialmente, é uma constante. Basta ler, atenciosamente, os trabalhos publicados nos números do BOLETIM TRIMESTRAL da Subcomissão Catarinense de Folclore em todas as suas fases.

E quem os ler notará que, de cambulhada com o Folclore puro, foi aproveitada a satisfação para exibição da veia laudatória. Vem como exemplo da afirmação a matéria intitulada: SANTA CATARINA NO IV CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE (cf. Nos. 25/26 janeiro 1959 e janeiro 1960 – Ano XI). Também, páginas foram usadas com matéria própria do noticiário e da correspondência.

O cansaço dos redatores localizados como responsáveis pelo Boletim apareceu, visivelmente, quando inseriram trabalhos de valor específico, porém jamais sobre Folclore, como: TRADIÇÃO E PLANO URBANO – cidades portuguesas e alemães, de Victor A. Peluso Jr. Nos. 15/16 junho/set. 1953 Ano IV. A FIGUEIRA, de Carlos da Costa Pereira, Nos. 20/21 set./dez. 1954 Ano VI. PINTIMBU – uma povoação pesqueira do nordeste brasileiro – de Pedro Agostinho da Silva, Nos. 25/26 jan. 1959 e jan. 1960 Ano XI.

Servem os relacionados como exemplos, porém outros confirmam que os membros da Subcomissão Catarinense de Folclore, já àquele tempo, não ofereceram material para ser publicado conforme a programação estimada para tiragem das edições do Boletim Trimestral. O que Você alega hoje, assim em tom maior de queixa, denunciando falta de colaboração com trabalhos para publicar, não é uma novidade, vem dos primeiros tempos da Subcomissão Catarinense de Folclore.

Aí, Doralécio, duas conclusões: uma, também com duas considerações; naquele tempo do entusiasmo, entendi como hipótese e confirmo hoje o entendimento hipotético de ontem com base no conhecimento das realidades

minhas conhecidas no Painei Catarinense. Boa parte dos temas folclóricos explorados e mais divulgados são variantes dos conhecidos nos folclores doutros painéis extrafronteiras catarinenses; outra, alguns folcloristas quando entenderam que escrever ou fazer folclore não era simples como parecia, tiveram o comportamento do violeiro, sempre mencionado no chavão popular: não podendo prosseguir na animação do bailarico meteu a "viola no saco". Os folcloristas, simplesmente, foram como vão, lentamente, numa desativação.

Aqui, é honesto dizer que, por certo, Oswaldo R. Cabral, percebeu a carência. E por percebê-la é que manifestou a Renato Almeida a idéia de estimular o aparecimento de "UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS."

Por outro lado, o douto folclorista Renato Almeida procurava divulgar que não aplaudia a superficialidade no Folclore. Nem esta e nem a erudição de gabinete com "BISANTINISMOS BIBLIOGRÁFICOS." Quem quiser ler o que ele escreveu, criticando e esclarecendo, leia "O PLANO NACIONAL DE PESQUISAS FOLCLÓRICAS, publicado in Boletim Trimestral Nos. 9/10 set./dez. 1951 Ano III.

Também, elucida que ambos sentiram que o preparar novos folcloristas era tarefa de significação maior. Para entender como Renato Almeida compreendeu Oswaldo R. Cabral, segue o trecho final de sua carta como resposta: "A IDÉIA DE VOSSA EXCELÊNCIA DE PREPARAR UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS DEMONSTRA O SINCERO EMPENHO COM QUE ENCARA OS NOSSOS PROBLEMAS, COM LOUVÁVEL DESINTERESSE E PREOCUPADO MAIS COM SEMEAR DO QUE APRESSADO EM COLHER FRUTOS FÁCEIS. MUITO ME APRAZ CONFESSAR-LHE, QUE, NO ESFORÇO CONJUNTO QUE EMPREENDEMOS PELO FOLCLORE BRASILEIRO, Vossa Excelência, apesar de seus inúmeros afazeres de homem público, PARLAMENTAR E MÉDICO CLÍNICO, É UM DOS COMPANHEIROS DE MAIOR DEDICAÇÃO, ENTUSIASMO E DINAMISMO. NÃO SÓ A COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, MAS, POR IGUAL O IBECC, TÊM NA MAIS ALTA CONTA OS SEUS EXCELENTES SERVIÇOS E BENFAZEJAS REALIZAÇÕES."

PEÇO-LHE TRANSMITIR MINHAS CONGRATULAÇÕES AOS DEVOTADOS COMPANHEIROS, QUE TANTO CONTRIBUEM PARA OS TRIUNFOS DESSA COMISSÃO, E RECEBER AS GARANTIAS DA MINHA PERFEITA ESTIMA E DISTINTA CONSIDERAÇÃO, a) Renato Almeida - Secretário-Geral." (Cf. Boletim Trimestral No. 7 março de 1951 Ano II)

UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS AINDA AGORA SE PRECISA COMO ANTES

Do folclorista Oswaldo R. Cabral foi uma idéia e continua. E você, Doralécio, sabe disso, exatamente, por que já formou opinião consolidada em mais de três dezenas de anos. É uma vida de convivência e a convivência de uma vida inteira, tendo o Folclore Catarinense como assunto importante. Você alcança, por inteiro, toda comentaçãõ desenvolvida. E sei mais que você tem bofes para ouvir crítica acidulada e para saber, também, que pode usar a carapuça oferecida quem nada fez, cobra ter feito e nada faz além de soletrar o vocábulo: folclore. Você entende nas linhas e entrelinhas para quem são os pontos nos is.

Avivo aqui, Doralécio, que a idéia norteadora do meu comportamento com referência ao Folclore Catarinense, neste momento, é de modo cru ser um decepcionado. A utilização mais comercial que cultural dos aspectos folclóricos estarrece, insulta, entristece. Fico na decepçãõ, porém, no protesto. Não sou um doente de TURISTICOFOBIA. Apenas, não aceito as invencionices intituladas de MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS. Na verdade, é o atendimento ao moderninho fantasioso, atado ao interesse de rentabilidade, porém muito divulgado por meios e meios; programas e programações; festas e festivais; falações e falatórios; entrevistinhas e entrevistonas.

Enquanto o "Demo esfrega o olho", os profissionais que falam ou escrevem para ganhar a subsistência repetem, maquinalmente, é preciso defender o folclore. Defender o folclore. Denfender o folclore. Seja inesgotável a cornucópia dos perdões para eles. Afinal, em nível nacional, existiu no ontem de outro dia entidade assuminte da defesa do folclore.

E então DEFENDER já significava nos dicionários do vernáculo: prestar socorro ou auxílio a; vedar, proibir, tolher; falar a favor de; resguardar, abrigar, preservar; rebater uma acusaçãõ. Dar auxílio a. Patrocinar ou advogar a causa de. Amparar. Opor a força, oferecer resistência, a um ataque ou agressãõ feita a. Interditar. Falar em abono de; pleitear em favor de; interceder por. Sustentar com razão ou argumentos. Executar ou desempenhar em competiçãõ. Oferecer resistência. Sustentar com argumento.

E a enumeraçãõ sobre DEFENDER poderia ser mais longa. Contudo, não foi por significar, assim ou assado, várias maneiras de fazer defesa do folclore, que essa defesa não foi acionada de modo ideal.

Exatamente, a verificaçãõ (POUCOS SABEM FAZÊ-LA) indica que, caindo no domínio de um interesse para ser tomado como atraçãõ rentável, sem ter as origens conhecidas, lá no arquipélago cultural, o arquipélago dito catarinense, foi sendo tirado de lá, vestido de invencionices coloridas ao gosto de cada um, para composições improvisadas. Comumente, aparece confor-

me o gosto artístico do programador. Assim, como todo programador é autoritário, o FOLCLORE CATARINENSE aparece como ele quer e não BEM CULTURAL REPRESENTATIVO. Como todo autoritário é ignorante, sei, muito bem, que tem perdão de origem bíblica, exatamente, por não saber o que faz.

A verdade é que a esta altura do tempo ainda não está, suficientemente, situado na UNIDADE POLIVALENTE DO FOLCLORE BRASILEIRO. E se sabe que não foi feito o mapeamento do FOLCLORE CATARINENSE. Que é falado, é. Que é anunciado, é. Que é programado, é. Quanto ao ser realizado, isso é outra anunciação, que será anunciada quando chegar a hora do anúncio.

Hoje, já é oficial o vário e o múltiplo na IDENTIDADE CATARINENSE. Até o vocábulo CATARINENSISMO, que não é antigo no uso popular como abrangência de tudo que é enraizadamente catarinense, já deixou de ser, exclusivamente, acadêmico. Este vocábulo saiu dali depois do meu livro CATARINENSISMOS, 1974, Udesc-Edeme, Florianópolis, veiculá-lo, argumentadamente. Entretanto, antes já era fácil dizer: É PRECISO DEFENDER O FOLCLORE. Hoje continua sendo. E há 30 anos você sabe e ouve que É PRECISO DEFENDER O FOLCLORE. E em todo esse tempo passado quem foi que disse que não é?

Florianópolis, SC, setembro de 1981

Theobaldo Costa Jamundá



Um Parecer importante sobre obra importante.

A OBRA MONUMENTAL DE ANA MARIA AMARO

A Presidência da Comissão Catarinense de Folclore, dada a importância da obra da Folclorista Portuguesa Ana Maria Amaro, determinou que o folclorista Prof. A. Seixas Netto, Secretário da mesma Comissão, elaborasse uma Parecer a respeito. E os termos do Parecer são estes:

PARECER

Senhor Presidente da Comissão Catarinense de Folclore:

Dando acatamento à designação que me faz, para dar PARECER, com respeito ao livro JOGOS, BRINQUEDOS E OUTRAS DIVERSÕES POPULARES DE MACAU, de autoria da folclorista portuguesa ANA MARIA AMARO, cabe-me, após demorada leitura, concluir que:

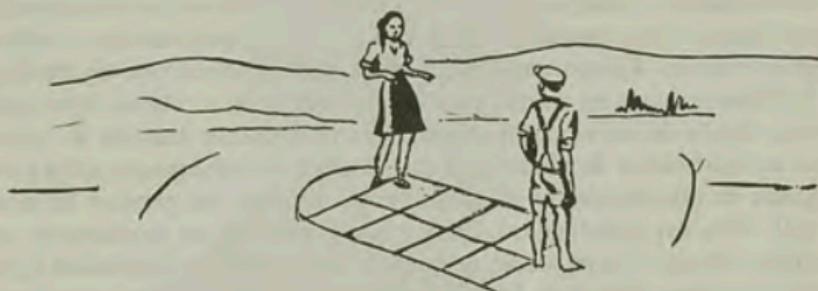
A distinguida autora e pesquisadora folclorista elaborou, certamente, uma obra monumental, única no gênero em língua lusitana, tomando, ao meu entendimento, a posição invejável de *Lusíadas* do folclore das terras lusas, na metrópole e em além-mar, ou onde haja passagem e permanência do valor e gênio lusitano. Fartamente ilustrado com objetos, descrições esquemáticas, trabalhos manuais em rendas, em florística e enfeites, o volume, deste modo, toma feição de enciclopédia. A obra é particularmente dedicada ao folclore da colônia asiática de Macau, que data dos primórdios das navegações portuguesas de descobrimentos de novas terras, iniciadas nos meados do século XIV. Uma das importantes características é que, sem ser precisamente uma edição bilíngüe, é uma edição portuguesa com referências lingüísticas e gráficas em chinês dialetal de Macau. Devassando completamente o mundo mágico dos brinquedos e diversões populares, Ana Maria Amaro abriu a todos um amplo conhecimento da criatividade luso-macauana, no curso dos séculos, penetrando ao âmago das origens chinesas e as posteriores introduções lusitanas na criatividade popular de Macau. Todavia, a criatividade humana é universal, como entendo; por isto, não me causou espécie encontrar ali brinca-

deiras cantadas como o **Bom Barqueiro**, das cantigas de rodas cá do Brasil, principalmente na Ilha de Santa Catarina; inclusive até com a mesma letra cantada no Brasil; também o **Giroflé**, com a mesma letra, — ou pouca variação—, canta-se cá. Nota-se, também, que as **Cantigas Chinesas** estão dispostas em bilinguagem português e cauitonês, tornando-se documentário apreciável.

Desta maneira, Senhor Presidente, a encantadora e apreciável obra deve, obrigatoriamente, fazer parte de toda biblioteca folclórica, sociológica, literária, porque, é evidente, constitui patrimônio de inarredável valor. Sou de parecer, portanto, que, apesar de ser dedicada ao Folclore de Macau, mas de ali constar cousas e versos que nós brasileiros também usamos e praticamos, provando a universalidade do Folclore e da língua e gente portuguesa, esta Comissão Catarinense de Folclore considere o livro da Folclorista ANA MARIA AMARO como Obra Monumental do Folclore e, reconhecendo isto, conceda à magnífica autora o título de Membro Honorário desta Comissão. É este o meu PARECER.

A. Seixas Netto
Da Comissão Catarinense de Folclore
Da Academia Catarinense de Letras

Florianópolis, março de 1981



AMARELINHA

Pesquisa e Registro Especial

Elaborados por Doralécio Soares

PÃO por DEUS: uma tradição revivida.

Ao Grupo de Idosas de Palhoça.
Novembro, 1980

*Lá vai meu Pão por Deus
As belas idosas agradecer
A lembrança alvissareira
Do Pão por Deus remeter*

*A todas neste momento
Desejo cumprimentar
Com votos de feliz festas
No próximo mês de Natal*

*Aceitem meus cumprimentos
Pelo Pão por Deus cultivar
A tradição nos veio de longe
Com os açorianos de Portugal*

*Aí vão uns livros meus
Para esse grupo sortear
Não são de grande valia
A intenção é ajudar*

*Aceitem meus parabéns
Por essa nobre missão
Ajudando nosso próximo
Terão paz no coração*

*Até o ano que vem
Com muita fé e alegria
Mandem muitos Pão por Deus
Pois é grande a alegria.*

ESCOLA DE CUPIDO

Maria Rosa de Jesus, nascida em Canasvieiras, criada na Vargem Pequena.

ELE

*Estou na Escola de Cupido
Por te amar aprendi
Por não te por falar uma carta
Te escrevi eu te escrevi*

ELA

*A carta que me escreveste
Inda cá não me chegou
Se queres alguma coisa
Dize-me que aqui estou*

ELE

*Se alguma coisa quero
Espera que eu já te digo
Eu dessa terra não vou
Sem te levar comigo*

ELA

*Pra você levar consigo
Meu pai não estará contente
Aqui eu fico nessa rua
Difamada para sempre*

ELE

*Menina não se assuste – bis
Não se deve se assustar – bis
Fama que você há ter
Todas elas hei de tirar.*

ELA

*Ainda fama não tenho
Mas elas poderão vir
Fale baixo não acorde
Meu pai está a dormir.*

ELE

*Se eu acordar seu pai
Nada disso se me dá
Tirante de hoje por diante
De sogro hei de chamar.*

ELA

*De sogro há de chamar
Mas por ora ainda não
Agora eu vou lhe perguntar
Pela sua geração bis:*

ELE

*Minha geração é boa,
Sou filho de Portugal
A virgem Nossa Senhora
Há de nos acompanhar*

ELA

*A virgem Nossa Senhora bis
Acompanha quem é contente bis
Há de acompanhar nós dois
Que somos amor para sempre.*

FIM

VERSOS

*Eu nunca tive na Escola
Nem nunca aprendi a lê
Tenho por boa memória
Que lhe saiba responder*

*Fiz um A pra te amar
Fiz um T pra te querer
Fiz um D pra não te deixar
Fiz um S só se morrer.*

*Não aprofites comigo
Que sou filho da bênção
Olha que eu tiro cantigas
Das palmas das minhas mãos.*

Quadras populares.

Jornal "O Novidades" – Itajaí – 1905.

*O dia tem duas horas
Duas horas não tem mais,
Uma é quando te vejo
Outra quando me lembrás.*

*O amor e o respeito
Não fazem boa união;
Quando o amor diz que sim
Diz o respeito que não.*

*Aí! muito custa uma ausência
a quem não sabe sentir,
Mas mais custa uma presença
de ver e não possuir.*

*Minha mãe, case-me cedo,
Enquanto sou rapariga;
Que o milho sachado tarde
Não dá palha nem espiga.*

*Os amores de hoje em dia,
São falso como o melão:
Têm de se partir um cento
Para se encontrar um são.*

*Deixa-me cruel cúme
Que tanto me mortificas;
O que não sabes, suspeitas,
O que não vês, certificas.*

*Como o vento é para o fogo
É a ausência para o amor;
Se é pequeno, apaga-o logo,
Se é grande torna-o maior. . .*

Nota: Enviado pelo companheiro
Ayres Gevaerd. Brusque 1981

FESTIVAL DE PANDORGAS

A. SEIXAS NETTO
(Da Academia Catarinense de Letras
Da Comissão Catarinense de Folclore)

Neste ano de 1981, pelo mês de julho, se realizou, como é já da tradição catarinense, na linha litorânea, o Festival de Pandorgas. Mas o Festival deste ano foi mais amplo: ocorreu, em domingos consecutivos, nas cidades de Florianópolis, Itajaí e Tubarão, sempre sob a coordenação do publicitário Luiz Paulo Peixoto. Historicamente, as pandorgas são de uso e costume popular, nas fases infantil e juvenil, na Ilha de Santa Catarina, como brincos, nos meses de novembro a fevereiro, isto é, em pleno Verão. Todavia, como festival, são levantadas Pandorgas nos meses de julho e agosto. E isto merece explicação: Como festival, isto é, brincadeira festiva ordenada, coordenada e patrocinada, seja por órgãos públicos ou entidades particulares, não é precisamente brincadeira de motu-próprio popular. Portanto, há que diferenciar **brincadeira popular**, que é tradicional, de **brincadeira coordenada**, determinada, que é mais uma proposta de lazer excepcional que tradição. Aliás, no meu fraco entender de folclorista ilhéu, estas instruções no uso e costume desordenam a tradição; levam o povo a perder contacto com a própria tradição. Nestes festivais, como em tudo que não é específica e rigidamente tradição, aparecem inovações, que não são manifestações artísticas mas instrumentos competitivos em busca de prêmios e outras benesses. A arte tradicional não compete porque é estacionária e permanente como uso e como costume. Apareceram pandorgas em formas de bonecos, criticando pessoas, dentre elas o Ministro Delfim Neto; aeromodelos de aviões, etc. Mas isto, que parece aumentar o brilho do Festival, não é tradição, porque, realmente, nada tem para contar da história local. Na tradição ilhoa da pandorga, há os seguintes modelos: O **barrilete** (ou barrelote); a **popa** (relembrando as rodas de leme dos navios de vela); e, como ilha de pescadores, o peixe **Arraia**; em homenagem a aves, o **Papagaio**. Estes modelos variavam em tamanho e beleza do colorido. Depois, vinda do Rio de Janeiro, faz uns 30 anos, a **Pipa**, que é um papagaio híbrido: Metade papagaio, metade pandorga. Depois, as **pandorgas-enfeites**, que nada têm que ver com a história e a tradição, como Morcegos, Bandeiras, etc. . . etc. . .

Mas foi o Festival, nas suas três realizações, um sucesso de freqüência e de objetos no ar. Que continue. Mas é de sugerir-se um Festival Tradicional

de Pandorgas, no Verão, sem aparelhos alienígenas. Esperemos... espere-
mos. . . A tradição é a própria história dum povo.



NOTICIÁRIO DE SANTA CATARINA

PROMOÇÃO DO FOLCLORE NAS ESCOLAS

Por determinação do professor Doralécio Soares, Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, coube a Myriam Conceição Dias Beltrão, apreciar os relatórios enviados por algumas UCRES à Comissão Catarinense de Folclore, relacionados às festividades escolares comemorativas ao Dia Nacional do Folclore, em Santa Catarina.

Na 1a. UCRE (Florianópolis), o destaque foi uma "Noite de Folclore" na qual participaram cinco colégios estaduais, quinze escolas básicas e dois cursos elementares, além do Instituto Estadual de Educação, do Colégio Catarinense, do Colégio de Aplicação da UFSC e do Educandário 25 de Novembro.

Na 2a. UCRE (Tubarão), foram realizadas atividades em diversas escolas, com destaque para a programação da Escola Básica General Osvaldo Pinto da Veiga, que incluiu no programa um concurso de redação e outro de cartazes sobre temas folclóricos brasileiros. Destacando-se ainda o Colégio Fridolino Hülse, de São Martinho, que obteve a colaboração de pessoas da Comunidade para cantar o canto: "Schon ist die Iugen", acompanhado de violão e gaita. Ainda na "medicina popular", realizaram uma pesquisa recolhendo ervas medicinais para preparação de chás, no total de 50 tipos de ervas, com as respectivas receitas, que mereceu a publicação neste Boletim.

Na 5a. UCRE (São Francisco do Sul) o evento foi aproveitado para realização do XI Festival Estudantil de Folclore, com a participação de dois colégios estaduais, cinco escolas e um grupo escolar.

Na 6a. UCRE (Rio do Sul), várias unidades escolares realizaram promoções folclóricas, destacando-se a Escola "Teresa Cristina" de Laurentino, que disse ser a região rica em folclore, realizando pesquisas de comidas regionais e ervas medicinais.

Na 8a. UCRE (Mafra), além das festividades realizadas no dia 22 de agosto, houve ainda a participação de pelotões folclóricos no desfile comemorativo ao 64o. aniversário de emancipação do município, realizado em 8 de se-

tembro.

Na 10a. UCRE (Concórdia), foi realizado o I Festival do Folclore, com a participação de trinta e duas escolas básicas e um grupo escolar.

Na 11a. UCRE (Chapecó), foi cumprido um extenso programa, precedido de palestras feitas com o objetivo de despertar o interesse dos alunos para os temas de cunho folclórico.

Na 15a. UCRE (Araranguá), foram programadas várias festividades, incluindo a apresentação de quadrilha, a organização do boi-de-mamão e a realização de um casamento na roça.

A documentação mais rica e detalhada, sobre o evento, procedeu da 11a. UCRE (Chapecó), com a feitura de excelentes relatórios. Entre todos, cabe destacar os apresentados pelas Escolas Básicas Fazenda Triângulo, de Coronel Freitas; Pedro Paques, de Cairu; Prof. Eurico da Costa Carvalho, de Chapecó e ainda pelo Colégio Estadual Irineu Bornhausen, de Águas de Chapecó. Entre os que buscaram coletar dados informativos de interesse folclórico, cabe ressaltar os das Escolas Básicas Artur da Costa e Silva, de Linha Roncador — Coronel Freitas; Vendelino Junges, de Pinhalzinho e Professora Jurema Savi Milanez, de Quilombo.

Na programação elaborada pelas diversas UCRES, houve uma tendência generalizada para a apresentação de danças e folguedos populares, do estado, de outras regiões do país, e até mesmo de países estrangeiros. Na oportunidade, coube uma menção especial para o I Festival do Folclore, organizado pela 10a. UCRE (Concórdia), com a apresentação dos seguintes folguedos e danças: pau-de-fita, boi-de-mamão, samba-de-rua, chimarrita, quadrilha, cana verde, balaio, carangueijo, chote-do-carreirinho, pezinho, dança indígena, balainha, dança-do-anu, frevo, chula e dança dos facões.

Poucas UCRES utilizaram os recursos propiciados por jograis, declamações, representações teatrais e competições para a amostragem e difusão de temas folclóricos; poucas também foram as pesquisas realizadas.

Pelos trabalhos realizados, pode-se concluir que as festividades programadas para o Dia Nacional do Folclore em Santa Catarina, cumpriram a contento os objetivos previstos na legislação pertinente, ou seja, despertar o interesse de professores e alunos e do povo em geral, para as tradições populares de nossa terra e de nossa gente.

As UCRES — Unidades Regionais de Coordenação Regional de Ensino, compareceram, este ano, na sua quase totalidade, às Promoções Folclóricas, comemorativas do 22 de agosto, Dia Nacional do Folclore, instituído também em Santa Catarina pelo Decreto-Lei No. 4.287, de 7 de abril de 1969.

Extensa programação, com festivais, festas, tardes e noites de folclore, pesquisas, etc., foram realizadas pelas Escolas que integram essas Unidades

Regionais de Ensino. Professores e alunos, na mais intensa vibração, promoveram o nosso folclore.

* * *

Publicamos o parecer da Professora Myriam Conceição Dias Beltrão, da Comissão de Folclore, sobre os Relatórios das promoções, na seção do Noticiário. Alguns Relatórios, entretanto, não chegaram a tempo de ser analisados pela professora Miryam, visto já termos enviado à IOESC a matéria para este Boletim. Mas para não deixarmos sem apreciação os mesmos, coube-me examiná-los e tecer algumas considerações.

O Relatório de 4a. UCRE (Blumenau), foi sucinto, acompanhando algumas fotos. Referência especial, no entanto, além das feitas sobre outros Relatórios pela professora Myriam, cabe-me fazer ao Relatório da 7a. UCRE (Lages). Nessa Unidade, foram desenvolvidas dois Festivais de Folclore; um no Colégio Franciscano Diocesano, e outro no Centro Educacional "Vidal Ramos Junior"; além de pesquisas, palestras, danças, peças teatrais, corais, trovas. Exposição de artesanato, roda de chimarrão, pratos típicos das cozinhas: alemã, italiana, japonesa, cabocla e gaúcha. Sessão lítero-musical, enfocando as influências indígena, portuguesa, africana, alemã, italiana e japonesa.

Para os Festivais foram envolvidos os municípios de: Lages, Urubici, Curitiba, Bom Retiro, Campo Belo do Sul, São Joaquim, Anita Gabibaldi, Ponte Alta, Alfredo Wagner, São José do Cerrito, e vários distritos.

Queremos chamar atenção para que seja observada a nossa posição, com referência à realização de Concursos nas promoções folclóricas, matéria neste sentido consta do noticiário deste número, numa transcrição do Jornal "Correio do Povo", de Jaraguá do Sul.

Sugerimos que nas promoções folclóricas sejam dadas preferências ao enfoque do folclore catarinense numa abrangência para as danças, pesquisadas autenticamente, entre as nossas raízes culturais. As pesquisas de campo são de grande importância para o levantamento da cultura regional, no caso "medicina caseira", comidas regionais, crendices, surperstições, linguagem, provérbios, lúdica infantil, cantigas de roda, rondas infantis, histórias que nossos avós contavam, etc.

Sendo o folclore catarinense o mais diversificado do Brasil, temos um campo extraordinário para o desenvolvimento destes estudos.

Doralécio Soares

O Auto-do-Boi

— ESTUDO —

Myriam Conceição Dias Beltrão

PARECER

Senhor Presidente da Comissão Catarinense de Folclore:

Acatando seu despacho, designando-me para apreciar o trabalho da nossa colega Myriam Conceição Dias Beltrão, titulado o AUTO-DO-BOI E SUAS MUTAÇÕES, dou cumprimento ao mesmo, exarando o meu PARECER.

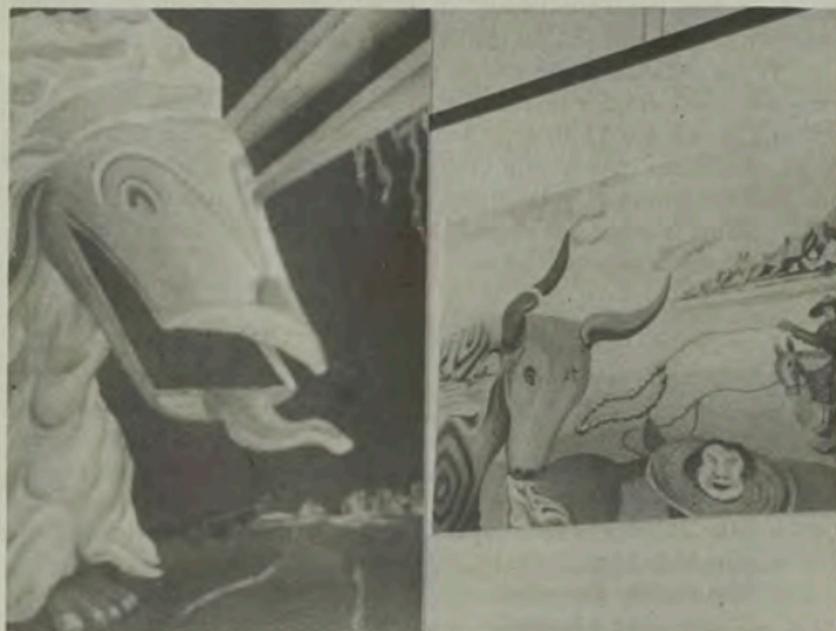
O trabalho, elaborado para o Curso de Pós-Graduação em Desenho a nível de especialização — Metodologia Científica, em maio de 1981, Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Artes, aprecia, um tanto demoradamente, a evolução do Auto-do-Boi, — o que, aqui na Ilha de Santa Catarina, a Mei-en-bipe, eu chamo de Boi-Mamão —, em várias partes do Brasil, onde o ritual — dança apresenta diversificada designação. É um trabalho precioso, no respeitante ao conjunto de informações de uso e costume fixados em tradição. Não se pode, inegavelmente pôr reservas à cultura folclórica dessa nossa colega e distinguida professora. Entretanto, há que sentir falta, no estudo, o que é aceitável, dada a especialidade para a qual foi elaborado, do estudo ritual, ligado à simpatia e remédios de cura dos animais de fazenda. O Boi-Mamão, — e não de mamão —, como conheci na Ilha, representava o terneiro separado da mãe, antes do final de período de leite, o terneiro desmamado, para que a vaca pudesse manter a produção leiteira por mais algum tempo. Esse terneiro desmamado é muito ativo e movimentado; ensaia seus primeiros ataques belicosos, mas é muito sensível às doenças como vermes e engurgitamento dos estômagos, porque passa, instantaneamente quase, do mamar para o exercício de comer erva sólida, e, às vezes, no remoer, engasga-se. Assim, o ritual para cura do engurgitamento era o fazê-lo pular, correr, ao mesmo tempo em que era rezado, por um curandeiro, por um benzedor. E dava certo. Curava mesmo. E isto vi, muitas vezes, na chácara do meu avô, onde se criavam vacas de leite; muitas vezes ouvi dizerem: — “O Mamãozinho branco está engurgitado. Chama a benzedeira”. Todavia, futuramente, por certo, essa nossa colega, irá ao assunto, porque todo festejo de hoje foi um sério ritual de ontem. Entendo que se deva dar largo destaque ao estudo da Professora Myriam Conceição, pois representa farto e sólido material para futuras consultas e referências. Entendo, também, que, para maior divulgação, além

Aí estão as inúmeras telas do pintor Zacarias, cuja inspiração para o seu trabalho, deve a beleza envolvente da nossa ilha, onde a rapaziada nas noites que antecedem o Natal até a aproximação do Carnaval, percorrem as nossas ruas com os seus improvisados bois-de-mamão, — “Moça quer que cante? É baratinho — quer moça? Vamos, vamos, deixa cantar. E assim começam — Vêm cá meu boi/vem cá. Vem cá meu boi, vem cá. . .” Parabéns Zacarias. Nós agradecemos a você. (Doralécio Soares).

Gosto da habilidade com que Zacarias incorpora elementos do folclore à paisagem das cidades que retrata. Esta fórmula, além de emprestar um toque de magia às telas, permite a fusão de três elementos importantes da identidade de uma região: o pitoresco, o monumental e os costumes.

Nesta série sobre Florianópolis, figuras do boi-de-mamão dançam ora no Mercado Público, ora na Lagoa da Conceição, ora na Ponte Hercílio Luz. Macacos descem dos ramos da Figueira; pescadores tarrafeiam a bernúncia; boi tem bagre no chifre; um tirante da ponte vira laço.

Aqui, o insólito, freqüente, habitual. E o colorido, generoso, tropical que é. Bonito à beça. (Jair Francisco Hamms)



NOTA

Julgamento de apresentações folclóricas

O Semanário "Correio do Povo", que se edita no município de Jaraguá do Sul SC, publicou uma matéria sob o título "Euclides da Cunha", vence o Festival de Folclore. Em razão da qual o Presidente da Comissão Catarinense de Folclore manifestou-se sobre o assunto, dando motivo à publicação pelo mesmo jornal, na sua edição de 5/9/81, da nota abaixo transcrita.

Soares,

Condena julgamento de apresentações folclóricas

O "Correio do Povo" em sua última edição, sob o título "Euclides da Cunha" vence o Festival do Folclore", abordou a realização do 1o. Festival do Folclore da 19a. UCRE, destacando os jurados que escolheram como vencedora, dentre doze estabelecimentos participantes, a Escola Básica Euclides da Cunha, de Nereu Ramos, baseados na originalidade, criatividade, interpretação, coreografia e mensagem de cada apresentação.

O fato do julgamento das apresentações folclóricas foi condenado pelo Presidente da Comissão Estadual do Folclore, Doralécio Soares, que classifica como uma "maldade" esses procedimentos julgatórios, por entender pertencer a culturas étnicas diferentes, por nós aculturadas e que, por isso mesmo, não pode e não deve haver julgamento.

Em correspondência ao mais antigo semanário do Estado, Doralécio, na qualidade de Presidente da Comissão Estadual do Folclore, órgão integrado ao MEC, através do Instituto Nacional do Folclore, afirma ser amplamente favorável e aplaudir a realização desses festivais, que vêm se transformando, segundo o próprio, em verdadeiras festas folclóricas, tal o entusiasmo e dedicada abnegação, não só de professores, mas, principalmente, das crianças participantes.

E acrescenta: "Mas estão cometendo o GRAVE ERRO de promoverem concursos entre os grupos das escolas participantes. Ocorre que, entre grupos folclóricos, NÃO PODE HAVER JULGAMENTO, por pertencerem a culturas étnicas diferentes, por nós aculturadas. Como se pode julgar uma apresentação de um grupo de folguedo do Boi-de-Mamão, com um grupo de Dança-do-Pau-de-Fita? Uma apresentação comparativa do folclore teuto-brasileiro, com o afro-brasileiro, o luso com grupos aborígenes, o ítalo-brasileiro, etc. É uma maldade tal procedimento julgatório".

Na continuidade de suas exposições, afirma: "Não que entre os mesmos

faltem qualidades culturais. Isto não, pois todos são ricos pelas suas origens étnicas. Mas compará-los, isso somente seria possível se fossem grupos afins, semelhantes, no caso, concurso de grupos de Boi-de-Mamão, ou de Cacumbis e por aí afora. Nem entre grupos de Pau-de-Fita, podem-se realizar concursos, por serem de culturas diferentes, uns de origem alemã, outros portuguesa, hispânica, etc., quanto mais entre grupos diversamente opostos culturalmente”.

Para o Presidente da Comissão Catarinense do Folclore, julgamentos dessa natureza é um desestímulo às professoras, às escolas de comunidades carentes e às próprias crianças. Acha que para as escolas participantes devem ser conferidos troféus, certificados ou brindes oferecidos pela indústria e comércio.

APROVEITAMENTO DE ILUSTRAÇÕES DOS RELATÓRIOS
ENVIADOS À COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE,
CONCERNENTES ÀS PROMOÇÕES FOLCLÓRICAS REALIZADAS
NAS ESCOLAS.



BOI-DE-MAMÃO

Dança folclórica do Estado de Santa Catarina.

Escola Básica "RUDOLFO LUZINA"
NOVA ERECHIM-SC

PROMOÇÃO DO FOLCLORE
NAS ESCOLAS

Escola Básica "Profª Clairinice
Vieira Caldeira"
-São Francisco do Sul-



"Dança do VILÃO"



"Dança do VILÃO"



Folguedo do "BOI-DE-MAMÃO"



Colégio Estadual "ALMIRANTE
-ARAQUARI-
BOITEUX"

"Cana Verde"-Dança do Folclore
Luso.



Escola Básica "NICOLAU
SCHOENBERGER"

-CUNHATÁ-SC-

PROMOÇÃO DO FOLCLORE
NAS ESCOLAS



Dança típica do folclore campeiro
(Gaúcho)

Concórdia

MARIA ROSA: Folclore do Contestado



Escola Bás. "RODRIGUES ALVES"
Sant'Ana. S/C.



Dança Típica Alemã-Blumenau



PESTA CAIPIRA
Escola Básica "TERESA CRISTINA"
Laurentino

NOTICIÁRIO

São Francisco do Sul – SC

XI FESTIVAL ESTUDANTIL DO FOLCLORE

Realizado no Ginásio de Esportes “A Comunidade Participa” na cidade de São Francisco do Sul.

*Aí vai a programação do XI Festival Estudantil do Folclore, organizado pela 05.06 Supervisão Local de Educação, elaborado pela Sra. Edite Tereza Corrêa, ocorrido no dia 20 de agosto no Ginásio de Esportes “A Comunidade Participa”, na cidade de São Francisco.

O acontecimento foi coroado de pleno êxito, graças ao trabalho laborioso das professoras de Educação Física e demais pessoas que de uma forma ou de outra colaboraram com esta promoção.

O Ginásio de Esportes ficou superlotado, havendo grande entusiasmo, aplausos e euforia de todos os alunos que lá compareceram. Tomei as providências necessárias e o acontecimento foi fotografado, com especial atenção “A Dança do Vilão”, cujas fotos enviarei no início de setembro.

Todas as escolas realizaram boa apresentação, sendo a mais aplaudida a Dança Caipira, apresentada pelo Grupo Escolar “João Alfredo Moreira” de Vila da Glória, do outro lado da Baía de Babitonga.

Observa-se que a cada ano que passa, o aspecto cultural enriquece e toma maior colorido. Há mais interesse quanto à pesquisa, vestuário, música, etc., tornando as apresentações mais autênticas.

No sábado, dia 22, seja “Dia Nacional do Folclore”, participei do Programa “Conversando”, na Rádio Difusora Carijós Ltda. Procurei valorizar e estimular o trabalho das professoras de Educação Física, Diretores de Escola, Pais, Alunos e Comunidade, a fim de continuarem com entusiasmo para o brilhantismo das nossas apresentações folclóricas, dando oportunidade às crianças de valorizarem as nossas tradições. Falei sobre a possibilidade de ser criada junto à Prefeitura uma Subcomissão de Folclore, bem como estimular e valorizar o Grupo Folclórico O VILÃO, dando-lhe condições de continuar este folguedo em nosso Município.

Os municípios de Joinville e Jaraguá do Sul também realizaram o seu Festival de Folclore. Não pude comparecer devido às aulas, mas soube que foi um espetáculo e o sucesso foi surpreendente. Que bom se isso ocorresse na maioria dos municípios.

Parece que no dia 27, iremos apresentar O VILÃO em Jaraguá do Sul,

onde o Festival irá se repetir. Se isso ocorrer, mantereí essa Comissão informada.

Sônia Maria

*A programação enviada pela professora Sônia Maria Copp da Costa, deixamos de publicar por falta de espaço. Publicamos, no entanto, o seu relato que nos diz da grandeza do acontecimento em São Francisco do Sul.

Noticiário Araquari – SC

PROMOÇÃO DO FOLCLORE NA ESCOLA

Colégio Estadual Almirante Boiteux – Araquari

Animado com o sucesso do ano passado, o Diretor-Geral do Colégio Estadual Almirante Boiteux do município de Araquari, promoveu a tradicional Festa Junina com apresentações folclóricas. Professores e alunos uniram-se para a preparação das atrações da festa. Novamente motivados para a brincadeira do Boi-de-Mamão, os alunos trabalharam na confecção do mesmo, tendo à frente a participação e ajuda dos professores de Educação Física: Maria Benta Ramos dos Santos e José Ramos, seu irmão, residentes em Joinville.

A comunidade de Araquari, viveu nos dias 4 e 5 de julho, momentos de alegria, quando viu seus filhos participando de tradições populares, pouco promovidas. No sábado apresentou-se o Boi-de-Mamão, na sua simplicidade, não faltando a figura esbelta da Maricota. Os jovens foram brindados com um baile, no qual ocorreu a Dança da Quadrilha e o concurso da mais bela Sinhazinha. No domingo pela manhã, após a missa, a comunidade assistiu ao casamento caipira, apresentado pelos próprios professores do Colégio, incentivados pela professora Norma Freire Cameiro, grande entusiasta de nossas tradições. Durante o decorrer da festa, ouviam-se os aplausos, quando os alunos apresentavam as danças folclóricas: Rosa Juvenil, Dança do Lenço, Xotes de Duas Damas, Xotes Carrerinho, Dança da Sinhá Marreca, Dança da Quadrilha, Florista, e o famoso Desafio, que fez sorrir até as paredes do Colégio. O colorido das indumentárias e os passos firmes das crianças com as suas cantigas alegres, foi o ponto alto da festa.

A confecção das vestimentas, contou com a colaboração da Sra.

Maria Salete Rosa Rotermel, esposa do Diretor-Geral.

A promoção foi coroada de pleno êxito, cujo objetivo tanto financeiro como cultural, foi alcançado.

Procuraremos, sempre que for possível, realizar a tradicional festa, no sentido de promover nosso folclore na escola, a fim de que possamos despertar em nossas crianças, o interesse por aquilo que de mais belo reúne, as manifestações de nossa cultura popular.

Registramos aqui nosso agradecimento em nome do Diretor-Geral Sr. Jaime Osni Rotermel, o destaque dado por este Boletim ao trabalho por nós realizado no ano passado.

Noticiário enviado pela professora Sônia Maria Copp da Costa.

BOI-DE-MAMÃO



Apresentação folclórica na Festa Junina de Araquari, nos dias 4 e 5 de junho.

NOTICIÁRIO: São Martinho, SC.

MEDICINA POPULAR

Como nos demais Estados, em Santa Catarina, a Medicina Popular é grandemente usada, auxiliada pelas crenças na farmacopéia popular. Há remédios e curas, praticamente, para tudo, resolvendo até nascimentos de bebês.

Entre os vários relatórios recebidos das Escolas que integram as UCRES, demos destaque para publicação; da pesquisa sobre Medicina Popular, enviada pela Diretora Walburga Back, do Colégio Fridolino Hülse de São Martinho.

Com esta primeira pesquisa, vamos procurar interessar todas as escolas da rede estadual de ensino, para trabalharem com seus alunos na pesquisa da Medicina Popular de Santa Catarina, incluindo as crenças na farmacopéia popular.



MEDICINA POPULAR

Grupos de alunos pesquisadores dos "Chás Medicinais", apresentando à Comissão Julgadora, os cartazes das ervas medicinais, coletadas em São Martinho.

RELAÇÃO DE CHÁS MEDICINAIS

ERVA-DOCE — Bom para dor de barriga e flatulência (gases intestinais).
Preparo: Colocar a erva-doce em uma vasilha, derramar água fervente e deixar parado por uns minutos. Logo após, coar o chá e adoçar a gosto.

NOZ-MOSCADA – Ótimo calmante.

Preparo: raspar um pouquinho em uma xícara e botar água fervente; coar antes de tomar.

MAÇANILHA – Ótimo para cólicas intestinais. Usam-se as flores da mesma.

Preparo: Colocar as flores em uma vasilha, derramar água fervente e deixar parado por alguns minutos. Coar e servir, adoçando a gosto.

ALHO (dentes) – Serve para gripe e para baixar a pressão.

Preparo: deve ser picado e colocado em uma vasilha; derramar água fervente sobre o mesmo; deixar por alguns minutos e servir.

SABUGUEIRO (folhas) – Bom para combater a gripe e sarampo.

Preparo: Colocar as folhas a ferver por alguns minutos. Tomar morno.

GENGIBRE (raiz) – Bom para resfriados. Cortar a raiz em pedacinhos, e deixar ferver por alguns minutos. Tomar morno.

FOLHA DE LARANJEIRA – Bom para dores de cabeça, resfriados e calmante.

Preparo: Cortar as folhas e colocar a ferver. Toma-se morno ou frio; adoçar, se quiser.

AGRIÃO E MASTRUÇO – Bom para infecção e machucaduras internas.

Preparo: Misturar as duas ervas colocando em uma vasilha a ferver. Serve-se morno ou frio.

ERVA-CIDREIRA – Bom para: gripe, tosse, dor de cabeça.

Preparo: Pique a erva-cidreira (folhas/caule), deixar ferver por alguns instantes. Adoce a gosto; servir morno.

LOSNA – Males do estômago e fígado. (folhas)

Preparo: Colocar a ferver por alguns minutos. Servir frio ou morno.

MALVA – Bom para erisipela e infecções dos dentes (folhas).

Preparo: Ferver e deixar parado por alguns minutos. Serve-se morno.

No caso de infecção dos dentes, através de gargarejos.

CAJU CHAPÉU DE COURO – (folhas) – Bom para reumatismo e dores estomacais.

Preparo: Ferver por alguns minutos, adoçar (se quiser). Servir morno ou frio.

ROSA BRANCA – (flores) Bom para sapinho e como purgante.

Preparo: Colocar em uma vasilha e adicionar água fervente, deixar parado por alguns minutos.

ARRUDA – (folhas/talo) Bom para diabete e infecções. Combate a piolhos.

Preparo: Para piolhos, ferver a erva e lavar a cabeça com a água. Nos outros casos, colocar em uma vasilha, adicionar sobre a mesma leite fervido. Tomar em jejum.

HORTELÃ (flores/folhas), Bom para gripe, dores de cabeça; atua como calmante, cólicas intestinais.

Preparo: Colocar a erva em uma vasilha, adicionar água fervente. Adoce a gosto. Servir morno ou frio.

PICÃO/PITANGA – (folhas/talos) Bom para feridas e machucados.

Preparo: Misturar as duas ervas e ferver por alguns minutos, pode ser usada para tomar ou para lavar.

BARAÇO DE BATATA – (Usar as pontas do baraço). Serve para infecção dos dentes.

Preparo: Pegue a ponta do baraço da batata-doce, coloque na água e deixe ferver por alguns minutos. Usar como gargarejo.

EUCALIPTO BRANCO: (folhas) – Bom para gripe, sinusite e resfriados.

Preparo: Coloque as folhas em uma vasilha com água fervente, por alguns minutos. Fazer inalação com os vapores que o chá expele.

SEMENTE DE ANIS: Bom para os nervos e intestinos.

Preparo: Colocar as sementes em uma vasilha, derramar água fervente sobre a mesma e aguardar por alguns minutos.

Servir doce. Frio ou morno.

MARACUJÁ – (folhas) – Bom para pressão alta e hemorróida.

Preparo: Pegam-se as folhas de maracujá e colocam-se em uma vasilha e adicionam-se em água fervente e deixar por alguns minutos. Toma-se morno ou frio.

CHÁ DE LIMÃO: (cascas ou suco) – Bom para gripe.

Preparo: Casca: ferver a mesma colocando-se uma colher de mel; suco: espremer na água quente ou fria.

RAINHA DAS ERVAS: (folhas/caule) – Bom para cólicas.

Preparo: Colocar em uma vasilha com água fervente e abafar. Deixar por alguns minutos.

ERVA-CIDREIRA: (folhas) – Bom para gripe, resfriado, cólicas.

Preparo: ferver com água. Adoce a gosto e sirva.

SENE: (folhas). Bom como depurativo do sangue e problemas estomacais.

Preparo: Colocar em uma vasilha com água fervente e abafar. Servir morno.

ARNICA e MASTRUÇO: (folhas/caule) – Bom para prevenir inflamação no caso de machucado.

Preparo: Colocar em uma vasilha com água fervente e deixar ferver por 2 minutos; tomar o chá três vezes ao dia.

ESPINHO VERMELHO e CARQUEJO: Este chá é ótimo para problemas estomacais.

Preparo: Ferver com água por alguns minutos. Tomar durante o dia.

ABACATE/QUEBRA-PEDRA/PATA DE VACA: (folhas) Ótimo para problemas dos rins e bexiga.

Preparo: Colocar as três ervas em uma vasilha com água e deixar ferver por alguns minutos. Tomar três vezes ao dia.

AGRIÃO E MEL DE ABELHA: Expectorante

Preparo: Fazer o chá (ferver o agrião c/água) adoçar com mel de abelha e servir morno.

ALCACHOFRA: Bom para dores do estômago. (folhas)

Preparo: Colocar em uma vasilha com água fervente por alguns minutos. Servir morno.

CASCAS DA FRUTA DE ROMÃ: Serve para dores de estômago e doenças do fígado.

Preparo: Colocar em uma vasilha c/água fervente e deixar parado por alguns minutos. Tomar morno.

EUCALIPTO CHEIROSO: (folhas) Bom para gripe e problemas respiratórios; bronquite.

Preparo: Ferver as folhas e adoçar a gosto. Tomar morno.

CEBOLA E SAL – Para matar verrugas.

Preparo: Pegar uma cabeça de cebola, fazer um buraco e colocar um pouco de sal. Colocar sobre a verruga freqüentemente durante o dia.

BROTO DE SAMAMBAIA: (folhas/caule) – Útil para o reumatismo.

Preparo: Ferver com água. Tomar ou fazer lavagens. OBS.: A samambaia aqui recomendada, trata-se da do tipo encontrada nas roças; não é a comum dos vasos.

SALSA – (folhas/caule) Bom para rins, catarros pulmonares, asma, inflamação dos olhos.

Preparo: Ferver com água. Tomar durante o dia.

ALCANFOR – Contra dores musculares, reumatismo.

Preparo: Colocar uma certa quantidade da erva em um vidro ou garrafa, contendo álcool ou cachaça. Fazer esfregações sobre a região dolorida durante a noite.

ESTIGMAS DE MILHO – (cabelo de milho) – Diurético, usado na cura de todas as infecções.

Preparo: Ferver com água; tomar várias vezes durante o dia.

COUVE – Útil para furúnculos.

Preparo: Colocar um pedaço de folha untado com banha de porco sobre a região afetada.

BETERRABA – Bom para pedras nos rins (folhas).

Preparo: Ferver e tomar por água durante o dia.

JABUTICABEIRA – (folhas/casca/raiz) – Bom para dor de barriga.

Preparo: Ferver as folhas e tomar por água.

FOLHA DE GOIABEIRA – Bom para dessanjo e hemorragias quando de extração de dentes.

Preparo: Ferver com água. Usar morno. Para tomar ou em gargarejos.

AMENDOIM (CRU) – Útil para azia.

Uso: Mastigar as sementes.

BATATA-DOCE – Bom para verrugas.

Uso: Corta-se a batata e embebe-se um algodão no suco da mesma, aplicando este algodão sobre a verruga diversas vezes ao dia.

QUEBRA-PEDRA – Bom para rins e bexiga.

Preparo: Colocar a erva em uma vasilha e adicionar água fervente; tomar morno.

CONFREI – Bom para anemias e fraquezas em geral, úlceras, males do estômago e câncer.

Preparo: Ferver o mesmo durante alguns minutos; tomar morno ou frio, durante o dia.

ALECRIM – Bom para recaídas e suspensões, cólicas menstruais.

Preparo: Colocar alguns ramos da erva em uma vasilha e adicionar água fervente. Tomar morno.

FUNCHO – Útil para enjôos do estômago. Talo, folhas ou sementes.

Preparo: Colocar a erva em uma vasilha e adicionar água fervente. Tomar frio ou morno.

ALFAZEMA – Bom para combater a gripe.

Preparo: Colocar as folhas em uma vasilha e adicionar água fervente. Servir frio ou morno.

AMORA PRETA – (folhas). Bom para diabete, úlcera estomacal.

Preparo: Ferver a erva (folhas). Tomar frio ou morno.

XUXU – (folhas) – Bom para baixar a pressão.

Preparo: Ferver as folhas e tomar durante o dia (frio ou morno).

MARCELA – (flores). Bom para males do estômago.

Preparo: Ferver as flores e coar. Tomar frio ou morno durante o dia.

NOTICIÁRIO – LAGES – SC

É auspicioso para a Comissão Catarinense de Folclore, registrar em seu Boletim, os eventos que a Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo da Prefeitura de Lages vem promovendo, relacionados às manifestações da nossa cultura popular.

São Festivais e Mostras de Campo, promovendo tudo o que a cultura do povo produz em benefício das comunidades onde o artesão ou o artista popular é valorizado pelo que a sua criatividade o faz produzir.

Mostra de Campo:

As Mostras de Campo estão no seu terceiro ano de realização em todos os Distritos do município de Lages.

Num processo de elevada participação das comunidades interioranas, acontece a Mostra de Campo, festividade em que se mostra a forma de vida das pessoas que vivem no campo em toda sua extensão.

Acontece então: desfile típico, missa crioula, concurso de gaiteiros, violeiros, declamadores, exposição de artesanato regional (gamelas, cestos de taquara, laços, bacheros, palas etc.), resgate das ervas medicinais, mostra da produção agrícola local, apresentação de danças, comida típica, além das barracas típicas, mostras das 1as. formas de habitação.

Festival Municipal do Folclore – A Secretaria Municipal de Educação, através do setor de Educação Física vem realizando um trabalho de resgate cultural por 2 anos, foi feito um apanhado das danças típicas do Brasil e este ano foi mostrado um pouco da nossa história ao público, através de danças, mostrando o Povo do Contestado.

“O POVO DO CONTESTADO”

Um convite é um chamamento e um presente!

À gente lageana oferecemos esta festa – festa de luz, cor e ritmo que recria a história do nosso povo.

O povo do planalto catarinense que nos idos de 1912 – 1916, teve a energia para se juntar contra seus inimigos: o progresso desumano, o coronelismo e o saque à natureza.

Essa história que parece finda, ressurgiu a cada instante, sempre que esse mesmo povo se retempera com a Esperança e se inflama com a Coragem e Luta!

As crianças das escolas municipais, construtoras do nosso melhor futuro, retratam com a programação abaixo, a grande aventura hamana do povo catarinense.

Programa extenso, que resumimos pela falta absoluta de espaço: Foram apresentados pelos alunos dos vários estabelecimentos de ensino municipal: – “Mutirão da Roça, Brincadeiras da Época do Contestado, Xote, Valsa, Terol, Crendices Populares, e S. João Maria, Bairro Bates e Santa Ma-

ria, Frei Rogério Neuhaus, Inauguração da Ferrovia, O Trem de Passageiros, Carancho, – dança típica dos contestados. “Taquaraçu – 1o. Reduto – o povo expulso de suas terras, junta-se ao monge José Maria e o exército combate os jagunços. Formação do Reduto Santa Maria – confronto entre exército e jagunços. Nasce um Povo – acabada a guerra o povo organiza-se uma nova vida tem início. A Casa – forma cooperativa de trabalho. A Horta – produção de alimentos. Os Coelhoos – forma alternativa de obtenção e consumo de proteínas. As Abelhas – mel para uma saúde mais perfeita.”

Semana Farrroupilha –

Comemoração da Revolução dos Farrapos, onde Lages foi palco de muitos fatos, que hoje compõem nossa história.

Organizado juntamente com os CTGs uma semana de festividades, constando: Desfile de Cavaleiros

 Chegada da chama crioula de Vacaria

 Apresentação de grupos folclóricos

 Roda de chimarrão e arroz carreteiro, na Casa do Artesão

 Palestras com historiadores lageanos e de outros Estados

Casa do Artesão –

É um entreposto de venda de peças de artesanato regional, produzidas pelos artesões do município e municípios adjacentes.

É o local onde as pessoas encontram o mais autêntico artesanato da região serrana.



Vista da Fachada da CASA DO ARTESÃO DE LAGES, antiga Senzala restaurada para tal fim.



CGT – BARBICACHO COLORADO. Apresentação na praça João Costa, quando das comemorações da Semana da Farroupilha – 80



MOSTRA DE CAMPO – Bocaina do Sul – Lages

Noticiário

“São Gonçalo”, uma tradição ainda viva

SÃO FRANCISCO DO SUL (correspondente) — Só os antigos se lembram e dos jovens atuais são raros os que ouviram falar na dança do São Gonçalo do Amarante, da Chamarrita, do Fandango, cuja origem perde-se na noite do tempo. Estas manifestações folclóricas, tão ricas em beleza, embora singelas, e tão despreziosas são raramente vistas no Brasil.

TRADIÇÃO

Nesta cidade, um homem, com seus 72 anos ainda é um cultivador e grande entusiasta de São Gonçalo do Amarante, é o senhor Capitulino Júlio Vieira que mora com sua família na Travessa João Querino, 83, bairro do Rocio Pequeno.

Amanhã ele estará promovendo em sua residência um culto a São Gonçalo após o qual deverá haver a dança tradicional, seguindo-se a chamarrita e o fandango ao som do violão e da rebeca. A promoção de São Gonçalo é uma tradição que o senhor Capitulino mantém há 40 anos, quer pagando promessas suas ou tocando para outros o violão para marcar a dança. Desta vez é para pagar uma promessa, porque ele foi internado praticamente morto, devido a um gravíssimo problema do coração. Assim que voltou a si, ele prometeu a São Gonçalo que, se ficasse recuperado iria fazer um culto em sua casa, tal como deverá acontecer amanhã, a partir das 20 horas. “Já recebi muitas graças do São Gonçalo e sempre creio fervorosamente nele que muito tem me ajudado”, disse com grande convicção o fandangeiro do Rocio Pequeno. Disse ele ainda que, autoridades e pessoas importantes da cidade já têm comparecido em grande afluência à sua casa para participar dos cultos a São Gonçalo.

A Notícia 12.04.81

CONCURSO MARECHAL RONDON — Santa Catarina

ASSUNTO: Relatório do encontro para Seleção dos Trabalhos sobre o Concurso Marechal Rondon, promovido pelo Instituto Nacional do Folclore, com o patrocínio da Fundação Nacional de Arte — FUNARTE e das Secretarias Estaduais de Educação, com a colaboração do Museu do Índio, e destinado a estudantes do 1o. Grau de todo País.

01. Local de Realização:

A comissão para avaliação dos trabalhos reuniu-se na sala 306 da Biblioteca pertencente à Subunidade de Ensino de 1o. Grau (SUEIG).

02. Data da Realização:

A avaliação foi iniciada dia 19/08/81 e concluída a 26/08/81.

03. Participantes:

Participaram do encontro: Amaro Ramos Orlandi, Dulcenéia Camilo Pickler pela Secretaria da Educação e as Professoras Myriam Conceição Dias Beltrão e Maria do Carmo Pinto, representantes da Comissão Catarinense de Folclore.

04. Coordenação dos Trabalhos:

A Coordenação das atividades esteve sob a orientação da Professora Myriam Conceição Dias Beltrão, designada pela Comissão Catarinense de Folclore.

05. Avaliação dos Trabalhos:

A avaliação dos trabalhos foi realizada em três etapas para que a comissão pudesse melhor observar o conteúdo apresentado pelos participantes.

Na primeira avaliação foi feita uma verificação, eliminando-se os trabalhos que não cumpriram as exigências previstas pelo regulamento. Os trabalhos apresentados pelos alunos das diversas UCRES-Unidade de Coordenação Regional, num total de 108, após a primeira avaliação, ficaram reduzidos a dezesseis.

Na segunda, observou-se o conteúdo apresentado e, em seguida foi elaborada uma seleção dos três trabalhos classificados.

Finalmente, o melhor foi escolhido para participar do Concurso Marechal Rondon, a nível Nacional.

O trabalho classificado em **1o. lugar**, foi elaborado pela aluna: Nádia Soraya Von Gilsa – 3a. série “A”, Escola Básica “Raulino Horn” – Indaial – SC.

Em **2o. lugar**, classificou-se o trabalho elaborado pelos alunos: Ivair Pallaoro, Gelson Dallagnol, Madelaine Piana, Lúcio Marcon, Maurício

Pertuzzatti e Marli Matiasso – 8a. série, Escola Básica “Gomes Carneiro” – Xaxim – SC.

Em 3o. lugar, foi classificado o trabalho da aluna Luci Schartz – 8a. série “A” – Escola Básica Integrada “Rui Barbosa”, Joinville – SC.

06. Agradecimento:

Aproveitamos a oportunidade para agradecer a Comissão Catarinense de Folclore, através de seu representante Professor Doralécio Soares em designar as Professoras: Myriam Conceição Dias Beltrão e Maria do Carmo Pinto para colaborarem na avaliação dos trabalhos.

Florianópolis, 26 de agosto de 1981.

Ruth Pereira
Chefe da SUEIG

Renato Wendhausen
Diretor da UNOE, em exercício.

Nota: Elevação dos prêmios aos classificados em 1o., 2o. e 3o. lugar.

A Secretaria da Educação, procurando despertar o interesse entre os escolares do Ensino do 1o. Grau, achou por bem elevar o teto dos prêmios a ser conferidos aos três primeiros trabalhos classificados, elevando-os para Dez, Seis e Quatro mil cruzeiros.

Medida das mais justas, visto que além de conferir aos escolares maior incentivo pelo trabalho de natureza cultural que realizam, vem de prestigiar o Instituto Nacional do Folclore, pela natureza do Concurso instituído.

NOTICIÁRIO – SC

II ENCONTRO CATARINENSE DE CONSELHOS DE CULTURA

Promovido pelo Conselho Estadual de Cultura, sob o patrocínio da Fundação Catarinense de Cultura e Gabinete de Planejamento do Estado, realizou-se de 17 a 18 de setembro, no salão de Convenções do Marambaia Hotel de Balneário Camboriú, o II Encontro Catarinense de Conselhos de Cultura.

A abertura foi presidida pelo Sr. Alexandre Fleischmann, Secretário Adjunto de Cultura, Esporte e Turismo do Estado.

O Encontro contou com a participação de 13 dos 15 Conselhos Municipais de Cultura, além do representante do prof. Aloízio Magalhães, Diretor da Secretaria de Cultura do MEC; Alcídio Mafra de Souza, que também representou a FUNARTE; Marcos Almir Madeira, representante do Conselho Federal de Cultura, e Júlia Azevedo, também do CFC, além de representantes de Associações de Municípios.

Os Conselhos Municipais se fizeram presentes pelos seus respectivos presidentes e membros de suas diretorias.

Instituições presentes convidadas:

Conselho Federal de Cultura, Secretaria de Cultura do Ministério da Educação e Cultura, Fundação Nacional da Arte, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Para o Desenvolvimento de Santa Catarina, Associação Catarinense de Fundações Educacionais, Academia Catarinense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Comissão Catarinense de Folclore, Associação Catarinense de Escritores, Associação Catarinense de Artistas Plásticos, Federação Catarinense de Teatro Amador e Conselho Estadual de Educação.

DOS TRABALHOS

Os trabalhos foram coordenados pelo Conselho Estadual de Cultura e Fundação Catarinense de Cultura, presididos respectivamente pelo Pres. do Conselho, Prof. Osvaldo Ferreira de Melo e Prof. João Nicolau Carvalho – Superintendente da FCC.

Na sessão de abertura, foi proferida a palestra do Dr. Marcos Almir Madeira, do Conselho Federal de Cultura, abordando o tema: "CULTURA E EDUCAÇÃO" (ou "Uma Visão Cultural do Processo Educativo"). Após, realizou-se a primeira Sessão Plenária, quando foram discutidos os objetivos do Encontro.

Na Sessão Plenária seguinte, o Assessor da FUNARTE, Alcídio Mafra de Souza, proferiu uma palestra relacionada à atuação do MEC, e às novas diretrizes a serem implantadas, com a criação da Secretaria de Cultura.

DAS CÂMARAS

Na continuidade dos trabalhos, no segundo período, foram convocados os membros das Câmaras do Conselho, reunindo-se a Câmara do Patrimônio Histórico e Artístico do Conselho de Cultura e a Unidade do Patrimônio da Fundação Catarinense de Cultura, com os representantes dos Conselhos Municipais. Pelos presidentes dessas Câmaras foram esplanados os assuntos atinentes a essas unidades culturais, cabendo ao presidente Dr. Paulo Blasi, e ao historiador Wolfgang L. Rau, dizer do trabalho desenvolvido pela Câmara que integram.

Voltando a se reunirem as Câmaras, coube à Câmara de Ciências Humanas do Conselho Estadual de Cultura e a Unidade de Ciências da FCC, com os representantes dos Conselhos Municipais, dar continuidade aos trabalhos, sob a presidência do Prof. Norberto Ulysséa Ungaretti, e posteriormente do padre Raulino Reitz. Esses disseram do trabalho desenvolvido por essa Câmara e o relacionamento desta com as atividades exercidas pelos Conselhos Municipais nas suas áreas de atuação, participando a maioria dos assuntos discutidos.

A Câmara de Artes do Conselho de Cultura, com a Unidade de Artes da FCC, reuniram-se com os representantes dos Conselhos Municipais, cabendo ao escritor Flávio José Cardozo e ao maestro Hélio Teixeira da Rosa, levar ao conhecimento do plenário a atuação dessas, dentro da sistemática de atividades do Conselho Estadual.

CÂMARA DE LETRAS

O Prof. Theobaldo Costa Jamundá, diretor da Unidade Letras da FCC, disse das atividades do Setor de Letras da Fundação sob a sua responsabilidade, dizendo do apoio que tem recebido do Diretor-Superintendente, Prof. João Nicolau Carvalho. Fez referência ao movimento editorial existente no Estado, principalmente de autores catarinenses. O Prof. João Nicolau Car-

valho, que é membro da Câmara de Letras do Conselho, falou sobre o êxito do concurso Cruz e Sousa e dos demais concursos literários na área da poesia, e do conto, lançados pela Fundação de Cultura. Os escritores Iaponan Soares Araujo e Silveira Junior, membros dessa Câmara, abordaram temas relacionados com os trabalhos desenvolvidos pela mesma.

PLENÁRIAS

As Sessões Plenárias transcorreram, dentro da programação estabelecida, discutindo-se o objetivo principal do encontro: "integração cultural do Estado". Outra proposição aprovada foi a criação de conselhos microrregionais de cultura. Compromissou-se o Presidente do Conselho Estadual de Cultura Professor Osvaldo Ferreira de Melo a promover ainda, em 81, um encontro com as associações microrregionais dos municípios, a fim de dar continuidade ao plano de criação dos microconselhos regionais.

Várias noções de natureza culturais foram aprovadas, e reconhecido que o II Encontro alcançou o objetivo a que se propôs "Conhecer a realidade global da cultura em Santa Catarina".

Presente o Governador

Presente ao Encontro, o Governador Jorge Konder Bornhausen, disse entre outras considerações, que dada a diversidade cultural do nosso Estado entre as regiões litoral, centro e oeste, objetivava fosse alcançada uma afirmação de integração cultural entre as nossas regiões, objetivando levar ao centro e ao oeste as manifestações da nossa cultura, incluindo a popular, representada pelos nossos grupos folclóricos. Afirmação cultural esta cuja amplitude fosse sentida, não só no Estado, mas em todo território nacional.

X X X X X X

Comunicações

Constante da programação, foi convidado pelo presidente, Professor Osvaldo Ferreira de Melo, o escritor Pinheiro Netto, presidente da Associação Catarinense de Escritores, para proferir a Comunicação dessa Entidade que reúne a maioria dos escritores do Estado.

A Academia Catarinense de Letras, teve a sua comunicação na palavra do seu presidente, Professor Celestino Sachet, que discorreu sobre o Panorama de Literatura de Santa Catarina.

O Professor Ernani Bayer, Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, proferiu significativa conferência, relacionada à Comunicação da Universidade Federal. Sendo as suas primeiras palavras que "A cultura é o conteúdo mais expressivo na realização do homem na Sociedade".

Seguiu-se a Comunicação da UDESC, na palavra do Professor Nereu do Vale Pereira, que apresentou o Sistema Educativo da FESC/UDESC, Fundação Educacional de Santa Catarina/Universidade Para O Desenvolvimento de Santa Catarina, discorrendo sobre a atuação da Sistemática Educacional e Cultural, destacando o curso Educação Artística, ligado aos objetivos do Encontro, promovido pelo Conselho Estadual de Cultura.

A Associação Catarinense de Fundações Educacionais, teve a representação, também o Professor Nereu do Vale Pereira.

X X X X X X

Em prosseguimento ao II Encontro dos Conselhos de Cultura, no dia 18, período da manhã, foi realizada uma palestra a cargo do Conselho Federal de Cultura.

No mesmo período, reuniram-se os representantes do Conselho Estadual, Fundação Catarinense de Cultura, Gabinete de Planejamento, Coordenação Geral – GAPLAN e Associações de Municípios, quando foram debatidos os mais importantes assuntos que motivou o Encontro, alcançando os resultados esperados.

Participaram ativamente do debate os Conselheiros e representantes de entidades culturais: José D'Avila, Nereu do Vale Pereira, Celestino Sachet, Pinheiro Neto, Guido José Warken, Leila Maria Faraco Amorim, Lauro Salvador, João Zanaça, Lenin Hugo German Frazo Peña, Afonso Imhof, Guido Heuer, Sueli M. Petry, Eloi Fachini, Edith Kormann, Marlise Alexandre, Aurélio D'Avila, Clóvis Schwartz, Eros Damião Pereira, Maria Augusta Bezerra, Valmor Beltrame, Lori Terezinha da Silveira, Atilio Hermes, Miguel Cavanus, Maria Just Harger e Maria Marlene Milaneze Just, além dos membros das Câmaras do Conselho Estadual de Cultura e Unidades Culturais da FCC.

COMUNICAÇÕES

No espaço reservado às Comunicações, usou da palavra o Professor Walter Fernando Piazza, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

A Comissão Catarinense de Folclore esteve presente na pessoa do seu presidente, Sr. Doralécio Soares, dizendo do trabalho desenvolvido por essa Comissão, apresentando como tema da comunicação "Educação e Cultura", cujo conceito é motivo do "Editorial" deste Boletim.

A Associação de Artistas Plásticos, presente ao conclave, teve a sua Comunicação através do Sr. Guido José Warken, representando a Associação.

Na palavra do seu presidente, Sr. Miguel Cavanus, a Federação de Teatro Amador de Santa Catarina-se fez representar.

Última Reunião Plenária

Na última Sessão Plenária, foram repassados e avaliados os resultados do II Entontro, sendo após procedida a Sessão de Encerramento.

NOTICIÁRIO – Santa Catarina

V CONGRESSO NACIONAL DE ESCRITORES

22 a 25 de outubro de 1981

ILHA DE SANTA CATARINA

LOCAIS – 22, 24 e 25 – Assembléia Legislativa

23 – Universidade Federal de Santa Catarina

PROMOÇÃO – Associação Catarinense de Escritores – ACEs

União Brasileira de Escritores – UBE/SP

APOIO – Governo do Estado de Santa Catarina.

PROGRAMA OFICIAL

DIA 22

das 12:00 às 18:00 h. – Recepção aos Congressistas

às 20:00 h. – Sessão Solene de Abertura do Congresso

– Coquetel e sessão de autógrafos de diversos escritores.

DIA 23

às 08:30 h. – **TEMA 1** – Defesa do Patrimônio Cultural (30 minutos)

Expositor: Waldisa Russo

às 10:50 h. – **TEMA 2** – Função Social do Escritor (30 minutos)

Expositor: Franklin de Oliveira

às 12:00 h. – Almoço – Restaurante da UFSC

às 14:00 h. – **TEMA 3** – O Estado e a Política Cultural (30 minutos)

Expositor: Antônio Dimas

às 16:15 h. – **TEMA 4** – Cultura Popular e Literatura Regional (30 minutos)

4.1 – Cultura Popular (15 minutos)

Expositor: Rossini Tavares de Lima

4.2 – Literatura Regional (15 minutos)

Expositor: Lauro Junkes

às 18:00 h. – Mesas Redondas (1 hora)

1o.) O Valor do Folclore

Coordenação: João Chiarini

2o.) A Ficção Científica

Coordenação: Geraldo C. Izaguirre

às 20:00 h.— Sessão de autógrafos de diversos autores.

DIA 24

às 08:30 h.— **TEMA 5** — O Ensino da Literatura (30 minutos)

Expositor: Gilberto Mendonça Teles

às 10:50 h.— **TEMA 6** — Defesa do Idioma Nacional (30 minutos)

Expositor: Wilson Cardoso

às 12:00 h.— Almoço

às 14:00 h.— **TEMA 7** — O Espaço Cultural nos Meios de Divulgação (30 minutos)

Expositor: Celestino Sacht

às 16:15 h.— **TEMA 8** — Direitos Fundamentais do Escritor (30 minutos)

Expositor: Luiz Geraldo Toledo

às 18:00 h.— Mesas Redondas (1 hora)

1o.) Literatura Infantil e Juvenil

Coordenação: Maria de Lourdes Ramos

Krieger Locks

2o.) Contribuição da Mulher à Literatura Brasileira

Coordenação: Lya Luft

às 20:00 h.— Sessão de autógrafos de diversos autores.

DIA 25

às 08:30 h.— Aprovação dos Relatórios e Conclusões Finais

Elaboração e aprovação da Carta do Congresso.

às 11:00 h.— Sessão Solene de Encerramento

às 12:00 h.— Almoço de confraternização.

REGISTROS — Santa Catarina

CIVILIZAÇÕES PRIMITIVAS DO CONTESTADO — A riqueza de evidências pré-históricas do Oeste-Catarinense, as raízes e vestígios do homem primitivo, a origem e evolução da espécie humana nesta terra, são os temas da obra de **NILSON THOMÉ**.

Conhecer a própria história é uma necessidade vital para o homem se identificar no presente. Um povo desvinculado do seu passado é um povo sem começo e sem perspectivas de fim. "Civilizações Primitivas do Contestado" é um livro que traz relatos de pesquisas em Arqueologia, Antropologia e História, elegendo o homem primitivo da região a tema central.

Nilson Thomé — Rua Amazonas, 33 — Cx. Postal — 165 — CEP 89.500 — Caçador — SC.

NOTICIÁRIOS DE OUTROS ESTADOS

ARACAJU – Sergipe

ARTESANATO

É auspicioso

É auspicioso registrar em nosso Boletim o movimento que vem sendo encetado por muitas instituições públicas, através de seus órgãos culturais, envolvendo a problemática cultural do artesanato.

São simpósios, encontros, exposições, feiras, feirões etc., onde a arte popular e o artesanato em suas várias manifestações, têm sido discutido e programados com vistas à sua produção racional, quantitativa e qualificativa.

Muita coisa tem sido feita na base da improvisação, mas como o objetivo a alcançar é a promoção do artesão e seu artesanato, a arte popular e o artista, no aproveitamento dessa substancial submão-de-obra existente e mal aproveitada racionalmente, mesmo quando se improvisa e se atinge o objetivo, torna-se válido.

Entretanto a nosso ver, o caminho certo é o racional, quando se reúnem técnicos e estudiosos do assunto, procurando-se debater os seus problemas nos mais diferentes aspectos.

São muitas as instituições públicas e particulares voltadas objetivamente ao assunto, em razão disso é que registramos a realização do VI Encontro Cultural de Laranjeiras, em Sergipe, onde foram abordados e debatidos diversos projetos relacionados ao campo do artesanato brasileiro.

Participaram como apresentadores e debatedores:

1o. painel:

- Apresentador – SAUL MARTINS (Minas Gerais).
Debatedores – AMÁLIA LUCY GEISEL (Rio de Janeiro) – INF/FUNARTE.
– CARMEM LÚCIA DANTAS (Alagoas) – Museu Théo Brandão.
– CARLOS JOSÉ DA COSTA PEREIRA (Rio de Janeiro) – PNDA.
– LUIZ ANTÔNIO BARRETO (Sergipe) Secretaria Municipal de Educação e Cultura.
– RAUL LODY (Rio de Janeiro) – INF/FUNARTE.

2o. painel:

- Apresentador (A) – CARLOS JOSÉ DA COSTA PEREIRA (Rio de Janeiro) PNDA.
Apresentadores (B) – AMÁLIA LUCY GEISEL (Rio de Janeiro) INF/FUNARTE.
– RAUL LODY (Rio de Janeiro) – INF/FUNARTE.

Os temas tratados no segundo painel tiveram participação aberta quanto ao debate, atuando o grupo presente, destacando-se os representantes do Núcleo de Cultura Popular – UFPB, e do SESI – Bahia.

3o. painel:

- Apresentador – RENATO FERRAZ (Bahia).
Debatedores – LUIZ ANTÔNIO BARRETO (Sergipe) – Secretaria Municipal de Educação e Cultura.
– RAUL LODY (Rio de Janeiro) INF/FUNARTE.

Também em Santa Catarina, a movimentação tem sido extraordinária, renovando-se em 1981, a mesma programação da CITUR – “Companhia de Turismo e Empreendimento”, e da FUCAT – “Fundação Catarinense para o Trabalho”, realizando no Pavilhão de Exposições, em Balneário Camboriú, a FECART 81, e o FEIRÃO, alcançando o mesmo êxito do ano anterior.

PROFESSOR DR. DOMINGOS VIEIRA FILHO

Contristados, registramos a lamentável perda para o Folclore Brasileiro com falecimento, a 11 de setembro do corrente ano, do nosso prezado companheiro, Domingos Vieira Filho.

O extinto era professor Universitário e Diretor da Fundação de Cultura de São Luiz do Maranhão, órgão responsável pelo patrimônio histórico e cultural do Estado que, mesmo apesar de suas escassas verbas, vinha realizando um trabalho de destaque na tradicional capital maranhense.

Professor emérito, deixa elevado número de obras relacionadas ao folclore, além de outras de cunho estritamente histórico e literário.

Um dos últimos trabalhos produzidos por Domingos Vieira Filho, consta da magnífica obra "Brasil Festa Popular", sobre o "Bumba-Meu-Boi", editada pela Caixa Econômica Federal, na qual o autor disserta sobre um dos principais folguedos do folclore brasileiro.

Registramos a sua estada em Florianópolis, quando em 1976, como professor, participou de um curso de Floclore, realizado na UDESC, em convênio com a ex-Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

A Comissão Catarinense de Folclore, registrando em seu Boletim o passamento desse ilustre companheiro, se associa com seu voto de pesar, a tristeza que envolve seus familiares, e à grande família dos folcloristas brasileiros.



THEO BRANDÃO

Perdeu o Estado de Alagoas, a 20 de setembro próximo passado um dos seus mais notáveis filhos; e o folclore brasileiro um dos seus grandes cultores.

Theo Brandão, intelectual renomado, legou ao seu Estado e ao País um acervo cultural volumoso, composto de obras literárias, históricas, folclóricas e antropológicas.

Presidente da Comissão Alagoana de Folclore, e muitas vezes Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do seu Estado, membro de numerosas sociedades culturais, científicas e benemerentes, no Brasil e no Exterior, Theo Brandão era uma figura completa e um patrimônio cultural de Alagoas.

Legou à cultura popular, entre outras obras: a Coleção Folclórica da UFAL; os Cadernos "Folguedos Natalinos", onde o Reisado Bumba-Meu-Boi Caboclinhos-Guerreiros-Fandango-Chegança-Presépio-Pastoril-Maracatu-Taieiras-Baianas-Quilombos-Cavalhada e tantas outras pesquisas que hoje enriquecem as bibliotecas públicas e particulares.

O Museu Theo Brandão, de Antropologia e Folclore da UFAL, diz bem do trabalho desenvolvido pelo grande mestre na área antropológica e no campo folclórico do seu Estado.

Este boletim ao registrar o doloroso passatempo do ilustre companheiro, o faz pesarosamente, buscando levar aos seus familiares, ao povo do seu Estado e aos folcloristas brasileiros, os sentimentos de pesar dos integrantes da Comissão Catarinense de Folclore.



NOTICIÁRIO

De outros Estados

Território do Amapá

Da Divisão de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Território do Amapá, recebemos o Calendário Artístico e Cultural de 1981, de onde destacamos os seguintes eventos: Festival de Folclore, de 13 a 24/6, com apresentações de Grupos Folclóricos em vários bairros da Capital.

Semana do Folclore, de 24 a 31 de agosto, com apresentações diversas, em diversos pontos da cidade.

De 24 de outubro a 07 de dezembro, ocorreram: I Salão de Artes Amapaense; Coletiva de Artes Plásticas; Recital de Violão, Acordeon, Bandolim e Piano; Conferência sobre Arte em Geral; Recital de Poemas; Apresentações de Corais; Apresentações das Bandas Musicais; Lançamento de Obras; Encerramento do I Salão de Artes Plásticas; Apresentações de Peças Teatrais.

A direção deste Boletim, cumprimenta ao Sr. Alfredo Augusto Ramalho de Oliveira, Secretário de Educação e Cultura, pela grande importância dada ao setor cultural desse Território, equiparando-o às demais unidades da Federação Brasileira.

Brasília

O Museu Postal e Telegráfico da ECT Comemora o Seu Primeiro Aniversário.

Exposição de Inteiros Postais de Portugal

Comemorando o primeiro aniversário da inauguração do Museu Postal e Telegráfico, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, abriu em janeiro p/passado em Brasília, a exposição Portugal: Sua Terra, Sua Arte, Sua Gente, composta de 282 inteiros postais ilustrados, emitidos pelos Correios daquele país.

A exposição constou dos seguintes temas: "A História Heróica de um Povo; Arquitetura - Monumentos Severos e Vigorosos; A Última Flor de Lácio; Lisboa - Uma Antiga Cidade Moderna; As Cidades e as Serras; Folclore; A Expressão Popular de Um Povo que Trabalha.

Pernambuco - Recife

A Fundação Joaquim Nabuco, através do seu Centro de Estudos Folclóricos e Instituto de Recursos Humanos e Promoção Cultural, com a colaboração do Instituto Nacional do Folclore e o Setor de Folclore da Universidade

Federal Rural de Pernambuco, promoveu uma série de conferências referentes ao Ciclo de Estudos do CENTENÁRIO DE JOÃO MARTINS DE ATHAYDE, em dezembro de 1980.

A conferência do Professor Waldemar Valente, representante da Comissão Pernambucana de Folclore, versou sobre o tema: O MAIS POPULAR POETA DE CORDEL.

A Professora Jerusa Pires Pereira (UFBH/UFSP) abordou o tema: LEITURA DE UM FOLHETO DE JOÃO MARTINS. O Professor Sebastião Vila Nova, dissertou sobre: JOÃO MARTINS DE ATHAYDE: ARTISTA POPULAR. A Professora Rute Terra, da USP, disse da IMPORTÂNCIA DO POETA/editor João Martins de Athayde.

Ao encerramento o Professor Roberto Câmara Benjamim, da UFRPE, falou sobre o JOÃO MARTINS DE ATHAYDE, editor.

As conferências foram realizadas no Auditório Benício Dias, da Fundação Joaquim Nabuco.

NOTICIÁRIO – Recife

A EMBRAFILME, exhibe filmes da década 1923/1931, em Recife.

Relançamentos de filmes nacionais antigos, recuperados pela EMBRAFILME, com os títulos de “A Filha do Advogado”, dirigido e interpretado por J. Soares, longa metragem em 35 mm, realizado em 1956 e “Um Pioneiro do Cinema” dirigido por Fernando Spencer e Flávio Rodrigues, curta metragem produzida em 1979. “limite”, dirigido por Mário Peixoto, longa metragem realizada em 1931 e o “Homem do Moço”, dirigido por Ruy Solberg, curta metragem realizada em 1980.

A programação do relançamento, a novela nacional é constante do “Ciclo do Recife” (1923/1931), que a EMBRAFILME e a Fundação Joaquim Nabuco apresentaram em 11 e 12 de setembro de 81, na sala Roquete Pinto da FJN, no Apipucos – Recife.

PARÁ – Belém

Napoleão Figueiredo, fundador e ocupante da Cadeira No. 2 do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, em que é patrono Alexandre Rodrigues Ferreira, cumpre o dispositivo regimental daquele Instituto, em que obriga o ocupante da cadeira dissertar sobre a figura do insigne patrono.

Após descrever a substancial obra cultural do grande naturalista pátrio, obra essa que deveria ser conhecida por todos os brasileiros, pelo seu

envolvimento com a grandeza e segurança da Amazônia nos seus vários aspectos, diz o conferencista: "sua obra como geógrafo, botânico, zoólogo, etnógrafo e geólogo são marcadas pelo cunho descritivo peculiar à ciência de seu tempo". Percorreu 39.372 quilômetros da região amazônica. Suas coleções zoológicas, somam 1.372 exemplares, as mineralógicas e geológicas há 58 minerais e 10 fósseis; seus herbários e botânicos há 1.360 plantas.

Concluindo, o professor Napoleão Figueiredo sugere aos seus ilustres confrades que o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, pleiteie junto aos poderes constituídos do Estado, seja dado o nome desse cientista, o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, ao Centro de Cultura que o Governo está construindo e que irá receber todo acervo cultural do Estado. E acrescentou: "se é verdade que cada geração que passa, acrescenta algo àquela que está sucedendo, oxalá possamos deixar também, alguma coisa, para justificar nossa presença entre vós".

NOTICIÁRIO

Olímpia – SP

Olímpia, que se transforma anualmente na Capital Brasileira do Folclore, realizou este ano, o seu 17o. Festival, de 9 a 16 de agosto, numa promoção da Prefeitura Municipal e Secretaria de Estado da Cultura do Governo de São Paulo.

É uma realização que vem sendo coordenada anualmente pela incansável figura do professor José Sant'Anna e sua denodada equipe, num trabalho que vem destacando o Estado de São Paulo como um dos maiores cultores do Folclore Brasileiro.

Santa Catarina tem sido sempre honrada com um convite para se fazer presente a esse importante acontecimento nacional, tendo sido representada mais de uma vez pelas Sociedades Folclórica CACUMBI "Cap. Francisco Amaro" e Sociedade "Boi-de-Mamão de Itacorubi" cujas apresentações vêm sendo, anualmente, lugar de destaque entre as dezenas de grupos folclóricos que em Olímpia se apresentam.

Ao fazermos este registro, auguramos a todos que integram as equipes para a realização anual do grande Festival de Folclore, a nossa palavra de louvor pelo trabalho que realizam em prol da cultura popular brasileira.

NATAL – RGN

II Encontro de Folclore do Rio Grande do Norte

Numa promoção da "Fundação José Augusto", patrocinada pela

SEAC – FUNARTE e colaboração das Secretarias de Educação e Cultura do Estado e da Capital – Emprotur – Prefeituras do interior, foi realizado em Natal, o II Encontro de Folclore do Rio Grande do Norte, em dezembro de 1980.

Na abertura, proferiu palestra o professor Bráulio do Nascimento, diretor do Instituto Nacional do Folclore, e lançamento do livro “Folclore do Brasil” do Professor Luís da Câmara Cascudo.

Além da vasta programação, com apresentações de grupos folclóricos de várias procedências do Estado, no encerramento na Fundação José Augusto, o Professor Défilio Gurgel, realizou uma palestra alusiva ao acontecimento, apresentando-se ainda os grupos: Coqueiro Chico Antonio, Zé Relampo e Chico Daniel, Boi Calemba de São Gonçalo, Pastoril de S. Gonçalo, Bambelô e Araruna de Natal.

Rio de Janeiro

A FUNARTE, comemorando o seu 5o. aniversário, promoveu uma exposição de Rendas no Museu de Folclore Edison Carneiro, a 17 de março p/passado, com a participação de Rendeiras de Florianópolis e Maceió. Na ocasião, houve o lançamento do livro Artesanato Brasileiro – RENDAS, – dentro do Projeto Artesanato Brasileiro do Instituto Nacional do Folclore.

Ainda a FUNARTE, através do Instituto Nacional do Folclore, promoveu a exposição Folclore Paranaense, em comemoração ao Dia do Folclore, no Museu Edison Carneiro a 21 de agosto do corrente ano. Houve lançamentos de livros e selos pela EBCT sobre temas folclóricos, bem como projeção de filmes e apresentação do Fandango de Morretes/Paraná.

São Paulo

A Comissão de Folclore e Artesanato do Conselho Estadual de Artes e Ciências promoveu um curso de “Folclore na Educação”, ministrado pelo antropólogo e folclorista, Professor Dr. Paulo de Carvalho Neto, que atualmente exerce o magistério na Califórnia. O curso foi realizado de 20 a 31 de julho do ano em curso, no prédio do Museu da Imagem e do Som, na capital paulista. Agradecemos o convite formulado a esta Comissão, pela Professora Maria Luiza Figueira de Mello, presidente da Comissão de Folclore e Artesanato.

São José do Rio Preto – SP

O MAP – Museu de Arte Primitiva “José Antônio da Silva”, recém-

inaugurado, em S. José do Rio Preto, foi instalado no Centro Cultural "Prof. Daud Jorge Simão", onde se destaca a obra do artista riopretense José Antônio da Silva com mais de 100 trabalhos entre óleo, desenhos e gravuras, além de muitas outras obras de artistas de renome nacional.

Minas Gerais – Belo Horizonte

A Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, através da Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes, e o Museu da Arte, de Belo Horizonte procederam a abertura do XII Salão Nacional de Arte, com o tema "A Cidade Faz", em comemoração ao 83o. aniversário de Belo Horizonte. Dia 12 de dezembro de 1980.

NOTICIÁRIO – Salvador – Bahia

"BRASIL POÉTICO" – Um lugar ao sol para o poeta repentista.

Recebemos "Brasil Poético", nos seus números 14, 15, e 16, que tem como Diretor o poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, editado em Salvador, Bahia.

Órgão oficial da "Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel", registra no seu número 16 a inauguração da "Praça dos Trovadores e Repentistas", no dia 22/8/80, "Dia Nacional do Folclore", em Salvador, defronte ao Mercado Modelo na Praça Cairu. Na ocasião, foi lançado o "Hino dos Trovadores" e entrega de Viola e Violão "Di Giorgio", aos repentistas e trovadores, Berto Santos, Bule-Bule, Zé Pedreira e à "Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel. Registra ainda a recém – fundação do "Núcleo de Pesquisa e Cultura da Literatura de Cordel", que tem como diretora, a professora Edilene Dias de Matos, madrinha dos trovadores. Dá farto noticiário sobre o 1o. Congresso Nacional dos Poetas da Literatura de Cordel, realizado, no Rio de Janeiro, em março do ano findo. Registra também o sucesso de Bule-Bule e Zé Ferreira, dupla baiana de violeiros repentistas. O trovador Rodolfo Coelho Cavalcante vence concurso, na Paraíba, e ganha medalha de ouro no Rio Grande do Sul. Focaliza o Dr. Joaquim Inojosa – "O Arauto da Poesia Moderna no Brasil", e destaca Gonçalo Gonçalves Bezerra no 1o. Congresso Nacional de Literatura de Cordel, no qual foi expedida a "Carta de Princípios", proposta pelo poeta Raimundo Santa Helena. Muitos e outros registros são inseridos no "Brasil Poético".

Da cidade de Nazaré – Bahia, registramos o recebimento do Jornal "O Alvitre", nos seus Nos 64, 65 e 68. Semanário com farta produção literária, reúne em suas páginas as mais belas crônicas e poesias de autores diversos, tendo no seu No. 68 a produção poética do catarinense Juradir Schmidt,

“Que Vontade – De andar descalço pelo chão barrento/ ferir os pés nas pedras/lavá-los no límpido rochedo. De rolar na relva/ comer azedinhas/achar trevo-de-quatro-folhas. De largar a cidade/buscar a natureza/preservá-la do progresso/deixar meu corpo livre/viver puro e forte.” – Registramos ainda as danças folclóricas na festa junina do Colégio Dr. Aurélio Miranda.

Se ressentido “O Alvitre” de divulgação do Folclore do município de Nazaré, visto que o folclore baiano é um dos mais ricos em manifestações da cultura popular.

NOTICIÁRIO

Registramos e agradecemos os livros e periódicos recebidos.

- 1 – “Jogos – Brinquedos e Outras Diversões Populares de Macau”: Ana Maria Amaro, Cascais – Portugal
- 2 – “Um Jogo Africano de Macau A CHOÇA”. Ana Maria Amaro, Cascais – Portugal
- 3 – LAURO, MÜLLER – Almiro Caldeira de Andrada. Fpolis, SC
- 4 – Boletim No. 2 – Comissão Goiana de Folclore. Goiás
- 5 – “Fortaleza de São José de Macapá,” 1782 (Histórico) Amapá
- 6 – “Tribos Indígenas do OIAPOQUE,” pesquisa de Saulo Mendes – Tribo PALIKUR, rio Urucaúá. – Tribo dos CALIBI – Vila de Kumaruman. Tribo dos KARIPUNA, Vila Santa Isabel
- 7 – BATUQUE DE IGARAPÉ DO LAGO. Pesquisa de Nilson Montorial de Araújo, 1979
- 8 – “Histórico da Primeira Festa de São Tiago” em Magazão Velho. Bicentenário 1979 – Prefeitura Municipal de Magazão
- 9 – “O Pescador Artesanal do Sul” – Lilian Argentina B. Marques. (Prêmio Silvio Romero, 1973)
- 10 – “Artesanato Popular” – Mario Ypiranga Monteiro – Manaus
- 11 – “Queimação de Judas” – Ático Vilas Boas. Goiás (Prêmio Sílvio Romero 1976)
- 12 – O AGRESTE, mensário da Faculdade de Filosofia e Letras – Caruaru – PE
- 13 – Primeiras Opiniões Sobre “A Tríade e os Diabos”. Maura de Sena Pereira. Rio
- 14 – Revista do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais. Nos. 9/10 – 1979
- 15 – Seminário Sobre Cultura Mineira no Período Contemporâneo. Idem, Colonial

- 16 – “O Berimbau de Barriga e seus toques” – Kayshaffer. In Monografias Folclóricas, No. 2
- 16 – SIGNO – Revista da Academia Catarinense de Letras 1970, 71 e 75, Nos. 3, 4, 5
- 17 – “Dos Degraus do Cenáculo”. João Alfredo Medeiros Vieira
- 18 – “Espantos al Primo Canto” – Enio Teodoro Wanke – SC
- 19 – “Hipotenusas e Catetos” – Enio Teodoro Wanke – SC
- 20 – “Amazônia, Tempo e Gente” – Napoleão Figueiredo – Manaus
- 21 – “Fundação de Manaus” – Mario Ypiranga Monteiro – Manaus
- 22 – Atas do Simpósio Sobre a Biota Amazônica
- 23 – O LIDADOR – Editado pela Fundação Artístico-Cultural de Vitória de Santo Antão PE, – Editor Paulo Freitas, Chefe de Redação Ronaldo Sotero. 1980/1981
- 24 – “Andiva do Tempo” – “Processo do Desempenho Ligüístico e um quadro Sociocultural” – Florival Seraine – Fortaleza – CE
- 25 – Revista Goiana de Artes – Instituto de Artes da UFG
- 26 – CADERNO Nos. 106 – 107 – 108 – “Pregões Recifenses – Feira de Caruaru – Procissão do Fogaréu”
- 27 – “Civilizações Primitivas do Contestado” – Nilson Thomé – Caçador, SC
- 28 – FOLCLORE – Revista Anual da Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá – SP
- 30 – “Folclore Brasileiro” – BAHIA. Hildegardes Viana
- 31 – “Caderno de Folclore No. 31 – TAMBOR DE CRIOULA – Sérgio Ferretti, Valdelino Cécio Joila Moraes, Roldão Lima.
- 32 – “O Folclore das Tropas, Tropeiros e Cargueiros no Vale do Paraíba”. – Tom Maia e Thereza Regina de Camargo Maia. (Prêmio Sílvio Romero 1980)
- 33 – “O Folclore do Litoral – Norte de São Paulo”. – Rossini Tavares de Lima e Outros.
- 34 – Revista de Cultura No. 36, Ano 10. Abril/jun. 1981 – MEC
- 35 – Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, RBEFD, jul./set. 1981 – MEC
- 36 – SPHAN 12 – Pró-Memória “Madeira – Mamoré”, a velha ferrovia está de volta.

LIVROS

Brasil – FESTA POPULAR

Grande obra editada pela Caixa Econômica Federal, que acentua: “Esta obra visa contribuir para preservação das manifestações da cultura brasileira, editada ao ensejo do 10o. aniversário de sua unificação”.

Com a chancela do Prefácio de Luís da Câmara Cascudo. Introdução de Vicente Sales. Textos de Cáscia Frade, Domingos Vieira Filho, Lena Frias, Maria de Lourdes Borges Ribeiro, Raul Lody e Vicente Sales. Desenhos de Carybé. Reproduções de obras de Cândido Portinari. Fotos de Marcel Gautherot Firmo, Câmara Três – Agência JB–Vidroarte Editora. 1980

É uma obra realmente de valor extraordinário, na qual Vicente Sales na Introdução, analisa as manifestações da cultura popular nas várias regiões do Brasil, sociológica e etnograficamente, com as classificações das festas tradicionais, “em gerais, locais, tópicas e do orago”.

Na área folclorística, classifica os costumes em ciclos de festas tradicionais, considerando as mais importantes. “Ciclo comemorativo do calendário; Ciclo familiar ou dos ritos de passagens; Ciclo de trabalho ou mágico”.

Os ciclos são analisados dentro dos seus aspectos tradicionais. Analisa: “Cultos e Folguedos populares”. Destaca registros de levantamento dos folguedos tradicionais pelo “Atlas Cultural”, – sendo os mais disseminados: Reisado, Bumba-Meu-Boi, Folia de Reis, Bailes Pastoris, Congo, congado ou congada, Pastoril, Dança de São Gonçalo, Marujada/fandango, Cavalhadas, Moçambique.

Na seqüência, os trabalhos apresentados pelos autores citados, são: Bumba-Meu-Boi/Domingos Vieira Filho. Carnaval/Lena Frias. Ciclo da Quaresma – Festa da Fogueira/Cáscia Frade. Folias e Bandeiras – Festas de Igreja/Lena Frias. Festas Afro-Brasileiras/Raul Lody. Autos dos Congos/Maria de Lourdes Borges Ribeiro. Carvalhadas/Cáscia Frade. Ciclo Natalino/Vicente Sales.

É uma iniciativa que deve ser imitada por outras organizações estatais na área do folclore brasileiro, visto ser este amplo e rico em manifestações.

NOTICIÁRIO

ENCONTRO DE EDUCAÇÃO MUSICAL

O CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA, em convênio com o INSTITUTO NACIONAL DE MÚSICA DA FUNARTE/MEC, realizou de 14 a 19 de dezembro, um ENCONTRO DE EDUCAÇÃO MUSICAL.

Para a 2a. etapa do ENCONTRO, dias 17, 18 e 19, aberto a Professores de Educação Musical, estudantes e profissionais das áreas de Arte, Educação e Saúde, foi montada uma programação de Conferências e Painéis sobre os temas a serem abordados durante o ENCONTRO, além dos resultados para debates das conclusões da 1a. etapa.

PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

- . Musicologia
- . Etnomusicologia
- . Educação Musical

O CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA dará início, na segunda quinzena de março/1982, a seu curso de PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA.

Este Curso que se destina especialmente a graduados em música que atuem no magistério superior e no campo de pesquisa, estará aberto, também, a profissionais de áreas afins.

Informações e Inscrições: CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA
Avenida Graça Aranha, 57 - 12. andar - Rio de Janeiro - 20.030
Telefones: 2-40-54-81 e 2-40-54-31.

A Fundação Nacional de Arte - FUNARTE, do Ministério da Educação e Cultura, através do Instituto Nacional do Folclore, tem o prazer de convidar para a inauguração da exposição *Folclore Paranaense* e lançamento do livro *Folclore Brasileiro/Paraná* de Roselys Vellozo Roderjan.

Dia 2 de dezembro de 1981 às 18:30h

Escritório Regional da FUNARTE
Rua Cruz Machado, 98 - Curitiba

Registro

Acusamos o recebimento da Revista 2 da Universidade Federal de Mato Grosso, referente a maio – agosto/81.

NOTICIÁRIO – Outros Estados

REPENTE E CORDEL VENCE O PRÊMIO SÍLVIO ROMERO DO INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE

Repente e Cordel, um levantamento da literatura popular da região amazônica com enfoque na literatura de cordel, de autoria do professor Vicente Juarimbu Salles, foi a monografia vencedora do Prêmio Sílvio Romero deste ano. O concurso existe há 21 anos, é uma promoção do Instituto Nacional do Folclore da FUNARTE, e tem como objetivo estimular o estudo e a pesquisa de temas folclóricos e criar uma bibliografia especializada sobre o assunto. Este ano participarem do concurso 26 monografias.

O autor de **Repente e Cordel**, Vicente Juarimbu Salles tem 49 anos e nasceu na área rural do Estado do Pará. É antropólogo, pesquisador e professor de Cultura Popular, na Faculdade de Artes da Universidade de Brasília. Esta é a primeira vez que participa do Prêmio Sílvio Romero, mas tem vários trabalhos publicados, entre eles **O Negro no Pará – Um Estudo Sobre a Escravidão, Música e Músicos do Pará, A Música e o Tempo no Grão-Pará e O Exilado do Rancho Fundo – A Vida e a Obra em Pequena Dimensão do Poeta Antonio Tavernard**. Vicente Juarimbu Salles trabalhou na Campanha de Defesa do Folclore de 1961 a 1973 e, durante 10 anos, foi redator da Revista Brasileira de Folclore.

A comissão julgadora foi presidida pelo professor Dante de Laytano do Rio Grande do Sul e formada pelos seguintes professores: Renato José da Costa Pacheco, do Espírito Santo; Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo, de São Paulo; Felte Bezerra e Maria de Cásia Nascimento Frade, do Rio de Janeiro; Bráulio do Nascimento, Diretor do Instituto Nacional do Folclore; Maria de Lourdes Borges Ribeiro, Gerente-Técnica do Instituto Nacional do Folclore e Suzana de Oliveira Luz, Coordenadora do Concurso Sílvio Romero – 1981.

O trabalho vencedor recebera da FUNARTE o prêmio de Cr\$ 150 mil e será publicado pelo Instituto Nacional do Folclore. Outros três participantes do concurso receberam Menção Honrosa: 1a. Menção Honrosa – **O Folclore dos Invertebrados** de autoria de Hitoshi Nomura, de Ribeirão Preto, São

Paulo; 2a. Menção Honrosa — **Ai Que Dor de Dente: Estudo Sobre a Odontologia Folclórica**, de Laura Della Mônica e Ives Rudner Schmidt de São Paulo; 3a. Menção Honrosa **A Fauna na Linguagem Popular** de Wilson de Lima Bastos, de Juiz de Fora, Minas Gerais.

NA FESTA DA CRIANÇA A ENTREGA DO PRÊMIO MARECHAL RONDON DE 81

Serão entregues no dia 9 de outubro, sexta-feira, às 16 horas, na festa da criança do Museu Edison Carneiro, do Instituto Nacional do Folclore da FUNARTE, os prêmios do Concurso Marechal Rondon de 1981.

A vencedora foi Luciana Ramos Rosa, aluna do Centro Educacional Ave Branca, de Brasília, Distrito Federal que receberá o prêmio de Cr\$ 20.000,00 pelo trabalho "Cultura Indígena". A 1a. Menção Honrosa foi para Rosalee G. de Araujo, representante do Rio de Janeiro, e a 2a., ficou com Maria de Amorim, de Cuiabá, Estado do Mato Grosso.

O Concurso Marechal Rondon tem por objetivo estimular a pesquisa sobre a cultura indígena brasileira e dele podem participar crianças das escolas de primeiro grau de todo o país. Nos Estados, é coordenado pelas Secretarias de Educação, que selecionam o melhor trabalho concorrente. O concurso deste ano, lançado no dia 9 de abril, Dia do Índio, recebeu trabalhos de 13 Estados.

No Dia da entrega dos prêmios o Museu de Folclore Edison Carneiro, do Instituto Nacional do Folclore, realizou a festa do Dia da Criança com a apresentação do teatro de bonecos "Fantoches e Desenhos Animados", dirigido por Oscar Belau. A festa teve entrada franca e o espetáculo aconteceu, no Parque do Palácio do Catete.



Fasnacht in Tirol

Der bekannte Tiroler Volkskundler, Photograph, Drehbuchautor und Regisseur Professor Dr. Wolfgang Pfandler hat mit diesem Bildband eine bislang einzigartige Dokumentation Tiroler Volksbräuche geliefert. Anhand des unvergleichbaren historischen und aktuellen Materials zum Telfer Schleicherlaufen beschreibt er mit großer Genauigkeit und packenden Detailschilderungen die Entwicklung und Ausformung dieses bekannten Tiroler Großbrauches. Ein für jedermann fesselndes Beispiel moderner Volkskunde, das durch Pfandlers gleichsam einem magischen Realismus verpflichtete Photographie besondere Bedeutung erhält.

Ca. 400 Seiten, 62 Farbbild., zahlreiche SW-Abbildungen. Format 25 x 30 cm. Ganzleinen.

SUBSKRIPTIONSPREIS bis 31. 12. 1981: 65 498.— DM/£ 68.—
LADENPREIS ab 1. 1. 1982: 65 730.— DM/£ 99.—
SÄMTLICHE bis 30. 11. 1981 bestellte Bücher werden noch rechtzeitig vor Weihnachten, Anfang Dezember 1981, ausgeliefert.

POMERODE

— RESUMO HISTÓRICO —



POMERODE é algo diferente de tudo quanto você conhece.

É uma cidade com 17.000 habitantes, fundada por colonizadores alemães em 1863, cujos descendentes preservam com profundo respeito suas características culturais e arquitetônicas, tornando-a digna de uma visita.

Localiza-se no Médio Vale do Itajaí, distando 30 Km de Blumenau por Rodovia Estadual Asfaltada. É de clima temperado com média anual de 21º. C e com altitude de 58,87 m acima do nível do mar, sendo a sua latitude 26º.43'17" e longitude 49º.10'20".

A emancipação política administrativa ocorreu no ano de 1959.

Sua laboriosa população, dotada de um espírito pioneiro, progressista e ordeiro, soube colocar POMERODE em posição de destaque dentro do mercado manufatureiro nacional e internacional, pois aqui se fabricam as mais famosas porcelanas e laticínios do país, sendo por esta razão denominada de "Cidade das Porcelanas". Possui 90 indústrias e 100 casas comerciais.

Sua arquitetura típica em enxaimel, seus jardins floridos, suas festas típicas constituem autênticos motivos para a presença do turista. A cidade tem 15 Clubes de Caça e Tiro além de 14 Bandas e Bandinhas típicas, cuja Festa Anual ocorre em maio. A grande festa do Chopp realiza-se em Outubro. As festas de REI e RAINHA DO TIRO e BOLÃO bem como as apresentações do GRUPO FOLCLÓRICO ALPINO-GERMÂNICO têm calendário variável.

O JARDIM ZOOLOGICO de Pomerode, único em Santa Catarina, já é conhecido além-fronteiras. Graças à tradicional família Weege, fundadora e mantenedora desta instituição, sobrevive há quase meio século, criando e pesquisando animais da fauna nacional e de outras procedências. Hoje em dia, o Zoológico cria e vende Ursos da Sibéria, Tigres de Bengala e Leões Africanos para terceiros. Os Restaurantes apresentam um variado número de pratos típicos, comida farta e variada que satisfará qualquer paladar.

Um fato curioso, pitoresco e inédito é a maneira pela qual a sua gente se comunica entre si, no seu dia-a-dia, pois na Região ainda predomina o idioma alemão em seus diferentes dialetos, provando suas origens étnicas, trazidas há mais de um século da velha Europa.

da Sibéria, Tigres de Bengala e Leões Africanos para terceiros.

Os Restaurantes apresentam um variado número de pratos típicos, comida farta e variada que satisfará qualquer paladar.

Um fato curioso, pitoresco e inédito é a maneira pela qual a sua gente se comunica entre si, no seu dia-a-dia, pois na Região ainda predomina o idioma alemão em seus diferentes dialetos, provando suas origens étnicas, trazidas há mais de um século da velha Europa.



CASA TÍPICA EMXAIMEL



C.T.G. Porteira Aberta

*No seu 21.º Aniversário de
1959 Fundação. 1980*

*Baile das
Debutantes*

1980

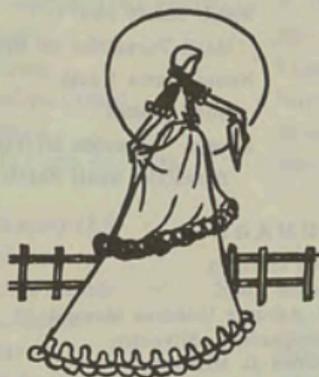
C. T. G.

Porteira Aberta

apresenta suas

debutantes de

1980



Madrinha das Debutantes

Sra. Emma Marquart Mafinski

*• Embora Longe dos Pagos, o Gaúcho lembra a Quêrência,
cultuando suas tradições. •*

Mensagem do C.T.G. Porteira Aberta

O júbilo do PORTEIRA ABERTA é exatamente a soma das alegrias da Família Associada quando está a enriquecer o seu património humano e cultural na expressão infinita da Beleza das Prendas que hoje debutam.

Nomes das Debutantes

Adiles Ana Bof	Lilliane Magnália Zanchi
Adriane Carla Volpi	Loreni Bertol
Beatriz Pause	Marcia Neusa Oltramari
Carmem Maria Perin	Marcianita Salete Rampi
Claudete Ristoff	Maria Nadir Bedin
Cláudia Lúcia Parise	Maria Roselaine Ochôa
Cleusa Marisa Dutra	Maria Salete Paz
Eliana Agostini	Marli Terezinha de Britto
Edinara Pacovska	Neusa Maria Costa
Eliria Lemes da Silva	Noeli Ristoff
Gisele da Graça Moretto	Sandra Aparecida Silvestre
Leila Cleuni Pinheiro	Terezinha Sueli Fortes

PATRONAGEM

Patrão:	José Minosso
1º Maior Domo:	Sérgio Volpi
2º Maior Domo:	Dr. Ademar Quadros Mariani
1º Sota Capataz.	Ermogenio F. Silvestre
2º Sota Capataz:	Alcides D. Minosso
1º Agregado das Pilchas:	Angelo Basso
2º Agregado das Pilchas:	Pedro de Conto
1º Agregado das Falas:	João M. Brisola
2º Agregado das Falas:	Dr. Avelino de Bona

Conselho de Vaqueanos

Nilson N. De Conto, Alexandre Tiezerini, Adelino Martini,
Orlindo da Rocha e Ivo S. Rech.

Suplentes do Conselho de Vaqueanos

João Pillar, Hugo Simm, Idilio Rampi, Edson Zanetti e Luiz Basso.

São Miguel do Oeste - SC - 27/12/80.

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Nomes	Endereços – Florianópolis, SC
Doralécio Soares (Presidente)	Rua Julio Moura, 28, 1o. andar
Jaldyr Faustino da Silva	Av. Trompowsky, 5
Theobaldo Costa Jamundá	Rua Bocaiúva, 208
Walter Fernando Piazza	Frei Evaristo, 52
Oswaldo Ferreira de Melo (filho)	R. Joaquim Costa, 11
Vitor Antonio Peluso Júnior	R. Melo Alvim, 10
Maria do Carmo Pinto	Faculdade de Educação – UDESC
Carlos Alberto Angioletti Vieira	R. Professora Otilia Cruz, 365, Estreito
Maria Terezinha S. Barreto	R. Tavares Sobrinho, 34
Cléa Mendes Brito	R. Melo Alvim, 9
Nereu do Vale Pereira	Jardim Olívio Amorim, 24
Roberto Kel	R. Cruz e Souza, 48
A. Seixas Netto	Rua Matos Areia, 385 – Estreito
Franklin Cascaes	R. Julio Moura, 31
Myriam Conceição Dias Beltrão	R. Othon D'Eça, 140 – Apart. 1202
Teófilo Matos	São Joaquim
Rubem Ulisséa	Laguna
Maria Juscelina Couto	Navegantes
Ayres Gevaerd	Brusque
Sonia Maria Copp da Costa	São Francisco do Sul

COLABORADORES

Flávio Cardozo	Florianópolis
Dulce Martins Lamas	Rio de Janeiro
Laura Dela Monica	São Paulo
Saul Martins	Minas Gerais
Atico Vilas Boas	Goiás
Glaucus Saraiva	Porto Alegre
Mário Souto Maior	Recife

Composto e impresso nas oficinas gráficas da



IOESC
IMPRESA OFICIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA S. A
Empresa vinculada ao Gabinete do Vice-Governador

PONTOS NOS IS
(Carta a Doralécio)



Separata do Boletim No. 34 da Comissão Catarinense de Folclore.

Maio 1982

Nov
Tem no
Anguino

PONTOS NOS IS (Carta a Doralécio)

PONTOS NOS IS (Carta a Doralécio)

O TEMPO, O GRUPO DE ELITE "ET CETERA,
ET CETERA" DA SUBCOMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE.

E pergunto, não por admirado, mas por estimulado. E no estímulo há um orgulho: entregando o número 33, do BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, Você cobra interesse para que a dita Comissão apareça pelo esforço dos seus membros. Resolvi então redigir esta carta-depoimento. É uma resolução contribuinte da História. Ofereço informações e com elas a situação em que qualifico o seu esforço ímpar. — Obrigado pela confiança numa capacidade da minha parte. Entretanto, tenho respeito ao seu honesto esforço e ao acervo folclórico para escrever QUALQUER COISA. Qualquer coisa não quer dizer que seja FOLCLORE. E folclore não é blá-blá-blá de asneiras. — Você pede uma colaboração para o Boletim No. 34. Mando-lhe esta carta-depoimento. E me parece, exatamente, que já e tempo de depor. Entretanto, tenho pressa em dizer que Você tem razão é autoridade para ter queixa e fazer censura aos membros da Comissão; estes, como eu, mais ausentes que presentes. Você é um folclorista ativo e interessado. Dir-se-ia ou direi que você é o folclorista membro da Comissão, que é a própria Comissão. Nós gostamos de poder dizer que fazemos parte dela. Isto. Fazemos parte da Comissão Catarinense de Folclore. Outras entidades culturais têm membros com este comportamento. Só são delas para dizer que o são. Você tem potencialidades para ser útil, está sendo, e a maioria que já alcançou no painel do Folclore Catarinense (UMA DAS MAIS PURAS FONTES DE CATARINENSISMOS), já reclassificado, é também reconhecida.

E esta carta-depoimento escrita assim à maneira de retrospectiva é uma obrigação pessoal (MINHA) e também pela condição de uma conterraneidade, graças a DEUS, nobre. Senti o tempo próprio em escrevê-la. Ainda o sol anima e brilha. Nem todos do grupo que viu a Subcomissão Catarinense de Folclore nascer em outubro de 1948 já fizeram a viagem sem regresso, mas. . .

Entendo, Doralécio, que não é fácil escrever ou descrever pesquisa folclórica. Por outro lado, estou interessado na problemática literária da IDENTIFICAÇÃO DOS CATARINENSISMOS. Sou muito orgulhoso em ser dos mais responsáveis pela densa circulação do vocábulo: CATARINENSISMO. Tempo houve em que algumas pessoas enrolavam a língua ao dizê-lo. Agora, até já é tomado como substantivo e dourado de algum valor em aligeiradas concepções de identificação cultural. Tenho pressentimento de que cedo vou ou-

vir, ou vou ler, que **catarinensismo** é um vocábulo usado pelos açorianos, no processo da aculturação operada nos limites do mapa da Província de Santa Catarina. Pressinto esta aberração por causa da existência de rol de outras. E como exemplo apresento esta, que é explicadora (sic) da presença do engenho de farinha de mandioca (**EXATAMENTE O ENGENHO – FÁBRICA RUDIMENTAR – DE FARINHA DE MANDIOCA**) como bem de uma herança da cultura material açoriana.

É claro que só aqueles desinformados sobre as datas das chegadas dos açorianos ao litoral brasileiro chamado catarinense ou, definidamente, Ilha de Santa Catarina. Os desinformados e que também não pesam no saber a significação e a importância das influências irradiadas de São Vicente Ilha do Sol.

Quem usar capacidade de observação racional, entenderá que a Ilha de Santa Catarina fica encostada no litoral banhado pelo Atlântico e o amanhecer português verificado nele é muito aquém de 1748. E só a partir deste ano, os açorianos começaram a chegar e a comer a **FARINHA DE MANDIOCA**, que existiu como suprimento para um ano, conforme mandou prever o Edital de D. João V.

É certo que, se não foi feita em SC, a **FARINHA DE MANDIOCA** que o açoriano comeu na primeira refeição em terra brasileira, também não foi importada, na quantidade de existir para um ano inteiro. Em 1748, já se fazia **FARINHA DE MANDIOCA**, no Brasil. Logo, já existia a “**CASA DE FARINHA**”. Esta foi muito conhecida do **BRASIL COLONIAL**, latifundiário e escravocrata.

Mas, Doralécio, você sabe e eu sei que a desinformação não evita a falsificação do folclore. O resíduo que existe é cada vez mais poluído. Reconheço, sem estar contaminado pelo vírus do desânimo, que mudanças de uma compreensão cultural não são operadas facilmente. Quando decidi entender bem as raízes da cultura regional – detalhe do Painele Catarinense – era todo um interessado. Via a paisagem humana catarinense como se ela estivesse dentro de um desafio que me era dirigido. Sentia-me sem poder decodificá-la e não aceitei o estado de ignorante. E como ignorante sentia-me inferior. Comecei por conflitos e fui-me acomodando. Permaneço no aprofundamento desta acomodação, sendo um permanente motivado. Por isso, aceitei participar da Subcomissão Catarinense de Folclore, já naquela relação dos pioneiros, na qual Você em 1949 já estava, por ordem alfabética, no décimo terceiro lugar. O meu nome vem aparecer entre os representantes municipais, no município de Indaial. Você, como eu, sabemos da importância daquela Comissão (evidentemente, uma Comissão maiúscula), que teve por Secretário-Geral Oswaldo R. Cabral. Dentre as poucas afirmações que deixaram resíduos fertilizadores, uma é que, naquele período iniciado nos fins

de 1948, existiu um grupo adulto dinamizando um interesse bem definido para coleta e divulgação de BENS FOLCLÓRICOS; existiu quem fizesse pesquisa folclórica como atividade valorizadora; quem fizesse folclore ao modo de HOBBY; quem fizesse folclore experimentando a transmissão de conhecimentos pessoais. A verdade crua cedo também alguns entenderam: escrever sobre folclore não era fácil e o de Santa Catarina, mais que outros, exigia pesquisa.

Convém lembrar que, naqueles anos, o movimento ativador dos estudos e pesquisas folclóricas tinha um caráter nacional. E, em 1949, a Discoteca Pública Municipal (São Paulo, SP) instituiu o 4o. Concurso de Monografias Sobre o Folclore Nacional. Os trabalhos premiados foram publicados na Revista do Arquivo Municipal, CLV – 1953 – Ano XIX. Esta revista foi editada pela Divisão do Arquivo Histórico, do Departamento de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura, da Prefeitura Municipal de São Paulo. Os trabalhos selecionados para prêmios foram: o de Théo Brandão, O REISADO ALAGANO; o de Veríssimo de Melo, RONDAS INFANTIS BRASILEIRAS; o de Luíz Carlos Lessa, CHIMARRÃO. Um catarinense residente no Rio de Janeiro concorreu com ACHEGAS À PORANDUBA CATARINENSE, Lucas Alexandre Boiteux. Da Comissão Julgadora, participou outro catarinense, que foi o cientista social, Egon Schaden.

É oportuno saber que os trabalhos ocuparam quase 500 páginas do número daquela revista; também, que os classificados sempre estiveram no grupo dos maiores em saber sobre o folclore nacional.

(E, meu caro Doralécio Soares, até os estímulos aos folcloristas, então, eram diferentes para mais e no aplauso.)

Dá-se dizer que, sem dúvida, a fase da existência da Subcomissão Catarinense de Folclore foi a mais alta. E que tudo foi creditado a um grupo de participantes autênticos no interesse sustentado. Quem folhear o BOLETIM TRIMESTRAL No. 2, dezembro de 1949 (o número 1 apareceu em setembro de 1949) sentirá a substância do Movimento Folclórico.

UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS FOI AFIRMAÇÃO SÉRIA DENTRO DE PROPÓSITOS CULTURAIS.

Veja hoje, para avaliação daquele trabalho de ontem, que no Boletim era citado o grande Arthur Ramos (1903 – 1949).

Grande porque era tão conhecido, sendo maior no Folclore Brasileiro do que farinha de mandioca na refeição de praiano. E citado, com sinal de atenção. E eis o que se colhe no Boletim Trimestral No. 2, pág. 18: “SEM A PESQUISA DEMOPSOLOGICA INICIAL, DOS ELEMENTOS ÉTNICOS ORIGINÁRIOS, QUALQUER MÉTODO DE ESTUDO DO FOLK-LORE BRASILEIRO TROPEÇARÁ EM DIFICULDADES INTRANSPONÍVEIS” (Cf. O Folk-Lore Negro no Brasil).

É ainda no mesmo Boletim que se lê sobre a visita de Renato Almeida, então secretário-geral da Comissão Nacional de Folclore. O visitante veio patrocinado pela Academia Catarinense de Letras e colaboração do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. A Comissão Nacional era vinculada ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — I.B.E.C.C. O propósito da presença do visitante em Florianópolis, SC, se deveu a um programa de contactos com as Subcomissões de Folclore dos estados: Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Acolhido com a propriedade devida, pelo saber, pelo conceito que desfrutava e pelo prestígio em que situou a Subcomissão Catarinense de Folclore, o Dr. Renato Almeida cumpriu programa e foi prestigiado pelo Governador do Estado, professor e bacharel em direito, José Boabaid. Naqueles fins de 1949, existiu uma opinião de grupo, que pareceu ser forte e, efetivamente, nutriu o movimento folclórico, do qual o Boletim Trimestral da Subcomissão de Folclore é uma prova. Diga-se, como informação, que o Departamento Estadual de Estatística deu contribuição fundamental para a sua existência: a edição e a circulação daquele boletim. Aliás, o Departamento mencionado, que deu contribuição tão efetiva e eficiente, não a deu por ser um departamento de estatística e sim por ser ativado por equipe de intelectuais capacitadíssima.

Doralécio, privei muito de perto, com o grupo de elite do Departamento Estadual de Estatística. Não sei onde hoje existe equipe rivalizante com aquela daquele Departamento no detalhe de responder sobre gente, coisas e terra do Painel Catarinense, com a suficiência mais satisfatória. O trabalho dos diretores Virgílio Gualberto e Lourival Câmara, cada um ao seu tempo, foi assim como um eito preparado e cultivado com talento, indeligência e vontade construtiva. Quando deu colaboração maior à Subcomissão Catarinense de Folclore, o diretor era Roberto Lacerda, pessoa da confiança de Lourival Câmara, e tinha, como chefe da Secção de Publicidade, Osvaldo Ferreira de Melo (um encantado cultivador da pesquisa folclórica principalmente musical, e na época esteve metido até o pescoço em saber, saber, saber sobre o folclore ilhéu. Foi intolerante à crítica mais fraca ou mais forte ao Departamento Estadual de Estatística ou ao que escrevia. Sempre declarou oficialmente ou não que FOLCLORE era assunto sério)

Pois, Doralécio, quem examinar qual outro Departamento se iguava àquele, achará bem ajustadamente que eram assemelhados nas finalidades comuns através meios em levantar aspectos catarinenses: o Departamento Estadual de Geografia e Cartografia.

Quem conheceu o trabalho dos dois, sabe o quanto ambos estimularam pesquisas, estudos, inquéritos, visando conhecer o conteúdo, a face, a intimidade, as formas das marcas identificadoras do que é catarinense.

Aí, por que se entende (DIGO MELHOR) por que se pode entender o Departamento Estadual de Estatística funcionando no apoio, mais substancial, à Subcomissão Catarinense de Folclore. Não foi por acaso nem por uma decisão que se pode identificar como: AJUDAZINHA. . . — Exatamente, foi uma participação consciente, foi atitude coincidente com a filosofia tomada pela equipe de elite do DEE. À época, ela preservava o conceito em que o Departamento era conhecido dentro e fora das fronteiras de SC. Foi uma atitude, prosseguindo e ampliando o espírito e a maneira de operar, na realidade catarinense, herdada do diretor Lourival Câmara. E Lourival foi ímpar, como cultivador e cultuador de catarinensismos. E fez do Departamento Estadual de Estatística uma agência de pesquisas e inquéritos, informação e documentação, sendo a meta principal, aquela merecedora do aplauso forte e estimulador do Interventor Federal Nereu Ramos: conhecer gente e terra, catarinenses, para que os de casa mais as amassem e os de fora ficassem orgulhosos na satisfação em conhecê-las. Além de o ter sido, aquela agência foi, ao mesmo tempo, uma sementeira de recursos humanos ativadores do valor de ser catarinense.

Forçoso, então, é se concluir que os trabalhos editados pelo conceituadíssimo DEE, sobre folclore, foram entendidos como dentro dos seus mais autênticos interesses. E não se pode omitir, na informação, que o autor Osvaldo Ferreira de Melo era membro da Subcomissão Catarinense de Folclore. E, sem dúvida, os trabalhos: “O BOI-DE-MAMÃO NO FOLCLORE CATARINENSE”, como “O TERNO DE REIS NO FOLCLORE CATARINENSE”, são peças para o acervo bibliográfico, valiosas e raras. O primeiro tem capa e ilustração de Orlando Ferreira de Melo; o segundo tem a capa com desenho de Orlando Ferreira de Melo. Este artista plástico de profissão professor universitário de Direito foi outra revelação daquela época. Época de garimpagem folclórica sem antecedentes. Nunca se cultuou e cultivou tanto a brotação das raízes de catarinensismo mais puro.

Dentro e fora das fronteiras catarinenses se falou sobre a monografia de Osvaldo Ferreira de Melo, BOI-DE-MAMÃO no Folclore Catarinense. Não sei se Você sabe que discordei de conceito feito ali, naquela monografia, envolvendo uma explicação sobre o BUMBA-MEU-BOI do nordeste. A discordância foi publicada no jornal “A NOTÍCIA” (1949), Joinville, SC. Osvaldo Ferreira de Melo respondeu também pelo mesmo jornal, dizendo que a crítica continha um atrevimento. Mas, aquele trabalho recebeu aplausos de autoridades nacionais relacionadas na elite dos folcloristas brasileiros. E seleciono entre tantos o gaúcho Walter Spalding, figura de amizades e amizades na intelectualidade do Brasil — Sul, autor de livros de História do Rio Grande do Sul e considero entre os aprofundados no saber sobre açorianidades. Disse ele:

“TRABALHO DE MÉRITO EXTRAORDINÁRIO, DIGNO DOS MAIORES ENCÔMIOS, É ESSE QUE O DEE, SEU DIGNO DIRETOR-GERAL E O ILUSTRADO GOVERNO DE SANTA CATARINA EM BENEMÉRITA COLABORAÇÃO COM A SUBCOMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE DIVULGAM PARA O BRASIL INTEIRO. COM ESTAS PUBLICAÇÕES, SANTA CATARINA FORMA NA VANGUARDA DOS ESTADOS BRASILEIROS, DANDO EXEMPLO DE NOTÁVEL COMPREENSÃO DOS VALORES DOS ESTUDOS FOLCLÓRICOS.”

E você, Doralécio, tem conhecimento. Sei que tem, que tudo aconteceu num tempo de uma garimpagem folclórica sem antecedentes. O assessoramento profissional com os serviços gráficos do Boletim você o deu com tal eficiência, que o secretário-geral da Subcomissão Catarinense de Folclore, Oswaldo Rodrigues Cabral, incluiu o seu nome na citação de agradecimentos. Quem quiser conferir, procure o Boletim Trimestral No. 3, março de 1950. E quem conheceu o referido secretário-geral sabe que ele não distribuía elogios com facilidade. Aquele número três do Boletim Trimestral já foi impresso na Imprensa Oficial do Estado, aquela dos tempos do diretor Batista Pereira, a dos apoios e apoios a escritores e escritores para impressos vários, que fossem folhetos, que fossem livrecos, que fossem livros, que fossem jornalzinho ou jornal de verdade, que fossem revistinha ou revista de verdade.

Doralécio, deixo com você o meu “pontos nos is”, com referência àquela fase da IOE dos tempos do diretor Batista Pereira, quando Waldyr Grisard era subdiretor. À maneira bem ilhoa de qualificar, sem ofender nem elogiar, funcionava regida por “esculhambação-organizada”. Entretanto, nunca se poderá omitir que contribuiu, significativamente, para a produção editorial de então. — E como contribuiu! — e em muita publicação você entrou como colaborador no processo editorial. E até era obrigatório que desse cooperação, dada a sua especialização no campo das artes gráficas. Por isso, é fácil entender os agradecimentos de Oswaldo R. Cabral. Entretanto Você, por causa da pernambucanidade, era sensível tanto à prática como à pesquisa no universo do folclore catarinense. E esta sensibilidade foi fertilizada espontaneamente. E nem poderia deixar de acontecer esta fertilização. Externamente, algumas transparências do Folclore Catarinense têm similitudes com o Folclore Pernambucano. E não há nenhuma descoberta novidadeira. A faixa litorânea catarinense é a do mesmo Brasil — Português — Litorâneo, estendida na dimensão continental, na qual também fica a faixa litorânea pernambucana. A diferença mais notada entre elas é que, na pernambucana, a cultura africana tem maior participação que na catarinense; como ainda, que a catarinense

teve a dominação cultural dos vicentistas e recebeu a partir de 1748 a injeção de açoritas. Uma e outra receberam a contribuição dos nativos que as povoavam. Lucas Boiteux no seu livro: PORANDUBA CATARINENSE (Edição da Comissão Catarinense de Folclore, Florianópolis, 1957) oferece sugestões que podem ser relacionadas num roteiro para levantamento das constantes folclóricas da Região Sul e do Nordeste oriental.

Doralécio, este Brasil da beira mar é, nas raízes, luso-brasileiro. As similitudes existentes aqui, ali, acolá, são tantas, que anotar as diferenças é vestir "camisa de onze varas" para mexer "num saco de gatos".

Deixo aqui uma opinião colhida na longa e vagarosa procura ainda inconclusa. Nela faz tempo permaneço empenhado. — Quem não for, de todo, cru, no entendimento do Brasil — Português — Litorâneo (estiradão umedecido pelo Atlântico), terá boa ajuda lendo (sabendo ler) o livro de GILBERTO FREYRE, Aventura e Rotina — Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação — 2a. edição, 1980.

É possível que alguém ache esta retrospectiva de memória uma arenga; entretanto, neste propositado interesse em situar Você e a situação do movimento cultuador do folclore, deixo bem claro o que é claríssimo: quem acionou a sensibilidade adormecida que Você portava, há 32 ou 33 anos passados, não foi a sua condição de profissional de Artes Gráficas, trabalhando na Imprensa Oficial do Estado. Bem exatamente, foi a divulgação do convite de Oswaldo R. Cabral, que foi o dinamizador da Subcomissão Catarinense de Folclore. Você sentiu a oportunidade, como um sinal verde, para manifestação pessoal. Você começou, indo como colaborador e voltando valorizado com a qualidade de membro do grupo atuante no garimpo (GARIMPO NÃO BEM DESCOBERTO E NÃO BEM EXPLORADO) do Folclore Catarinense! Você foi impelido e sustentado por uma sensibilidade fertilizada. Tanto assim que, no momento do esmaecimento da vida daquela Subcomissão (que se diga agora, foi oferecente de esperanças entre os folcloristas mais destacados), quando o seu Secretário-geral retirou a energia vitalizadora, e Walter F. Piazza, folclorista também, como continuador, permitiu que as aranhas tecessem teias na sua funcionalidade, Você apareceu, no primeiro plano, como um interessado, oferecendo vontade de continuação, opinião preservadora do conceito adquirido, energia pessoal objetiva.

Faz tempo, Doralécio, e Você vem de lá daquele momento quando a solução de continuidade instalou-se na Subcomissão Catarinense de Folclore e quem lhe concedeu o AGRÉMENT foi o próprio Oswaldo R. Cabral. O clima da funcionalidade então era encostado no zero negativo. Os interessados garimpeiros do Folclore Catarinense, alguns, ainda cedo, enfadonharam-se do garimpo — de certo não por desvalor do Folclore, mas por desaque-

cimento de interesse; alguns outros ficaram porém picados da interrogação: Folclore para que? — Afinal é lazer exigente de seriedade intelectual. A esta altura, existiu o processo de lenta desativação da vontade de “FOLCLO-REAR” e quem foi envolvido por ele ficou como quem fica num beco do qual a única saída é a desistência os que estavam na Subcomissão, ao modo de acompanhante de procissão, sem nem saber o sexo do santo, aceitaram com naturalidade a poluição antifolclore.

E Você ficou com o bastão simbólico da responsabilidade, a provar que existia um acervo fruto de trabalho realizado em cooperação. Continuou como foi possível e vem prosseguindo. As águas passam sob a ponte e você vem prosseguindo. Hoje, alguém deve, pelo menos, saber, quando falar sobre o movimento Folclore em SC., que o seu nome e este Movimento são inseparáveis. E já há anos. Se assim ou assado, não tem importância. Você teve o AGRÉMENT do secretário-geral da Subcomissão Catarinense de Folclore, Oswaldo R. Cabral, que não foi homem de FACILITAÇÕES, fechando olhos ou fazendo ouvidos moucos.

UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS FOI A TENTATIVA

E por que testemunhei e testemunho fidelidade ímpar (se assim ou se assado não tem importância) à preservação e divulgação do Folclore Catarinense, trago meu aplauso à nesga de sol que já é sua, por alimentar e realimentar o interesse e os interessados nesta área tão carente de sinceridade cultural. E vejo brilho de galardão no que Você faz, fazendo porque ninguém quis fazer.

A pesquisa folclórica precisa ser tratada cientificamente. Foi uma afirmação de Renato Almeida, em Florianópolis, SC. Todavia depois o Congresso Internacional de Folclore, reunido em São Paulo de 16 a 22 de agosto de 1954, discutiu, exaustivamente, o significado do nome FOLCLORE. Não vai aqui alusão conotativa visante de demeritação ao consagrado valor nacional de Renato Almeida (autor de A INTELIGÊNCIA DO FOLCLORE. 1a. edição, 1957). Vem o argumento para dizer que você, Doralécio, não ficou imobilizado ante a barreira da ausência de um preparo científico específico. Vocacionado para agir como folclorista, Você não procurou, ou melhor, não perdeu tempo com a definição da palavra FOLCLORE; não procurou valorização dizendo que fazia: DEMOPSIKOLOGIA; não exibiu conhecimento, dizendo que algures alguém dizia com referência a FOLCLORE:

VOLKESGEMEINSCHAFT. — Você, Doralécio, não se alterou nem se modificou; não se vestiu de novo nem encarnou papel intelectualizado; não perdeu tempo, procurando o divisor do que era etnográfico e do que era folclórico; nem tomou conhecimento se existia e onde ficava a autoridade, que ins-

truiria ESTA OU AQUELA preparação adequada como fabricação de um FOLCLORISTA. — Você ficou no seu: EU SOU ASSIM, sem pretensão de erudito, sem pose de teórico, nem fumaças de pernosticismo. E até hoje (mais de 30 anos no Movimento Folclore Catarinense), Você não tem a máscara de sumidade e nem o balançar acadêmico de cabeça. Entretanto, sei com os meus botões e muitas pessoas sabem o quanto tem dedicado tempo e vida, vida e tempo, ao Folclore Catarinense, principalmente, depois que Walter F. Piazza deixou a secretaria-geral da Subcomissão Catarinense de Folclore. Daquele instante para cá, colocou aos ombros a continuação da existência daquela entidade nascida no aplauso aquecido do grupo seletor, em que Oswaldo R. Cabral foi o líder. E aquela Subcomissão, como já disse, esteve vinculada a um órgão da UNESCO.

Sei que não é importante detalhar sobre os passos dados para tudo chegar aos seus cuidados. Acho, mesmo, que tal detalhamento cabe bem nas suas memórias (com OS ENTRETANTOS E OS FINALMENTE) de FOLCLORISTA SINGULAR, com muita ação e nenhuma inventiva.

E por causa dessa singularidade do seu caráter e força de vontade — não inventar, não sofisticar e agir-é que deu, acertadamente, uma certa preservação às raízes residuais do Folclore Catarinense. Pelo menos, assegurou a presença de estímulo aos grupos folclóricos praticantes. Quem como eu e outros seguiram o sociólogo Florestan Fernandes, bem exatamente, nada teriam feito. Avaliaríamos que uma “andorinha só não faz verão”. Isto por que tomei no ponto de partida ou melhor cheguei a ele com opinião formada em leituras e leituras e ainda seguindo aquele sociólogo, que no livro: A ETNOLOGIA E A SOCIOLOGIA NO BRASIL, que na página 266 (da edição de 1958), diz: AS TRANSFORMAÇÕES POR QUE PASSARAM OS ESTUDOS FOLCLÓRICOS EM SÃO PAULO SÃO FACILMENTE COMPREENSÍVEIS. A IDÉIA DE CONVERTER O FOLCLORE EM CIÊNCIA POSITIVA AUTÔNOMA TRAZIA, CONSIGO, LIMITAÇÕES E DIFICULDADES INSUPERÁVEIS. ESTÁ FORA DE QUALQUER DÚVIDA QUE O FOLCLORE PODE SER OBJETO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA. MAS, CONFORME O ASPECTO DO FOLCLORE QUE SE CONSIDERE CIENTIFICAMENTE, A INVESTIGAÇÃO DEVERÁ DESENVOLVER-SE NO CAMPO DA HISTÓRIA, DA LINGÜÍSTICA, DA PSICOLOGIA, DA ETNOLOGIA OU DA SOCIOLOGIA. O FOLCLORE, COMO PONTO DE VISTA ESPECIAL, SÓ SE JUSTIFICA COMO DISCIPLINA HUMANÍSTICA, NA QUAL SE PODERÃO APROVEITAR OS RESULTADOS DAS INVESTIGAÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE O FOLCLORE OU TÉCNICAS E MÉTODOS CIENTÍFICOS DE LEVANTAMENTOS E ORDENAÇÃO DE MATERIAIS FOLCLÓRICOS”.

“NEM POR ISSO, A SUA COMPLEXIDADE E IMPORTÂNCIA SÃO MENORES.” “O CAMPO DE TRABALHO DO FOLCLORISTA É SIMÉTRICO AO DOS ESPECIALISTAS NO ESTUDO DAS ARTES, DA LITERATURA E DA FILOSOFIA.” “APENAS DUAS DIFERENÇAS PARECEM RELEVANTES:

a) O FOLCLORISTA PRECISA FUNDIR COM FREQUÊNCIA, INDAGAÇÕES QUE PODEM SER FEITAS SEPARADAMENTE POR AQUELES ESPECIALISTAS:

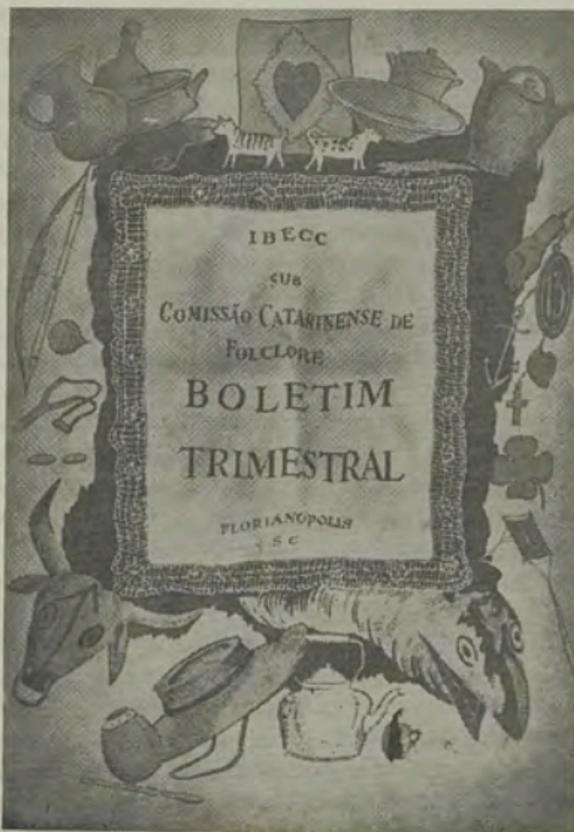
b) QUANDO O FOLCLORISTA TRATA DE EXPRESSÕES ORAIS OU DRAMÁTICAS DO FOLCLORE, MUITAS VEZES SE VÊ OBRIGADO a documentar, ELE PRÓPRIO, OS EXEMPLARES QUE PRETENDE INVESTIGAR.”

E na procura de discernimento e orientação metodológica nas leituras produzidas por cientistas sociais, sempre achei estímulo para ler mais, era assim como se, cavando poço à procura de água, começasse a sentir a umidade porém fui adquirindo cautela severíssima para decidir sobre uma imaginada atividade de escrever sobre Folclore. E de repente percebi, como resultante das leituras que o meu encantamento sobre nomes de folcloristas famosos estava ensombrado. Isto por que eles como ‘celebridades no Folclore’ jamais foram entendidos, por mim, como sujeitados a pautas científicas. Na minha domesticidade intelectual entendia que os folcloristas (OS DE GRANDE CONCEITO EM NÍVEL NACIONAL) eram uns e os cientistas sociais eram outros. Existiu momento em que foi difícil entender a separação do trabalho do etnólogo do trabalho do folclorista. E naquele momento de indagação, como se fosse de fome de esclarecimento, esbarrei numa pergunta reflexiva. Quero dizer, fiz pergunta aos botões da minha camisa de interessado em Folclore: pode existir um Folclorista sem ser cientista social, assim como existe poeta e ficcionista sem ser licenciado em Letras? – Levei tempo para ter resposta porém fiquei estacionado numa cautela entendendo o Folclore e o Folclórico dentro de complexidade especial. E dentro do Painele Catarinense, ao entendê-lo cada vez mais, o Folclore e o Folclórico passaram a não ser objetos de que fazer como lazer.

Por isso, entendi e aplaudi Oswaldo R. Cabral, interessado e entusiasmado na pretensão de “PREPARAR UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS; por isso, levei a sério o que escreveu Oswaldo Ferreira de Melo, na introdução do seu trabalho, “O TERNO DE REIS NO FOLCLORE CATARINENSE”. Disse, então, no ano de 1950: PARAMOS O OLHAR EM MEIO A ESSE ACERVO DE TRADIÇÕES, QUE VAI LENTAMENTE DESAPARECENDO POR INFLUÊNCIA DA VIDA E DOS COSTUMES DESTA FIM DE SÉCULO. A FIM DE ABSTRAIRMOS, PARA UM BREVE

ESTUDO, UM DOS FESTEJOS QUE MAIS DE PERTO TOCARAM A SENSIBILIDADE DO NOSSO POVO.”

Entendi que o DASAPARECENDO dito ali tinha significado de: os tempos vão mudando e jamais o FOLCLORE VAI DESAPARECENDO. Então, tomei um ponto de vista, exatamente, pela minha maneira de pensar: de certo muitos da Subcomissão Catarinense de Folclore perderam o “élan” de escrever ou melhor pesquisar sobre FOLCLORE E COLETAR O QUE ERA FOLCLÓRICO, por que a tarefa mostrou a verdadeira cara como não sendo de passa-tempo e, ainda por cima, exigia dedicação especial e mais esforço intelectual com talento.



UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS FOI META DE ENTUSIASMO

E tudo aconteceu em menos de meio século. Apenas, ou aproximadamente, entre 30 e 31 anos de nobre propósito de Oswaldo R. Cabral e a afirmação emocional, como portador de herança social, de Oswaldo Ferreira de Melo. — Doralécio, você sabe como sei, que um e outro, tiveram participação significativa no Movimento do Folclore Catarinense. É claro que não são eles dois os únicos, pois, recorro de outros nomes de interessados, mais de perto, naquela Subcomissão como, por exemplo, Giovanni Faraco. Apele para a memória, Você se lembra do gordo humanista Giovanni Faraco? Aquele que também trabalhava no Departamento Estadual de Estatística? E que morreu no início da década de 60, logo no início? Por ele, Doralécio, se mede como tinha gente de inteligência e talento na seleta equipe do lembrado D. E.E. Outros nomes da Subcomissão Catarinense de Folclore eram: Almiro Caldeira (romancista de ROCAMARANHA) e além de tudo um ANDRADA, família das raízes catarinenses, gente de civismo para dar e inteligência para engrandecer. E do Custódio Campos, você está lembrado? — Que sabia latim para ensinar e alemão para traduzir o livro de Carlos H. Oberacker Jr., A CONTRIBUIÇÃO TEUTA À FORMAÇÃO DA NAÇÃO BRASILEIRA. Editora Presença, RJ. 1968. E que Victor A. Peluso Junior, exatamente aquele que foi o criador do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia, também deu colaboração de boa qualidade, naquela Subcomissão e no seu boletim trimestral? Não sei se Você privou do talento e da inteligência de Ruben Ulisséa, gente da Laguna, uma vida dedicada à História regional e ao Folclore conotado com ela, foi outro no esforço grupal, que marcou a época. E nem faltou a presença e o prestígio de Henrique Fontes, inteira atividade honesta dedicada à pesquisa do passado catarinense, como se pode comprovar na sua bibliografia, principalmente, demensionando o valor, se possível, do livro: A IRMANDADE DO SENHOR DOS PASSOS E O SEU HOSPITAL, E AQUELES QUE OS FUNDARAM. E não foram só os mencionados. Existiram outros, que deles sei quase nada por convivência quase nenhuma. Também estava na Subcomissão o perfeccionista Altino Flores, crítico literário sabedor que o redondo do ó não é toda sabedoria; proprietário de talento e bagagem literária conceituadíssimos; jamais um gastador de palavra com “vintém de mel coado”. E ainda mais, para glória de quem conhece, autor de uma conferência pronunciada como representante de Academia Catarinense de Letras no dia 11 de setembro de 1940, durante o IX Congresso Brasileiro

de Geografia (Florianópolis, SC). Disse ele que era esboço delineado no painel da evolução literária. — “Seu” Dolaralécio, que esboço!

Injustiça merecedora de punição seria não apresentar entre os seletos, o genealogista Antonio Taulois de Mesquita, que de Genealogia CATARINENSE tanto como ele não existiu outro que entendesse, pois, ele com Carlos da Costa Pereira, modelo ímpar de pesquisador disto, daquilo e de tudo formante ou derivado dos catarinensismos, compuseram a dupla, até agora sem substitutos. E os dois mereceram assentos cativos naquela Subcomissão. Também gente talentosa de inteligência privilegiada sustentou a tomada de posição quanto ao estudo, à pesquisa e à preservação do Folclore, emprestando prestígio e apoio. Alguns do nosso modesto convívio como: Plínio Franzoni Júnior, Henrique Stodieck (este que afinal mais conhecido é como humanista um tanto bem situado na faixa da Filosofia, sempre vivo na lembrança dos que foram encantados com sua bagagem cultural e inteligência d’escol), Pedro José Bosco, Elpidio Barbosa, Aroldo Caldeira, João dos Santos Areão, José Cordeiro. E nem faltou Othon D’Eça, ao meu ver, o mais completo retratista da paisagem humana ilhoa; o decodificador do poema mar e homem, homem e mar; vento-mar-homem-salitrado, Areia-sol-sargaço. História de foi um dia que da conoa e do seu dono só o poeta e o prosador acharam o rastro. Quem admitiria não ter sido, Othon D’Eça, o autor de HOMENS E ALGAS, um entalhador e ao mesmo tempo colecionador de criaturas salitradas como Anselmo, o Boca-Muda, Lourenço Carpes, o Pica-pau, o João Saibro, criaturas vivas ainda hoje no popularesco praieiro — poemático onde vicentistas e portugueses fraternizados plantaram a semente do catarinensismo. Othon D’Eça, ali viu como disse numa transparência colorida: “UM GRANDE MAR DE INVERNO, ESCURO E LAMACENTO, ESCUMAVA E FERVIA COMO SE TIVESSE POR BAIXO TODO FOGO DO INFERNO.” Exatamente ele não tivesse o nome na relação dos membros de uma Comissão de Folclore, tendo ela a sede em Florianópolis? — E naquela, Doralécio, que você preserva como pode, porém com a fibra de zelador fiel, o Othon D’Eça estava. — E até seria uma ofensa ou um insulto à inteligência catarinense se não estivesse.

Convém entretanto apreciar que aquela Subcomissão foi envolvente até de políticos. De regra em SC aos políticos não sobram minutos para exame de meta cultural. E existem deles, que compreendem ser atividade dos políticos apenas os assuntos desenvolvimentistas e neste fazem concessão aos negócios da educação. É claro que não aprofundadamente. Ontem não era diferente. Pois o deputado federal Afonso Wanderley Júnior apresentou à Câmara Federal: “projeto de lei criando a cadeira de Folclore, nos cursos de História e Geografia e Ciências Sociais, das Faculdades de Filosofia, e que levou a assinatura de inúmeros deputados.”

Fica nesta retrospectiva avivada a memória do Dr. Afonso Wanderley Júnior. Foi advogado de escritório movimentado; político militante na União Democrática Nacional – UDN; acatado por seus correligionários e respeitado – simo pelos nossos do Partido Social Democrático – PSD.

Como se leu, aquela Subcomissão viveu momento de entusiasmo e alimentou entusiasmo pela identificação do que era Folclore e enriquecia ela própria pelo que era achado como Folclórico. Um detalhe precisa ficar visível para ser muito bem compreendido: na Subcomissão Catarinense de Folclore militou, interessadamente, a nata da inteligência residente ou domiciliada em Florianópolis.

Entretanto, diga-me Doralécio, QUEM É QUEM pertencente àquela NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTA falada na carta de Oswaldo R. Cabral para Renato Almeida. Verdade que não foi uma afirmação e sim um bem imaginado ideal, ao modo, é claro de contar com recursos humanos para realização ambiciosa na área do estudo, da pesquisa e da divulgação do Folclore. — E nem se duvida do honesto ideal. — Oswaldo R. Cabral pôs esforço, trabalho e decisão na vida da Subcomissão Catarinense de Folclore mas quem apareceu através dela como gente da nova geração de folcloristas? — Nós dois somos dois deles? — Da minha parte sei com certeza, que não sou. Já cheguei ao Boletim Trimestral, referido nesta tantas vezes, com capacidade de percepção. Já dominava sensibilidade e preparo para saber ver uma paisagem humana. Daí, por que o meu contacto com a paisagem humana da Bacia do Itajaí foi fertilizado. E também por que muito cedo compreendi a complexidade da composição do povoamento catarinense. E também por que tive condição de me debruçar para saber mais e mais sobre gente, Geografia e História, catarinenses.

Quando a História me deu as datas dos que chegaram, no século passado para fazer o povoamento das terras onde nasceriam os filhos como descendentes de açorianos; de germânicos; de italianos; de austríacos; de poloneses e doutros, procurei na Geografia, que ofereceu a estrutura física para o Painel da Comunhão, as identidades de cada grupo povoador, que somadas deram o catarinense. Entendi a singularidade regional: a soma das diferenciações davam como resultado a unidade. Naquele afã das buscas para assestar ponto de vista, levantei duas hipóteses para demonstrar: uma, exigia pesquisa rigorosa no conhecimento do Folclore; e o objetivo perseguido foi ver se a aparente evidência das misturas culturais entre os que já estavam com os chegados, e todos entre si, eram autênticas; outra, os qualificativos açoriano, alemão, italiano e outros doutros imigrantes como ganhavam nexo numa substantivação folclórica, no território catarinense; e o objetivo perseguido incluiu pesquisar onde estava o que de folclore já existia, quando o imigrante chegou.

E fui montando, para o meu uso, o Painei Catarinense, com vagar quelônico porém continuado. E na tarefa da montagem vou gastando 40 anos. Hoje, entendo que isso de chamar Folclore açoriano, alemão, italiano e quejandos, é de uma necessidade turística ou comercial. E só isto.

UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS FICOU NO ERA O QUE SE QUERIA

Entendo o objetivo do secretário-geral da Subcomissão Catarinense de Folclore, Oswaldo R. Cabral, como merecedor de todo acatamento e muito digno de confiança, senti a oportunidade como sentiria o personagem daquele escritor inglês: dois fios de cabelos numa cabeça calva e deveriam ser puxados na rapidez que passassem. Forte na minha vaidade em querer aparecer intelectualmente, decidi escrever trabalho para o Boletim Trimestral órgão daquela Subcomissão.

Embora motivado, admitia precisar de preparo adequado para coletar e transmitir. A minha autocrítica sempre foi autoritária e policial. E a porta aberta era o próprio momento rico de estimulação. Existia um interesse nacional sobre estudo, pesquisa, divulgação e trocas de conhecimentos, na área do Folclore Brasileiro. Quem quiser saber, saberá: as décadas de quarenta e cinquenta deste século detiveram destaques ainda não conhecidos em outras para os folcloristas e os trabalhos folclóricos. Também, na época, cientistas sociais estrangeiros ativaram, nos centros universitários liderantes (São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente), o ensino, a pesquisa aplicada e o editoramento de livros. Vali-me o tanto quanto possível dos meios melhoradores dos meus conhecimentos, explorei as oportunidades, utilizei as ofertas produtivas, procurei contactos úteis, assinei revistas especializadas, colecionei recortes de jornais, mantive correspondência, dei encargos às minhas amizades, usei oferecimentos cordiais, sobrecarreguei as minhas despesas financeiras com compra de livros. Li, li, li, sempre e muito interessadamente. Fiz questão de aceitar convites com a minha máscara de aprendiz de cultura catarinense; usando-a, sentia-me numa realização sem que fosse num HOBBY. Tomei como livro de cabeceira os livros de: LUNDBERG (George A.) Técnica de la Investigación Social. 1949, de FLORESTAN FERNANDES, Fundamentos empíricos de explicação Sociológica. 1959, de BAROJA (Julio Caro) Análisis de la cultura. 1949, de POVIÑA (Alfredo) Teoria del Folclore. 1953, de IMBELONI (J.) Concepto y Praxis del Folklore como Ciência. 1943, de SÁINZ (Luiz de Hoyos) y NIEVES (de Hoyos Sancho) Manual de Folklore. 1947, de RAMOS (Arthur) Estudos de Folk-Lore. 1951, CASCUDO (Luís da Câmara) Dicionário do Folclore Brasileiro. 1954. (Diz o autor deste dicionário que o escreveu aceitando convite de Augusto Meyer, quando era diretor

do Instituto Nacional do Livro – INL. Aqui ficam as homenagens ao poeta e ao folclorista Augusto Meyer. Só por ser editor deste dicionário, já seria imortalizado. Nem seria preciso se conhecer sua obra poética, sem dúvida, uma daquelas que engrandecem a poética brasileira)

E novamente puxando o fio da relação dos livros da minha cabeceira, prossigo: de SUMNER (William Graham) Folkways – Estudos Sociológicos dos Costumes – Tomo I. 1950, SPRANGER (Eduard) Ensayos sobre la cultura. 1947, de F. COLUCCIO y G. SHIAFFINO, Folklore y Nativismo. 1948, MACHADO FILHO (Aires da Mata) Curso de Folclore. 1947, RIBEIRO (Joaquim) Folklore dos Bandeirantes. 1946, de PIERSON (Donald) Teoria e Pesquisa em Sociologia. 1945. E outros mais. De certo modo, tudo que era relacionado como bibliografia de apoio à minha ansiedade de leituras. Vivi uma preocupação permanente em ter capacidade para conhecer o complexo cultural de SC. É claro que a problemática do Folclore, não por que se escrevesse também: Folk-Lore ou ainda Folklore. Pois não faltou quem até escrevesse: Folquelore. Também e mesmo assim situei na conformidade do alerta constante no Boletim Trimestral da Subcomissão Catarinense de Folclore, No. 2/ Dezembro de 1949/ano I, pág. 18: SEM A PESQUISA DEMOPSIOLÓGICA INICIAL, DOS ELEMENTOS ÉTNICOS ORIGINÁRIOS, QUALQUER MÉTODO DE ESTUDO DO FOLK-LORE BRASILEIRO TROPEÇARÁ EM DIFICULDADES INTRANSPONÍVEIS.”

Não foi contudo aquele alerta o único impulso provocador. Quando cheguei a SC já sabia onde estava a ponta do meu nariz. Já tinha em conta bem definida, avaliadamente, que a pesquisa social era o fundamental para o conhecimento de um aspecto social. Era afeito à pesquisa em livros, para comparações com realidades. Preferenciava a história e o histórico da Inteligência e da Cultura, brasileiras. Destaco que me valiu muito, como ainda hoje me valho, dos volumes da BRASILIANA (coleção da Companhia Editora Nacional, iniciativa de Fernando de Azevedo em 1931).

Em SC precisamente, em Blumenau, é que derivei para conhecer, pormenorizadamente, a contribuição dos germânicos, de modo global, no esforço do progresso e dos destaques, brasileiros.

E por causa desse: PRECISAMENTE, EM BLUMENAU, é que encontrei nos livros da Biblioteca de Ciências Sociais dirigida por Donald Pierson Ph. D, fundada e, 1943. Livraria Martins Editora. São Paulo, SP. (FOLKWAYS, de Sumer, já citado, foi um deles). Os livros foram MESTRES MUDOS como escreveu o padre Vieira. Porém, as revistas asseguram-me atualização. E entre elas foi minha preferida: SOCIOLOGIA (Revista Didática e Científica dirigida por Romano Barreto e Emílio Willems)

O Emílio Willems mencionado é o mesmo “Ph. D. professor de Antro-

pologia na Universidade de São Paulo e Escola Livre de Sociologia e Política (também de São Paulo, SP). O seu livro intitulado: ASSIMILAÇÃO e POPULAÇÕES MARGINAIS no BRASIL (Brasiliense v. 186) me foi recomendado pelo Interventor Federal Nereu Ramos, pessoalmente, no dia da inauguração da Biblioteca Pública Municipal "CRUZ e SOUSA", Indaial, SC no início da década de quarenta. E o seu livro: A ACULTURAÇÃO DOS ALEMÃES NO BRASIL (Brasiliense v. 250) é que mereceu aquele trabalho intitulado: E. Willems, "Alemães no Brasil". Consiste ser uma recensão crítica, publicada na Revista Portuguesa de Filosofia. Coimbra, Casa do Castelo, Editora. 1950. Devo o convite para escrever o trabalho ao professor Paiva Boléu (Universidade de Coimbra, Portugal).

Voltamos à revista SOCIOLOGIA, da qual tomamos desvio. Nela escreviam os cientistas sociais mais projetados nos conceitos universitários nacional e internacional. Fui seu assinante vários anos.

Outra revista da qual tirei apoio valioso foi: PROVÍNCIA de SÃO PEDRO (era editada pela Livraria do Globo. Porto Alegre, RS). Sem temer equívoco de citação, nela escreviam autoridades em saber escrever. E no detalhe do que divulgava sobre Folclore era assinado por quem sabia mais e até ensinava. De alguns, seguem os nomes para avaliação: Carlos Galvão Krebs, Edson Carneiro, Alceu Maynard Araujo, Darcy Azambuja, Dante Laytano, Walter Spalding, Luiz da Câmara Cascudo, J. Simões Lopes Neto e muitos outros. E nem posso excluir que também, na revista CULTURA POLÍTICA (Revista Mensal de Estudos Brasileiros, sob a direção de Almir de Andrade), colhi subsídios contribuintes para preparação ambicionada. Aliás, foi nela que li pela primeira vez trabalho sobre o BOI-DE-MAMÃO. É da autoria de JOSUÉ CLAUDIO DE SOUZA, com o título: UMA FESTA DO "BOI-DE-MAMÃO" em SANTA CATARINA. Está No. 9/10 de novembro de 1941/Ano I. O artigo tem intenções laudatórias à criatividade do ESTADO NOVO. É superficial e tem pouco mais de três páginas. Todavia, naquela revista, no No. 19/setembro/1942, Renato Almeida apresentou sua comunicação sobre uma pesquisa intitulada: O BUMBA-MEU-BOI DE CAMASSARI. (Doralécio, esse Camassari nada tem a ver com o Engenho Camaçari, aquele de Ioió Romão de Andrade Lima, meu tio, e o da minha infância com o primo Theódulo)

O Trabalho de Renato Almeida tem pouco mais de quatro páginas e uma ilustração. A comparação dos trabalhos de Renato Almeida com o de Osvaldo Ferreira de Melo: O BOI-DE-MAMÃO NO FOLCLORE CATARIENSE, ilustra conhecimentos sobre variações do Folclore Brasileiro. E vem para a conversa uma pesquisa de Alceu Maynard Araujo, DOIS DIVERTIMENTOS DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO: João Paulino e Maria Angu, um; A Miota e o Boi, outro.

(É boi barroso, pitanga ou aração, mas não é “Bumba-meu-boi” e nem “Boi-de-mamão”). Esta pesquisa foi publicada, in “TRÓPICO” revista de cultura e turismo No. 5/agosto e setembro de 1950/ano I. A área da pesquisa foi São Luís do Paraitinga (São Paulo). E alerta o folclorista de muito conceito: **DIGNO DE NOTA É A RESSURREIÇÃO DO BOI, TAMBÉM ENCONTRADA NO “BUMBA-MEU-BOI DO NORTE” E NO “BOI-DE-MAMÃO” DE SANTA CATARINA. ESTE BOI, PORÉM NÃO SE CONFUNDE COM AQUELES BAILADOS DOS REISADOS, DO CICLO DE NATAL.**

Como se há de entender, as citações vem em apoio da minha insatisfação (jamais para convencer e sim para explicar) em não admitir, pelo menos à primeira vista, a idéia de que o FOLCLORE EM SC seja um que aqui apareceu, decorrentemente daquele que os europeus trouxeram a partir dos açorianos (1748), germânicos (1829), italianos e tirolezes (1875) e outros mais, chegados depois. — Curiosamente, não recebeu o que já existia antes e nem se misturou entre si.

Tal concepção do que é FOLCLORE EM SC é tão asneirenta, que nem merece respeito pela monumentalidade.

Disse antes: “de certo modo tudo era relacionado como bibliografia de apoio a minha ansiedade de leituras.” Pois, naquela situação de ansioso por ler mais para compreender melhor, fui entrando numa insatisfação, que se transformou em dedicação ao catarinensismo (GARIMPO FRACAMENTE EXPLORADO), na qual permaneço. É permanência de 41 anos, com oito meses de vida no exterior. Hoje, a dedicação já tem a face sólida de responsabilidade. É na sua tela que levanto o perfil das raízes dos catarinensismos. A tarefa comparativa vem das duas décadas mencionadas (1940 e 1950) quando vi, tomei contacto, senti na pele: o ar, o cheiro, a cor, a vida na paisagem humana da Geografia dos Catarinensismos.

Nenhum arrependimento do tempo gasto, esmiuçando a complexidade do Painel Catarinense. É preciso entender que ser adulto em coisas de cultura é, pelo menos, ter responsabilidade. Aí, por que seguem com seus títulos e autores, os livros, que acusaram aquelas décadas, como salientadas na valorização dos assuntos folclóricos: AMADEU AMARAL, *Tradições Populares*. Com estudo de Paulo Duarte, 1948; AUGUSTO MEYER, *Guia do Folclore Gaúcho*, 1951; LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, *Melagro*, 1951; M. RODRIGUES DE MELO, *Cavalo de Pau*, 1953; F. COUTINHO FILHO, *Violas e Repentes*, 1953 (este livro quem mo deu foi Giovanni Faraco, aquele já citado como criatura dos grupos dos autênticos em catarinensismos); M. RODRIGUES DE MELO *Patriarcas e CARREIROS*. 2a. edição. 1954; LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, *Contos Tradicionais do Brasil*, 1955; WALTER SPALDING, *Tradições e Superstições do Brasil Sul (ensaios de folclore)*, 1955; MARIA

ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ, Sociologia e Folclore (A Dança de S. Gonçalo num povoado bahiano), 1958; LUÍS DA CÂMARA CASCU DO, Superstições e Costumes (pesquisas e notas de Etnografia brasileira), 1958; RENATO ALMEIDA, Inteligência do Folclore. 1a. edição. 1957.

Leituras e mais leituras como necessidade de conhecimentos, como necessidade de amadurecimento intelectual, como necessidade de familiarização com a matéria selecionada. E de repente, uma conscientização à leitura capacitava e fertilizava o acervo do conhecimento adquirido. Efetivamente, senti esse processo de melhorar a capacidade. Nas recordações indeléveis relacionadas com os assuntos sobre folclore, menciono que o livro de AIRES DA MATA MACHADO FILHO, O NEGRO e o GARIMPO em Minas Gerais, 1843; e o trabalho, que foi publicado em capítulos in CULTURA POLÍTICA com o título: O povo brasileiro através do folclore, de BASILIO DE MAGALHÃES, foram daqueles fertilizadores e sugerintes de produção com matéria existente no Paine l Catarinense. A esta altura da minha vivência, já me sentia adiantado num entendimento de catarinensismos, entretanto como espectador mais previdente com a complexidade. Aliás, foi, incondicionalmente, uma tônica do meu comportamento de escritor: entender bem para dizer. Vestia esta disposição, quando relendo ROGER BASTIDE, Bra sil Terra de Contrastes, demorei ou melhor fiquei como quem soletrava, mentalmente, a afirmação sobre o carnaval em Recife, PE: "O DO RECIFE É ENCRUZILHADA DE TRÊS FOLCLORES: O FOLCLORE NEGRO COM SEUS BLOCOS E MARACATUS, O FOLCLORE ÍNDIO QUE NELE FIGURA COM A DANÇA DOS CABOCLINHOS, E O FOLCLORE DOS BRANCOS COM O CAVALO-MARINHO, O BOI DE PAPELÃO PINTADO, OS LANÇA-PERFUMES QUE SÃO A FORMA MODERNA DOS BANHOS DE ÁGUA DOS VELHOS CARNAVAIS EUROPEUS." – E alimentando as minhas indagações assestadas como perguntas: e onde, como e quais as encruzilhadas dos folclores catarinenses, que os índios deixaram; que os negros deixaram; que os brancos com eles fizeram algures no planalto, algures nos vales, algures na faixa litorânea.

Quem ler um trabalho do folclorista DANTE DE LAYTANO, folclore do Rio Grande do Sul (publicado in Província de São Pedro, No. 19/1959), entenderá melhor as colocações das minhas interrogações. Para mostra, segue o trecho: "OSVALDO FERREIRA DE MELO DIZ QUE NO RIO GRANDE O FOLGUEDO É CHAMADO DE "Boi-bumba", como no Paraná e em algumas regiões do Norte do Brasil, MAS NÃO SE REFERE À INFLUÊNCIA CATARINENSE NA REGIÃO LÍMITROFE QUE É O CASO DE TORRES, PERMITINDO ASSIM ADMITIR, COMO DE FATO É CERTO, QUE O "auto" DO BOI, NO RIO GRANDE, CONSTITUI MANIFESTAÇÃO DE LIVRE INICIATIVA GAÚCHA."

E comenta sugerindo interpelação:

“CASO O “boi” QUE AINDA SE REPRESENTA EM TORRES FOSSE CATARINENSE, POR QUE NÃO INCLUIRIA A “Bernúncia”, QUE TEM PAPEL SALIENTE NO “auto” DO ESTADO VIZINHO?

“ASSISTIMOS EM 1949 UM “boi-de-mamão” EM FLORIANÓPOLIS MAS DIFERE DO NOSSO, QUE É MAIS POBRE, TEM MENOS BICHOS E O CANCIONEIRO ASSIM NÃO POSSUI MUITA RIQUEZA.”

Àquele tempo, como já defini antes limitado nas décadas de quarenta e cinquenta ao par do esforço reconhecidamente nobre e útil, tomei que havia uma certa anemia no interesse do divulgador do folclore de SC, embora no vário do Paine! Catarinense existisse material abundante (E TANTO COMO INEXPLORADO), aguardando pesquisas e pesquisadores. O múltiplo e o vário, que seria dizer o complexo definidor do catarinense, têm aspectos folclóricos ainda não pesquisados. E uma tendência para valorizar a originalidade, parcialmente, é uma constante. Basta ler, atenciosamente, os trabalhos publicados nos números do BOLETIM TRIMESTRAL da Subcomissão Catarinense de Folclore em todas as suas fases.

E quem os ler notará que, de cambulhada com o Folclore puro, foi aproveitada a satisfação para exibição da veia laudatória. Vem como exemplo da afirmação a matéria intitulada: SANTA CATARINA NO IV CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE (cf. Nos. 25/26 janeiro 1959 e janeiro 1960 – Ano XI). Também, páginas foram usadas com matéria própria do noticiário e da correspondência.

O cansaço dos redatores localizados como responsáveis pelo Boletim apareceu, visivelmente, quando inseriram trabalhos de valor específico, porém jamais sobre Folclore, como: TRADIÇÃO E PLANO URBANO – cidades portuguesas e alemãs, de Victor A. Peluso Jr. Nos. 15/16 junho/set. 1953 Ano IV. A FIGUEIRA, de Carlos da Costa Pereira, Nos. 20/21 set./dez. 1954 Ano VI. PINTIMBU – uma povoação pesqueira do nordeste brasileiro – de Pedro Agostinho da Silva, Nos. 25/26 jan. 1959 e jan. 1960 Ano XI.

Servem os relacionados como exemplos, porém outros confirmam que os membros da Subcomissão Catarinense de Folclore, já àquele tempo, não ofereceram material para ser publicado conforme a programação estimada para tiragem das edições do Boletim Trimestral. O que Você alega hoje, assim em tom maior de queixa, denunciando falta de colaboração com trabalhos para publicar, não é uma novidade, vem dos primeiros tempos da Subcomissão Catarinense de Folclore.

Aí, Doralécio, duas conclusões: uma, também com duas considerações; naquele tempo do entusiasmo, entendi como hipótese e confirmo hoje o entendimento hipotético de ontem com base no conhecimento das realidades

minhas conhecidas no Painei Catarinense. Boa parte dos temas folclóricos explorados e mais divulgados são variantes dos conhecidos nos folclores doutros painéis extrafronteiras catarinenses; outra, alguns folcloristas quando entenderam que escrever ou fazer folclore não era simples como parecia, tiveram o comportamento do violeiro, sempre mencionado no chavão popular: não podendo prosseguir na animação do bailarico meteu a "viola no saco". Os folcloristas, simplesmente, foram como vão, lentamente, numa desativação.

Aqui, é honesto dizer que, por certo, Oswaldo R. Cabral, percebeu a carência. E por percebê-la é que manifestou a Renato Almeida a idéia de estimular o aparecimento de "UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS."

Por outro lado, o douto folclorista Renato Almeida procurava divulgar que não aplaudia a superficialidade no Folclore. Nem esta e nem a erudição de gabinete com "BISANTINISMOS BIBLIOGRÁFICOS." Quem quiser ler o que ele escreveu, criticando e esclarecendo, leia "O PLANO NACIONAL DE PESQUISAS FOLCLÓRICAS, publicado in Boletim Trimestral Nos. 9/10 set./dez. 1951 Ano III.

Também, elucida que ambos sentiram que o preparar novos folcloristas era tarefa de significação maior. Para entender como Renato Almeida compreendeu Oswaldo R. Cabral, segue o trecho final de sua carta como resposta: "A IDÉIA DE VOSSA EXCELÊNCIA DE PREPARAR UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS DEMONSTRA O SINCERO EMPENHO COM QUE ENCARA OS NOSSOS PROBLEMAS, COM LOUVÁVEL DESINTERESSE E PREOCUPADO MAIS COM SEMEAR DO QUE APRESSADO EM COLHER FRUTOS FÁCEIS. MUITO ME APRAZ CONFESSAR-LHE, QUE, NO ESFORÇO CONJUNTO QUE EMPREENDEMOS PELO FOLCLORE BRASILEIRO, Vossa Excelência, apesar de seus inúmeros afazeres de homem público, PARLAMENTAR E MÉDICO CLÍNICO, É UM DOS COMPANHEIROS DE MAIOR DEDICAÇÃO, ENTUSIASMO E DINAMISMO. NÃO SÓ A COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, MAS, POR IGUAL O IBECC, TÊM NA MAIS ALTA CONTA OS SEUS EXCELENTES SERVIÇOS E BENFAZEJAS REALIZAÇÕES."

PEÇO-LHE TRANSMITIR MINHAS CONGRATULAÇÕES AOS DEVOTADOS COMPANHEIROS, QUE TANTO CONTRIBUEM PARA OS TRIUNFOS DESSA COMISSÃO, E RECEBER AS GARANTIAS DA MINHA PERFEITA ESTIMA E DISTINTA CONSIDERAÇÃO, a) Renato Almeida - Secretário-Geral." (Cf. Boletim Trimestral No. 7 março de 1951 Ano II)